

Salomão Rovedo

Textos, alguma poesia,



tradução, éditos e inéditos

**Rio de Janeiro, Cachambi
2022**

Ano do fim da Pandemia de Covid-19

Salomão Rovedo
Textos, alguma poesia, tradução,
éditos e inéditos
Rio de Janeiro, Cachambi, 2022
Ano do fim da Pandemia de Covid-19

Índice

Preâmbulo

Carnaval – Alegria e Tristeza

João Rovedo - A outra face da ilha (poesia)

Armário de Palavras – Crônicas de Joaquim Itapary

Fernando Braga: Um lendário contador de histórias

Dois Poemas

A morte do poeta popular José João dos Santos ‘Azulão’ (1932-2016)

Abgar Renault – uma lição de 30 anos

Academia Brasileira de Letras: perten(ser) ou não, eis a questão

Adeus aos livros

O amor nos tempos do Messenger

Bárbara Maidel

Júlio Diniz – A Carne

O futuro é ontem

Quem foi Han Hyner?

Três poemas (Tradutor desconhecido)

O breve reinado das Donzelas (Reportagem)

O poeta *princeps*: Leandro Gomes de Barros

Primos-ermãos - Joaquim Itapary

Liberdade

Gabriela Mistral

O escudeiro de Caíssa

José Angel Buesa (Cuba, 1910-1982)

Diário do Wordpress (excerto)

Com alunos do idioma português do México

Detetives na TV

Escrever e publicar

Preâmbulo

Este volume é formado – como diz o título – por uma juntada de textos que estavam dispersos, tanto na forma física como nos temas. Alguns já foram metidos aqui e ali, outros estiveram esquecidos nas gavetas (pastas) do velho desktop e mesmo sendo apresentados juntos aqui, estão separados pelo tempo, pelos temas, pelas ideias que mudam e se transformam a cada instante em nós.

Sempre vive a esperança de que algum leitor, pesquisador ou o simples diletante das letras, encontre algo que recortar, citar aquela palavra, texto ou imagem inventada que desperte a curiosidade para outros caminhos, invenções de outros autores ou textos anônimos.

Sem alimentar esse sonho nenhum escritor rabisca o texto, nenhum pintor suja as telas e grava em papel, nenhum compositor compõe trilhas sonoras, nem dissonâncias, nenhum fotógrafo clica o mundo, nenhum artista, enfim, sobrevive. E sem arte não há salvação.

Nem todos textos mostrados são de minha autoria. Escritos de amigos, artigos lidos na internet, citações, que gostei de ler, formam esta colcha de retalhos, porque merecem ser compartilhados. Essa disseminação compartilhada, que serve de justificativa a várias ideologias, além de combater o egoísmo que nos é imposto desde o nascimento, é naturalmente usada por todos os bichos da terra. Faz parte do que chamamos companheirismo.

Rio de Janeiro, Cachambi, outono de 2022.

Carnaval – Alegria e Tristeza



Deslocando-me durante o Carnaval procurei transitar por ruas poucos movimentadas, quando me vi às portas do Cemitério de Irajá. Lá dentro, deu para perceber, um pequeno cortejo fúnebre, não mais de dez pessoas, na maioria membros da família, levava alguém – como se diz – à sua última morada. Cá fora soavam marchinhas e frevos, pipocavam tamborins, batucavam tambores dos blocos e bandas. Imagino que lá dentro do cemitério, mesmo com essa zoada toda, fazia-se silêncio nas mentes dos entes queridos que – em muda oração – se despedem de alguém que lhes fora precioso.

Lembrei-me imediatamente de outro Carnaval, já distante, há exatos 50 anos, em 1964. Estávamos em pleno Carnaval do Rio de Janeiro, no dia 9 de fevereiro, um domingo, quando a notícia do falecimento de Ary Barroso, compositor de obras-primas, como “Aquarela do Brasil”, “Na baixa do sapateiro”, “Bahia” e “No rancho fundo” – entre outras tantas músicas de grande beleza, cantadas no mundo todo e também de muitos sucessos de carnaval, surpreendeu os milhares de foliões e brincantes.

Não preciso repetir o quanto o Rio de Janeiro é alegre e agitado durante o Carnaval, festa que é o próprio sinônimo da cidade, cuja dimensão se espalhou como exemplo por todo o país e até no estrangeiro. Sim, hoje temos carnavais “cariocas” em Paris, Nova York, Tóquio, Copenhague, Xangai e pelo mundo afora. São carnavais onde culturas se misturam com harmonia tendo como base o samba, a marchinha, o frevo, o maracatu, no Maranhão, a reminiscência dos tambores – a nossa Casa de Palha, o Tambor de Crioula – mas que também aceitam o rock, o reggae, o pasodoble, as sisudas valsas vienenses e o som barroco do Carnaval de Veneza.

Ary Barroso, era fanático por futebol, foi locutor esportivo, cronista e comentarista, ilustrava suas irradiações dos jogos com o apito estridente de uma flautinha de plástico que reproduzia as sete notas musicais. Toda vez que ele fazia um comentário, era aquele irritante pi-pi-pi-ri-ri-ri-lá pra lá e pra cá. Além disso, era torcedor do flamengo, daqueles fanáticos, que se enrolam na camisa e dormem com lençol rubro-negro. Então, com essas qualidades todas, morrer em pleno domingo de Carnaval, dá pra imaginar a reação do público e da imprensa. Foi um alvoroço total!

A notícia se espalhou rápido como fogo na palha, causando rebuliço e alterando a programação de foliões. Uma multidão, mudando de direção, começou a se encaminhar para acompanhar o féretro e levar o compositor à sua última morada – para repetir o chavão – que seria o Cemitério São João Batista, em Botafogo. Não foi pouca gente, não. Milhares de indivíduos lotaram o campo santo, sem se importar com outras pessoas que ali estavam para enterrar seus mortos. Blocos, escolas de samba, bandas, representantes de clubes esportivos e mais a torcida do Flamengo – que não se conta nos dedos – todos estavam ali para dar adeus a Ary Barroso.

Os mesmos que acompanhavam as transmissões das partidas, os mesmos que ouviam suas músicas nos rádios e TV, os mesmos que cantaram as marchinhas “Flor tropical”, “Grau dez”, “Upa upa”, “Eu dei”, os sambas “Cinco horas da manhã” (mais conhecida por “Zé marmitta”), “Eu gosto de samba” e outras músicas que se tornaram populares, lotavam o espaço do Cemitério São João Batista, como se estivessem no próprio Maracanã. Não foram poucas as marchinhas e sambas com que o compositor se fazia representar nos carnavais e quase todos eram ali cantados de entremeio ao samba mais famoso: “Aquarela do Brasil”, que a multidão, entre lágrimas e risos, executava emocionada.

Acredito que o próprio Ary Barroso, se pudesse, teria escolhido para morrer esse mesmo domingo de Carnaval e para o seu féretro teria optado por esse ambiente surreal em que se transformou o Cemitério São João Batista – uma multidão de palhaços, arlequins, colombinas, fofões, marinheiros, homem vestido de mulher (e vice-versa), dançarinas, bate-bolas – envolvido pelo som dos tamborins, o lamento da cuíca, os soluços de adeus, tendo como fundo sonoro a sua música cantada em todos os recantos. Tudo isso debaixo de um calor de 40 graus. Em todas as direções se viam

grupos carregando bandeiras rubro-negras do Flamengo, trazendo as flâmulas tricolores do Fluminense, uma ou outra Estrela Solitária do Botafogo ou a Nau Cruzmaltina do Vasco – a grande maioria dos clubes cariocas se fez representar em respeito à grande figura que foi Ary Barroso.

Se fôssemos fazer um paralelo, viria logo à mente o carnavalesco féretro que acompanha os mortos de New Orleans, outros que se tem conhecimento de muitas tribos, dos aborígenes da Nova Zelândia e diversas tradições que transformam a morte em alegria, tanto em honra da vida que o morto levou na terra, quanto pelo acervo que deixou entre os seus. É nesse rito de passagem, que muda e se transforma, onde fica toda a maldade, a feiura, o erro cometido, a injustiça – nesse momento nada se julga: a purificação se faz.

Pois é assim que é o Carnaval: o folguedo da alegria é a mesma festa da tristeza que se embaralha e se estende por toda a nossa existência, acompanhando-nos ao comum destino final.

João Rovedo
A OUTRA FACE DA ILHA
(poesia)

São Luiz - Maranhão

1ª edição 1984

2ª edição 2014

© João Rovedo

Apresentação: Fernando Braga

Capa: João Rovedo & Cláudio Ferro

Revisão: Danielle Amaral

Rovedo, João

A outra face da ilha

2ª edição – São Luiz, 2014

88 p

1. Literatura brasileira: poesia

2. Literatura maranhense: poesia

I. Título

CDA 869.91

Apresentação

João Rovedo é o autor de “A outra face da ilha”, livro com que abre uma porta ao universo poético maranhense, mais particularmente, de São Luiz, esse território de artistas e pensadores, de lendas e abusões.

Nesse campo campo real e mítico, os versos desse mercador de sonhos atrelam-se em espaços lúdicos onde, na maioria das vezes, se abstraem tomados pelas formas livres como a viração nas tardes da ilha.

São versos quase dispersos que migram entre si, se identificam com os fatos visíveis da paisagem ludovicense, marcante no seu todo como contexto a realizar-se como ancoradouro emocional e visionário tendo como objetos os sobrados e sacadas, portais e janelas, fontes e mirantes, becos e azulejos como projeções em seus sentimentos e lembranças, símbolos mais que suficientes para motivação poética.

São ainda carregados de signos os poemas deste livro, que os fazem cambiantes, alguns aflitos e com gritos sociais, estridentes mesmo, bem à

moda do tempo que ora passa; outros, embalados na boa querência, falam de amor à ilha e aos frutos de sua eugenia, mas todos recortados por vezes de uma realidade que o limite é a franqueza.

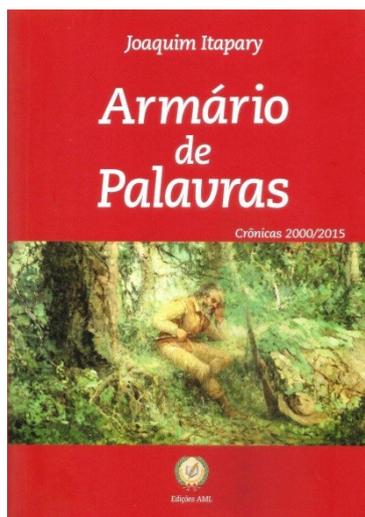
“A outra face da ilha”, do poeta João Rovedo, é manejado com características pessoais: são versos que emergem como partes naturais de seu intimismo, engenhados por crença do autor, sem pontuação, a conduzi-los a um único fôlego, mas que mesmo assim chegam plenos e inteiros ao outro lado da travessia, agarrados à palavra, essa lavoura indomável de estrutura verbal, esse encanto linguístico que faz a essência do poema ser eterna e com ela se corporifica e se espiritualiza e se personaliza.

Meu caro João Alfredo Boabeyd Rovedo, em obediência às determinações de Deus, sempre é tempo de ser poeta, mesmo que ali não mais tenha a face de ontem.

Fernando Braga

Aviso aos navegantes

Ao concluir a trilogia da vida: fazer filhos, plantar árvores e escrever livros, a ideia desta obra é também registrar um pouco do perfil humano – o lado visível –, digamos assim, da ilha de São Luiz, gêmea física e social de outras tantas, onde seus nativos, ou quase todos, são massificados pelo dia a dia leviano, restando-lhes apenas o apelo que fazem em forma de cantos e encantos, para que melhores auroras cheguem com as boas vindas dos ventos gerais. Nessa assertiva roguemos às palavras que se construirão.



Joaquim Itapary-Armário de Palavras
Crônicas
Edições AML-São Luís, 2015

A crônica, dizem os entendidos, é o gênero literário mais dinâmico, porque está localizado entre o jornalismo e a história: é o relato mais objetivo possível de um acontecimento, no tempo que ocorreu. Na verdade, a crônica hoje em dia tornou-se um gênero literário indefinido, assim como a novela, o conto, o romance. E para finalizar esta introdução, toda a literatura tá um cu-de-boi danado! Então, crônica é aquilo que o autor chama de crônica...

Há décadas que Joaquim Itapary anda de mãos dadas com a crônica semanal, mas demorou algum tempo para que assumisse de vez a crônica como gênero literário de sua preferência. Se isso ocorreu, diga-se, não foi por escolha própria, ao contrário, foi a crônica que o nomeou seu intérprete, assim como os espíritos elegeram Chico Xavier para narrar as histórias de outras vidas. São mistérios...

Ocorre que a crônica é um tipo de literatura cheia de pegadinhas, que começa desde o dia em que é enviada aos redatores, continua quando o leitor acaba de ler, segue quando o diário vai para o lixo e termina nas mãos do peixeiro ao embrulhar a pescada – se não lhe for dado destino menos nobre...

Nenhum cronista nem daqui nem d'alhures ousaria imaginar uma trajetória além desse circuito de vida tão curta e de pouca fama. Assim sendo, correria risco de ser xingado de pedante, metido a besta e outros

adjetivos impublicáveis. E como tiro de misericórdia, lerá a crítica demolidora que decreta a sentença de morte da crônica no dia que sai no jornal.

Por isso disse acima que a crônica é um tipo de literatura cheia de pegadinhas e armadilhas que põe a biografia do cronista em constante risco de vida. Certo dia, porém, Joaquim Itapary dormiu e acordou com a ideia fervendo na cabeça: por que não publicar as crônicas em livro?

Aí foi um deus me acuda! Opiniões a favor, palpites contrários, nada fez o cronista desistir do intento. Centenas de folhas espalhadas pela mesa de trabalho obrigaram-no a pedir arrego. A papelada teimava em não se organizar ao molde do autor.

Jogou tudo nas mãos de organizadores. As crônicas foram escolhidas por temática, outras pelo belo simples, mais algumas pela importância do assunto. Algum tempo depois, a maçaroca foi-lhe devolvida acompanhada de relatório, índice, colofão, notas explicativas, essas coisas feitas com profissionalismo e dedicação.

Mas qual nada! O cronista Joaquim Itapary, acostumado ao rigor das lutas pessoais, não se deixou tombar pelo canto das sereias. Tomou o leme nas mãos, imaginou as crônicas recitando os nobres versos de Walt Whitman: – Ó Comandante! Meu Comandante! – como se a ele fizessem o apelo definitivo: – Por favor, guie-nos!

Desde que a primeira coletânea foi publicada (“Sob o sol”, 2000), estaria entregue aos leitores com recomendação de que seria a crônica o principal veio comunicador de Joaquim Itapary, embora não lhe falte talento nem competência para outras estiradas, como assim atesta a sua bibliografia. Em 2007 Joaquim repetiu o feito, desta vez declarando amor perpétuo à cidade de São Bento, que idolatra desde a infância e não deixa de visitar várias vezes por ano, assim que o tempo permite.

Agora que deixou as Folias de Momo de lado, deu conta de que as festividades carnavalescas andam muito desvirtuadas – como confirmam as crônicas Primeira, Segunda e Última do Carnaval, encontradas neste Armário de Palavras. Fugindo da folia, Joaquim Itapary arruma a mala e

parte para a terra querida em busca da refrescância da alma, dos prazeres do corpo e da memória.

Assim nasceu o segundo livro de crônicas “Tapuiranas” (2007). Como a experiência seguiu o mesmo ritmo de “Sob o sol” (2000), em 2014 uma nova juntada se fez, estreando no volume a crônica de sabor universal que dá nome ao livro: “Onde andar\u00e1 Willy Ronis?”. Ambos foram publicados pelo autor, mas sob a chancela da Academia Sambentuense, da qual Joaquim Itapary \u00e9 membro.

Com este “Arm\u00e1rio de palavras”, sa\u00eddo neste ano de 2015, em coedi\u00e7\u00e3o do autor com a Academia Maranhense de Letras, Joaquim Itapary prossegue no af\u00e3 de resguardar um importante ciclo da hist\u00f3ria cotidiana de S\u00e3o Lu\u00eds e do Maranh\u00e3o, embora o cronista n\u00e3o deixe de lado o universo que cerca a Ilha Rebelde e de vez em quando traz para seus leitores not\u00edcia d’al\u00e9m mar. \u00c9 pegar e ler.

Rio de Janeiro, Cachambi, outubro de 2015.

Fernando Braga: Um lendário contador de histórias



*“Quando entro nesse bar
e vejo um serviço sem par,
digo de mim para mim,
esse bar do Serafim
será fim de todo bar”.*

Dizia o poeta Corrêa de Araújo, depois de beber uma bomba, aperitivo que era feito com doses de conhaque, gim, bagaceira, uísque e vinho do Porto. Tinha razão o poeta. Enquanto o Moto existiu, nenhum outro, do gênero, em São Luís, se postou firme. Foi ainda no Moto Bar, que eu ainda rapazote, fui apresentado por meu pai a um gajo de cabelos lisos, caídos à testa, calçado com sandálias franciscanas, vestido com macacão frente-única, como se chamava ao tempo, portando a tiracolo uma máquina fotográfica.

Era Ubiratan Teixeira, recém-chegado da Europa onde foi estudar teatro. Ubiratan Teixeira a quem carinhosamente chamávamos de Bira nessa época era repórter do Jornal do Povo, órgão combativo das oposições coligadas, de propriedade do jornalista e Deputado Neiva Moreira, onde ele, Bira, alugava suas atividades de escrever, o que, aliás, sempre o fez muito bem, e de onde, com suas reportagens, colheu grandes subsídios para seus livros de contos.

Às vezes que estávamos no Moto Bar e aparecia por lá o Ubiratan, meu pai, todo cheio de si, chamava-o para dizer-me que ele conhecia sua terra em Portugal. Foi assim que comecei a ser amigo do Bira, como todos o chamam em abrandamento de afeto; depois de muito tempo, confidenciou-me que foi meu pai que o ensinou a beber vinho, dizendo-lhe que tivesse o

máximo cuidado em servir, porque dentro da garrafa estava um ser que merecia cuidados e determinava ao bebedor certo ritual. Confessa Ubiratan que esses experimentos se davam com o famoso vinho virgem, que na nossa doce inocência o chamávamos de casca de mangue.

Até o parágrafo acima, evidentemente, com outras informações pitorescas sobre o Moto Bar, que fazem parte das minhas memórias (escritos em fase de organização), mandei para a leitura do Ubiratan que ao tempo, juntamente com outros intelectuais, tinham uma coluna semanal n'O Estado do Maranhão, intitulada Hoje é de dia de. E o Bira com esse meu trabalho (extenso, por sinal,) diagramou-o para um mês, isto é, um por semana. Assim deve ter gostado do texto, como lhe chegou na hora de um possível descanso.

Estava no Rio de Janeiro, no início de 1976, para espairecer os nervos, vez que minha mãe morrera em junho de 1975 e meu pai, em dezembro (dia de Natal, aniversário dela) daquele mesmo ano. E lá me encontrei pó acaso com Nauro Machado, na Praia Vermelha, perto de Botafogo, pois ele estava na Rua Bambina e eu na Voluntários. Foi aquela alegria, onde ele me falara que Ubiratan estava lá também no Rio, escondido por Santa Teresa, resquício de algum albergue, quer dizer sobradão, ligado à Casa do Estudante de Teatro, por onde ele passou certa época a estudar.

Pois bem, na noite daquele mesmo dia nos encontramos, na porta do Cine Ópera, em Botafogo, e molhamos o bico por lá mesmo. Nauro tinha ido lançar seu livro Órgãos Apocalípticos. E começou o delírio ambulatório, Cabia a Ubiratan marcar os próximos encontros que eram mais ou menos assim Nos veremos a meia noite no Amarelinho, na Cinelândia, ou então, as duas da matina no Bar do Imperador, na Lapa. E assim era!

Foi numa dessas andanças que visitamos Dom Marcos Barbosa, Monge Beneditino, no próprio Mosteiro; ele tinha sido na vida secular um próspero advogado; Dom Marcos é o imortal tradutor do Petit Prince; aproveitávamos e íamos também a Copacabana tomar umas com Lago Burnett e visitar ali por perto Adonias Filho e Antônio Olinto, nomes consagrados e da bem querença de Nauro Machado.

Uma bela manhã, no sentido Praia de Botafogo – Voluntários da Pátria, deparei-me com Nauro portando um gatinho nos braços a falar alto

e com ternura com o bichano para o espanto dos transeuntes: Hoje eu me mato, hoje, eu me mato. Até que um dia, para o bem de todos, cada um tomou seu rumo e nos dispersamos.

Ubiratan Pereira Teixeira nasceu em São Luís, a 14 de outubro de 1931; era professor, crítico de arte, jornalista, ficcionista, diretor e autor de textos teatrais. Integrante de importantes movimentos culturais de São Luís, entre os quais a SCAM – Sociedade de Cultura Artística do Maranhão e o Centro Cultural Graça Aranha. Foi no Maranhão, um os principais baluartes da famosa Geração de 45. Ra membro da Academia Maranhense de Letras, onde ocupava a Cadeira nº 36, patroneada por Tasso Fragoso e fundada por Bacelar Portela.

Trabalhou em quase todos os jornais de São Luís e foi por muitos anos funcionário da Televisão Educativa, onde exerceu várias funções entre as quais, produtor de programas culturais, professor de TV e diretor de programas. Ganhou juma bolsa de estudos para direção teatral, concedida por Paschoal Carlos Magno, estágio na Academia D’Art Dramática Pró Dei, em Roma, onde teve aulas com Federico Fellini e no Piccolo Teatro de Milano participou de montagem da peça Nostro Milano, dirigida por Giorgio Streller. Era Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Maranhão e em jornalismo pela PUC/SP.

Um dos principais ficcionistas maranhenses da atualidade é autor de obra contística que inclui algumas das melhores realizações desse gênero dentre nós. Sua bibliografia é extensa, como a alma era para Fernando Pessoa.

Bira deixou o nosso convívio em 15 de junho de 2014, todos nós e principalmente sua amada Mary, companheira de muitos e muitos anos (sua dona, como ele chamava), e mais filhos e netos. Todos na pegada intelectual do mestre.

Adeus Bira, quanta saudade eu tenho de ti, irmão velho!

(Texto de Fernando Braga)

Dois Poemas

1

A moça morta na calçada

A moça morta na calçada, todos sabem, desalmada se atirou, voou desarmada ou escapuliu sem amor pela janela escancarada, numa manhã domingo de sol.

A moça morta na calçada, ninguém viu, se limpava a janela, se arrumava a cortina que esvoaçava ao vento (ou o corpo, no atrevido gesto?).

A moça morta na calçada, num Domingo de verão, não teve escrúpulos em eleger o dia, porque falou mais alto o desespero, a solidão, o coração...

A moça morta na calçada reflete fielmente a angústia e o pavor que invadiram a cidade de ponta a ponta, intrometendo-se nas casas, de teto a teto, no interior dos seres, de parede a parede, nas vias e cidades, de mundo a mundo.

A moça morta na calçada, estendida languidamente, não entreviu além, na praça ajardinada, os brinquedos infantis, as crianças paralisadas subitamente, a expressão facial de susto, o movimento corporal estático, perplexas, inconsequentes de tudo o que significa a tentação humana, admirando o novo corpo que sem asas se eleva e voa.

A moça morta na calçada se despiu da roupagem humana e flutuou eterizada no espaço do 10º andar da existência, percorrendo o longo-curto caminho em segundos, milionésima fração de tempo, para ultrapassar as barreiras supérfluas de um estado corporal a outro.

A moça morta na calçada, desfigurada, teve o bom senso de esconder sob o ensanguentado corpo a face despedaçada, os braços flácidos de fantoche.

**A moça morta na calçada,
os rostos impassíveis dos passantes,
a técnica fria e calculista da perícia policial,
a presença ingênua da infância, a gelada participação
do bloco de concreto e cimento de dez andares,
as árvores e os jardins floridos, o sol e o dia de verão,
quentura de 40°C – a moça morta na calçada...**

**A moça morta na calçada, num Domingo de verão,
logo juntou gente interessada em saber como as coisas
ocorreram, bombeiros, vizinhos, porteiros, jornalista,
polícia, passante, padeiro, motorista, feirante.**

**A moça morta na calçada teve o corpo, já sem alma,
coberto com a anônima alvura do lençol,
o próprio lençol que a cobrira à noite da brisa fresca
da madrugada, agora estirado sobre o fardo inerte,
logo se transformou em mortalha.**

**A moça morta na calçada, em dia de futebol no Maracanã,
deixou desinteresse pela razão sentimental, estando
o motivo tecnicamente explicado pelo perito policial.**

**A moça morta na calçada, amanhã de manhã,
antes do esquecimento tumular definitivo e total,
será manchete em algum canto de página do jornal
sensacionalista, ávido por notas trágicas:**

**A moça morta na calçada – Foi por amor? Foi por saudade?
Foi por loucura? – no dia 3 de dezembro, se atira do 10º andar
de um prédio em Copacabana.**

Rio de Janeiro, Copacabana, 03/12/1972.

Nênia ao irmão Benjamim

(Benjamim Moloise, poeta negro condenado por atividade libertária e enforcado pelo governo racista da África do Sul, em 18/10/1985)

Eis-me aqui, irmão Benjamim,
bem distante do teu materno regaço,
a soluçar ao ouvir o lúgubre gemido das carpideiras.
(Porque somos desvairados e loucos [nós os poetas],
não hesitamos usar a poesia e dar a vida para combater
a fome, matar a sede de Liberdade.)

Eis-me aqui nesta distante constelação, impotente, irmão
Benjamim, paraíso onde a negritude comete desigual luta e
hoje. Este coração menos branco de revolta se inflama,
de negro se enluta, porque agasalha a alma de poeta,
imperfeita, maciça, de ébano, de fogo, de marfim.

Poeta foi Deus, irmão Benjamim, poeta o Seu filho
bem amado Jesus, poeta e profeta foi Maomé,
poeta foi Buda e os santos Sufis, poeta Ho-Chi-Min,
poeta Mao Tsé Tung, poeta foi Ernesto Che Guevara.
Eis-me aqui, irmão Benjamim, longe das abertas
fronteiras, sempre disposto a empunhar a palavra
gélida feito aço, fazê-la raio, míssil, trovão.

E morrem todos os poetas na areia da praia,
morrem na forca, morre poeta na cruz,
poetas que foram Samir Al Kassim,
poeta como tu, irmão Benjamim.

Eis-me aqui, irmão Benjamim, já sem cor,
sem credo, sem nome, tentando inutilmente
entender por que morrem os poetas.
Castro Alves, Frederico Garcia Lorca,
Leopold Senghor, Ernesto Cardenal,
poeta Martin Luther King, Victor Jara

**– morrem os poetas no terror, fuzilados,
eis-me aqui, irmão Benjamim,
cantando os irmãos poetas torturados.**

**Destino de poeta é semear o vento,
lavar o espaço, bramir no deserto
– irmão Benjamim –
destino de poeta é gritar alto o clamor
da desigualdade, gritar bem alto que a
Liberdade somos nós.**

**Eis aqui, irmão Benjamim, a sonhar
o sonho colorido – que promete a mesma
e desesperada Liberdade
– que nos faz crer tê-la, plena, total,
em êxtase inda que não venha hoje
ao pôr do sol deste triste dia.**

Rio de Janeiro, Cachambi, 18/10/1985.

**A morte do poeta popular
José João dos Santos "Azulão"
(1932-2016)**

Desta vez foi a Ana Carolina que me telefonou aflita, num tom de provocar infarto: “Sá, tenho uma notícia triste para te dar: faleceu o Azulão”. Realmente, dito assim é dose! E muito forte pro meu frouxo coração. Peguei um copinho de Boazinha, que é excelente vasodilatador, esquecendo o lado triste, comecei a pensar como o conheci, já famoso, nas décadas de 1970.

Posso dizer que Azulão, apelido de José João dos Santos (sempre tive dificuldade com esse nome: É José João? É João José?), foi um dos poetas que me recebeu na Feira de São Cristóvão, não como “intrujão” – como outros o fizeram – mas como um fã da literatura de cordel, da poesia popular, do cantador de viola. Outros que me aceitaram desse mesmo modo foram Apolônio Alves dos Santos, Cícero Vieira da Silva (Mocó), Gonçalo Ferreira da Silva e Elias de Carvalho – entre outros.

Como eu entrava pela frente dos fundos da Feira (do lado oposto ao Colégio Pedro II), o primeiro a esbarrar era justo com o Azulão, quando sempre corria um papo breve. De princípio eu elogiava o folheto “O trem da madrugada” e mal pronunciava essas palavras vinha num turbilhão de memória prodigiosa todo o satírico folheto, que começa assim:

Leitores trago mais uma
Criação muito engraçada
Da minha lira poética
Que sempre vive afinada
Desta vez descrevo bem
O movimento do trem
Que desce da madrugada.

Seja de Paracambi
São Mateus ou Santa Cruz
A turma da fuleragem
Que só bagunça produz
De madrugada só quer
Carro que tem mais mulher,

Porta enguiçada e sem luz.

Ajuntava tanta gente que não se conseguia falar mais nada e aí eu saía em silêncio, de fininho, deixando o mestre entre seus fãs. Desde então jamais deixei de assinar o ponto na sua banca pequena, sempre entulhada de folhetos, toda vez que eu ia à Feira de São Cristóvão. Era dever a cumprir, sem falta.

Azulão nasceu em Sapé, Paraíba, em 8 de janeiro de 1932. É, pois, meu conterrâneo na cidadania que divido com o Maranhão. Sempre afirmo quando posso: a Paraíba de contínuo, nos séculos 19 e 20, foi o grande celeiro dos poetas de cordel que no entanto migravam para a metrópole Recife, por motivos óbvios. Ali teria como comercializar seus folhetos, ficar famosos, sustentar a vida com a poesia.

Azulão era cantador no sentido lato, pois acompanhado de viola é que ele narrava seus folhetos. Mas nada se perderia se o ouvisse a plena voz, a capela, entoando aquela cantilena secular que acompanha qualquer cantoria. Quando resolveu partir “para o sul”, Azulão primeiro pensou ir para São Paulo, mas fugiu do frio e da garoa preferindo ficar no Rio de Janeiro, que de imediato adotou como terra nativa e passou a defender a fama da mulher carioca:

**A mulher aqui do Rio
em tudo tem perfeição
a boca é um cravo abrindo
a cintura é um violão
São Paulo que deus-nos-acuda
só dá mulher barriguda
tarada por macarrão.**

O emigrante logo arranjou jeito de frequentar a “praia” de São Cristóvão, onde desembarcavam as levas de nordestinos fugidos da seca e do pontapé na bunda que lhes pespegavam os latifundiários plantadores de açúcar. Foi um dos pioneiros que transformaram aquele local no que hoje representa: um centro de tradições nordestinas. Por iniciativa do deputado estadual André Ceciliano, Azulão foi agraciado com a Medalha Tiradentes e assim o cordelista, cantador, repentista, violeiro e poeta, pôde ver completada a adoção pelo estado que escolher para viver e morrer...

A partir desta sexta-feira, 15 de abril de 2016, os gerentes da Feira de São Cristóvão prometem homenagear o Mestre Azulão com uma exposição. Desde logo proponho que ela se enriqueça e se torne permanente, passando a fazer parte integrante do acervo da instituição, pois será mais um atrativo para visitas turísticas e culturais.

Ele merece.

Abgar Renault – uma lição de 30 anos

Pesquisando sobre as questões dos Acadêmicos em geral e da Academia Brasileira de Letras em particular, esbarrei com o discurso de Abgar Renault (MG 1901-RJ 1995). Escritor de muitos e variados textos e poucos livros, foi eleito pra ABL em 1968.

Tendo lido muitos discursos inúteis, cheios de bajulices, este me acendeu: é mais que discurso, é um ensaio que trata de variados temas, estimulados pelo seu antecessor, membro de um clã familiar de vasta cultura, José Carlos de Macedo Soares: História, Língua, Escrita, Gramática.

Com apenas dois livros publicados e já na Academia Brasileira de Letras, Abgar Renault começa por se qualificar:

“Em todo caso, não serei um marginal da Literatura. Serei, antes, um marginal da publicidade, pois fui sempre menos cuidadoso de editar que de compor. Não é que desdenhe da publicação: sou possuído continuamente da angústia do pensado à pressa, do indecorosamente composto, do ruralmente escrito em estilo pedestre”.

Mais: *“É certo que, a meu aviso, o prazer de exprimir-se nada tem de comum com o ato exterior de dar a lume o expresso. Em mim, aquele prazer, que existe, alguma vez, no compor um poema, exaure-se no próprio ato da escrita”. Todavia, serei um escritor e um poeta, se entre as suas características figurarem certa preocupação com a qualidade do que se escreve, certa dúvida sobre o que foi lançado no papel, uma aspiração constante ao melhor ou menos ruim”.*

“É de Joseph Joubert este aforismo lapidar: “Pour écrire bien il faut une facilité naturelle et une difficulté acquise.” Mal traduzindo: Para escrever bem, se precisa de uma facilidade inata e uma dificuldade adquirida.

“Ser-me-ia impossível adotar a afirmação de Alberto Caeiro: “Penso e escrevo como as flores têm cor.” Provavelmente porque escrever não é vocação em mim, mas apenas débil aptidão, sofro esse ato como um processo

de desaprender a facilidade com que “as flores têm cor”; de fazer esforço por associar apropriadamente o sentido das palavras e o seu som; de lutar por que o espírito se mantenha em atmosfera lógica ou poética; de preocupar-me com a conquista do ideal de lançar com exatidão no papel o que parecia exato no espírito; de estabelecer equilíbrio tal entre a mensagem e o seu meio de expressão, que nem se exalte a primeira às expensas do segundo, nem se alcance aperfeiçoar este em detrimento daquela”.

A partir de agora Abgar Renault adentra nos labirintos do idioma e sua gramática:

“Um escritor pode ser um renovador da linguagem, mas é simultaneamente seu guarda, e conservador da sua tradição. A consciência impõe-lhe essa pesquisa de si mesmo, essa paciência no buscar a única forma possível para a expressão do mais simples pensamento. Ai de quem – na sentença de Mário de Andrade – “se bota escrevendo Romance ou Poesia para tapar os buracos do tempo”, ou seja, sem a consciência da importância e da dificuldade em que o grave ato de escrever consiste!”

Mea culpa, mea culpa, mea máxima culpa. Essa carapuça é minha, ninguém tira.

“Aliás, parece-me que a preocupação com os problemas de linguagem não deve limitar-se ao círculo dos que escrevem obras de ficção e Poesia e se entregam à penosa tarefa do Jornalismo, mas atingir quantos, pela natureza do seu mister capital, são obrigados a escrever ou falar.

Ó políticos, ó professores, ó gente das comunicações, ouvi e atentai!

“O poeta alemão Stefan George exprimiu a essencialidade da linguagem: onde a palavra falta – nada existe.”

Neste certo momento, a palavra de Abgar Renault não merece interrupção:

“Não é de mister nenhum excesso imaginativo para avaliar a impressão que lhe causaria a linguagem usada hoje em nosso País, onde o desleixo, o descaso, a inconsciência no escrever assumem espantosas proporções, ainda entre os que escrevem por dever de ofício, gosto ou vocação.

“Não estamos a pensar em desprezíveis gramatiquices ou meras questões opinativas, objeto de eleição segundo o gosto de cada um. São cousas deste gênero, encontradas em muitos jornais e revistas: “Não existia instrumentos e técnicas apropriadas” – “Haviam pessoas...” – “Soem haver casos” – “São problemas nos quais talvez ninguém pensasse neles” – “Esta decisão implica em injustiça” – “O governador reuniu-se com o secretário do Interior”. “Foram procedidas as investigações” – “O seu dever é de andar depressa”. “Faltam maiores detalhes”, curiosa contradição, que lembra a história de um nouveau riche a porfiar para adquirir a maior miniatura do mundo... Mas há pior: Faltam maiores pormenores...”

“Inventou-se recentemente o verbo injustiçar com o sentido de não fazer justiça e como antônimo de justificar, mas acontece que justificar não é fazer justiça; é punir com a morte, supliciar ou demandar em juízo, por forma que, se dizer “ele foi injustiçado” significasse alguma coisa, seria isto: “Ele não foi morto, não foi suplicado ou demandado em juízo”. “Aguardo-me para opinar mais tarde”. Esses primores e muitos outros podem ser colhidos cada dia na linguagem forense...”

“Exemplo da falta de respeito com que as palavras vão sendo tratadas é o emprego do advérbio latino inclusive, isto é, inclusivamente. Há pessoas que o colocam logo no começo das frases: “Conhece fulano?” – “Inclusive, falei com ele hoje”; ou no meio, entre vírgulas: “Eu estou, inclusive, muito triste”. Os jornais estão cheios de coisas assim: “Periga a paz no Oriente Médio, e sabe-se, inclusive, que tem havido intenso tiroteio nas margens do Canal de Suez.” O exemplo mais recente ouvi-o no rádio, e é realmente extraordinário: “A viagem do Sr. presidente da República inclui, inclusive, uma visita à exposição de gado de Uberaba.”

“Esse horrível cacoete frui tal prestígio, que estou muito suspeito de estar prosperando por aí um clube – o “Grêmio dos Inclusivistas”, dedicado ao cultivo, encorajamento e difusão do uso errado desse pobre vocábulo, até os limites mais remotos da tolerância...”

Valente e imbatível como um *aedes aegypti*, Abgar Renault põe seu escudo contra as invasões estrangeiras:

“Mas não é só. Devem também ser trazidas à colação as influências da leitura de línguas estrangeiras, notadamente do espanhol, do italiano, do francês, do inglês.

“Da primeira língua: “Siga aprendendo” (que é significativamente o título de um livro escolar), em vez de: “Continue aprendendo” – “Frente a esse espetáculo recuaram todos” – “O Diretor-Geral da UNESCO, quem acaba de chegar ao Rio de Janeiro”, frase na qual se entendeu que o quien espanhol só tem por equivalente o nosso quem – “O ingresso (isto é, a arrecadação) no 1º trimestre não correspondeu à expectativa”. Dentro em pouco estaremos usando presupuesto em lugar de orçamento... Tão logo, expressão em que uma partícula intensiva aparece a modificar estranhamente uma conjunção, está em grande voga.

“Do italiano está sendo importado, com frequência, entre outras palavras, o substantivo contributo para substituir contribuição, não se sabe por quê, nem para quê”.

Êpa! Então estou certo em discordar da regra que bota o quê só ao final da frase! O quê deve ser usado onde precisa ser usado, sem o quê não teremos gramática.

“O francês já lançou em nosso mercado, onde vão tendo largo consumo: a partir de com o sentido de com base em: “É a partir do estudo que se aprende” – “O dinheiro foi recebido através do Secretário da Fazenda”, sentença em que a nossa língua estimaria se houvesse dito por intermédio de – “À base de cálculos certos chegou a conclusões erradas” – “O mandado de segurança foi concedido à unanimidade” – “Face a tais documentos, nada foi possível fazer”. – O jargão dos economistas inventou demanda na acepção de procura. Por que não escrever também lei da oferta e da demanda?

“A messe mais farta é oferecida pela língua inglesa, e temos: interferir com – Esse ponto tem sido muito insistido por várias autoridades – O pífio criativo creative está a substituir a nossa bela palavra criador. Muito pitoresco é o caso de warmongers - boateiros de guerra, que os nossos jornais estamparam, durante o 2.º Conflito Mundial, como os monges da guerra... – “Eu estou a cargo da 1.ª Diretoria”. Lembra-me haver um dos nossos melhores jornais informado recentemente que o astronauta americano que

saíra da nave espacial estava muito casual. Ora, casual, aí, é despreocupado, à vontade, descuidoso, etc., guitar, violão, já virou guitarra...

“O verbo ignore, que só em inglês arcaico tem o sentido de ignorar, não saber, e modernamente só se usa na acepção de não tomar conhecimento de, não dar importância a, é invariavelmente traduzido por ignorar e, então, temos: “O avião alçou vôo ignorando o tempo” – Taske-force, que é agrupamento tático, vem sendo traduzido por força-tarefa, expressão que não quer dizer coisa nenhuma – Conversely é conversamente – palavra que não existe em nossa língua, e o termo jurídico, to penalize, impor pena, vai sendo descaradamente traduzido por penalizar.

“Pior é a abusiva tradução do pronome that por aquele em sentenças nas quais deve ser traduzido pelo pronome o e de que bastará um exemplo: “O consumo desse alimento na Rússia será 48% inferior àquele ao dos Estados Unidos.”

“Em 1964 deu-se ao posto de chefe da Casa Civil da Presidência da República o título de ministro extraordinário para os Negócios da Casa Civil. Isso é bom inglês e péssimo português. Seria o caso de dizer-se também Ministro para a Educação, para o Exército etc.

“Os estrangeirismos incorporam-se à língua muito menos por necessidade do que por ignorância e preguiça. Quando uma agência telegráfica envia aos nossos jornais a notícia de que foi conseguido o accouplage ou o accouplement de dois segmentos de uma nave espacial, surgem estas traduções sinistras: acoplagem e acoplamento. Eis a razão: é mais fácil adaptar levianamente esses vocábulos à nossa língua do que descobrir-lhes em qualquer dicionário escolar os equivalentes vernáculos: junção, engate, união.

“A mesma ignorância e a mesma preguiça traduziram a expressão inglesa reference books por livros de referência, conquanto reference aí nada tenha que ver com referência e seja consulta, precisamente o que se quer dizer, isto é, livros de consulta, como dicionários, enciclopédias, etc., e adaptaram indecorosamente certos termos de aviação como o adjetivo pressurized aplicado a cabine, que resultou logo em cabine pressurizada, apesar de não termos a palavra pressão; to block, cujo

significado é encher, ocupar, foi naturalizado como bloquear: “Esta cadeira está bloqueada.”

“Quanto à ordem das palavras na sentença, ouvem-se e lêem-se coisas assim, também de origem inglesa: Livros de apenas cinquenta páginas – Motores de, até, 50cc, de cilindrada. Nem sequer a ortografia se respeita. Pensa-se que, por escrever-se dispêndio, deve escrever-se dispender, que de discreto sai certamente discreção, palavra que não existe. Vários jornais deram de grafar exceção com ss e, ao mesmo passo, exigem raivosamente que o Governo acabe logo com o analfabetismo... Por que, então, colaboram com tamanha eficácia para a sua difusão?

“O notável ensaísta Osman Lins exprimiu o mal-estar de muitos ao dizer em excelente artigo: “A imprensa, cujo papel seria, em tese, civilizador e orientador, dedica-se, em grande parte, aliada ao rádio e à TV, numa espécie de pacto com os anunciantes, à missão de barbarizar e confundir.”

“Não se podem explicar nem defender esses despropósitos, com a alegação muito gasta de que tudo isso é linguagem popular e, afinal, é o povo que faz a língua. A origem não é popular, mas letrada, pois o povo não lida com inglês, francês e espanhol, e a língua que o povo cria não é a língua da cultura, isto é, dos escritores, dos administradores, dos jornalistas da imprensa escrita e da imprensa falada, de quantos utilizam a televisão, dos administradores em geral, de quem quer que escreva ou fale em razão de ofício e, por utilizar um meio de comunicação pública, tenha o dever de contribuir para a ilustração popular.

“Merecem meditação estas sentenças magníficas nascidas da sensibilidade e da cultura do grande João Ribeiro: “Quem não está informado de algumas pequices gramaticais, fica inteiramente esmagado em suas ambições literárias”.

“Não podemos conceber a existência de um bom escritor ou mesmo de escritor aceitável se não se justifica pela urbanidade da linguagem. A questão de escrever com precisão e com razoável primor a língua que se fala é uma dessas decências elementares, dessas virtudes de urbanidade que não podem ser indiferentes à Arte Literária”.

“Nítidas provas de que não há nenhuma incompatibilidade entre o escrever gramaticalmente certo e o escrever admiravelmente bem, extraindo da palavra efeitos surpreendentemente belos e eficazes, são, por exemplo, os estilos de Alceu Amoroso Lima e Gilberto Amado—cimos do pensamento contemporâneo.

“Concluindo esta digressão, direi que somente os grandes têm o direito de tomar liberdade com as “pequices gramaticais” de que fala o texto do mestre. Liberdade pressupõe disciplina”.

Também concluindo a reprodução desta digressão, educativa para quem gosta de ler e escrever, censura para os famosos,mas descuidados da língua que lhes faz ganhar muito dinheiro, direi: será que Salomão Rovedo tomará jeito e passará a escrever – a exemplo de Quincas Oliveira – como um Abgar Renault? Ou continuará sendo um cangaceiro das letras, “do pensado à pressa, do indecorosamente composto, do ruralmente escrito em estilo pedestre”, expressando-se em linguagem seca e infértil, como os galhos e as terras das caatingas? Arre!

Ainda assim, é possível discutir e estudar mais profundamente a parte sobre os estrangeirismos; sobre o poder que os modernos meios de comunicações têm de impor neologismos; sobre a imposição de expressões de uso popular; sobre a volatilidade de tais intervenções e um grande etc. Mas o texto de Abgar Renault deveria ser divulgado à farta para que todos os que mexem e ganham muito dinheiro com a língua e a escrita o tenham à cabeceira e sejam mais honestos para com este pobre país iletrado.

Rio de Janeiro, Cachambi, 22 de fevereiro de 2016.

**Academia Brasileira de Letras:
perten(ser)ou não, eis a questão**

Estava pronto para fazer uma introdução para este ensaio, quando li o artigo “Chás, intrigas e bajulação”, de Norma Couri, no Observatório da imprensa (19/11/2013). Norma Couri se antecipou com talento o que eu gostaria de referir sobre o tema. Então pego emprestado excertos de seu artigo, que boto aqui como intróito.

“A ABL optou pela abertura a não literatos, mas escancarou demais. Acolheu o general que integrou a junta militar 1969, Aurélio Lyra Tavares. Em 1912 a casa já havia tornado imortal outro militar, Lauro Muller, ministro das Relações Exteriores que nunca havia publicado nada além de um folheto impresso às pressas em Paris. Santos Dumont, foi eleito em 1931, arrependeu-se, desistiu, os acadêmicos não aceitaram e mantiveram a posse, mas o inventor se enforcou, sem tomar posse. Hoje a cadeira 38 é ocupada por José Sarney [que não se enforcou]. Imortal foi o ditador Getúlio Vargas em 1943, cujos dedos, segundo Guilherme Figueiredo, usaram mais o charuto do que a caneta, mas serviram para doar, em agradecimento, a sede da ABL.

A torcida política integrou no time o senador José Sarney, e não foi pelos romances. Depois de Sarney imortalizado, Sergio Buarque de Holanda e Carlos Drummond assinaram um documento recusando-se a pertencer à ABL. Golbery do Couto e Silva não pretendia entrar, mas também impediria que Juscelino Kubitschek, opositor ao golpe de 1964, entrasse, e a Academia obedeceu por conta de um cheque felpudo. Juscelino não entrou e mais tarde Josué Montello batalhou pela candidatura de Roberto Marinho visando coluna no Globo e sonhando ver “Os Tambores de São Luis” virar telenovela. Nem uma coisa nem outra aconteceu, mas Roberto Marinho entrou.

O poeta Mario Quintana foi preterido três vezes: entrou Eduardo Portela, Ministro da Educação de João Figueiredo e Secretário de Cultura do Rio de Janeiro. O economista Roberto Simonsen morreu discursando; Guimarães Rosa perdeu a primeira, voltou, ganhou, sofreu um ataque cardíaco e morreu três dias depois da posse. Muitos nem entraram. Oswald de Andrade concorreu duas vezes em vão. Clarice Lispector, por ser

ucraniana, era mantida ao largo como o tradutor e escritor húngaro Paulo Rónai. Cecília Meirelles ficou de fora. Clarice declarava jamais querer pertencer à ABL. São do mesmo time o arquiteto Oscar Niemeyer, o poeta Ferreira Gullar, os escritores Érico Veríssimo, Fernando Sabino e Rubem Fonseca, o crítico literário Antonio Cândido – anti-fardão, anti-acadêmicos.

Muito chá, muita intriga, muita vaidade, muita bajulação, colonismo social, política, politicagem para conseguir o voto que garante a imortalidade, [a ajuda de custo de] 9 mil reais por mês, duas vagas para carros no centro do Rio, seguro saúde de luxo, enterro de primeira y *otras cosas más*. A ABL garante o mimo com o aluguel das salas do Palácio Austregésilo de Athayde, vizinho ao Petit Trianon. Mas o Petit Trianon já viu guerras surdas ou explícitas. Como a ocorrida entre os desafetos Lêdo Ivo, chamado de “poeta de quinta categoria” por Eduardo Portella, e o próprio, em quem Ivo atirou um copo d’água e justificou: “Ele é dono de uma cabeleira obscena”. Briga de foice também da ala esquerda contra a direita, como quando o economista Roberto Campos ocupou, em 1999, a cadeira do dramaturgo comunista Dias Gomes, morto num desastre de carro. Briga de foice pelo fardão que custa a bagatela de 70 mil reais e, segundo Gullar, “que esquisito usar capa e espada no Rio numa época dessas”.

“Ele está dizendo que eu devia entrar pra ABL... Quem devia entrar é ele. A ABL já fez tudo pra eu entrar pra lá e eu digo: Não! Todo mundo sabe disso, não sabe? Jamais entrarei para a ABL. Eu tenho muitos amigos que entraram na ABL, pessoas de valor também. Agora, como eu não tenho cabeça acadêmica, como não é a minha, não vou entrar pra lá”. (Ferreira Gullar, Entrevista, 01/8/2011)

“O poeta Ferreira Gullar entregou carta à ABL em que declara a intenção de ocupar a vaga do poeta e ensaísta Ivan Junqueira, morto no começo do mês. O maranhense de 83 anos já repetiu o gesto cinco vezes, mas sempre desistia e rasgava a carta. Agora Gullar pretende ir até o final, porque já tem os votos contados e deverá ser escolhido por grande maioria”. (Noticiário, 12/07/2014)

“Por 36 votos a favor e 1 nulo, o poeta Ferreira Gullar foi eleito o novo imortal da ABL. Na sessão, que aconteceu na sede da instituição no

Rio, estavam presentes 19 acadêmicos e outros 18 votaram por correspondência”. (Noticiário, 09/10/2014)

Pergunta. Como você se sente, agora sendo parte da ABL?

Resposta. Sinto-me bem, né? O fato de eu ter sido aceito pela ABL é uma coisa que me alegra. Durante anos e anos, me neguei a me candidatar, não porque tivesse restrições maiores, mas nunca foi projeto meu entrar para uma instituição como a ABL. Eu não pensava nisso e, sempre que me convidavam, eu dizia que não queria e tal. Mas aí, depois de muitos anos, achei que estava ficando muito arrogante dizer “não”. (Ferreira Gullar, Entrevista, 21/10/2014)

“É com enorme alegria que assumo a honrosa condição de membro da ABL Brasileira de Letras. Agradeço a generosidade dos que votaram em apoio à minha candidatura, aceitando-me como seu companheiro nesta casa a que já pertenceram e pertencem nomes altamente significativos da nossa literatura e da nossa cultura. Agradeço particularmente a alguns companheiros que durante anos, pela amizade que me tinham, insistiram incansavelmente para que eu me candidatasse, como Eduardo Portella, José Sarney e outros, além de amigos que já se foram, como o próprio Ivan Junqueira, a quem tenho a honra, mas não a alegria de substituir”. (Ferreira Gullar, Discurso de posse - 5/12/2014)

Em contrapartida, várias observações sobre outros candidatos.

“Chego à vossa ilustre companhia com a tranquila satisfação de ter sido intransigente adversário desta instituição naquela fase da vida em que devemos ser necessária e obrigatoriamente contra o assentado e o definitivo. Ai daquele jovem, ai daquele moço aprendiz de escritor que no início de seu caminho, não venha, quixotesco e sincero, arremeter contra as paredes e a glória desta Casa. Quanto a mim, felizmente, muita pedra atirei contra vossas vidraças, muito adjetivo grosso gastei contra vossa indiferença, muitas vaias gritei contra vossa compostura, muito combate travei contra vossa força. Mas tudo na vida obedece a formalidades e se eu sou socialista não quer dizer que ignoro o mundo formal que me rodeia”. (Jorge Amado, Discurso de posse, 17/7/1961)

“Amamos Jorge Amado e temos confiança nele. Eu só o vi numa fotografia, em fardão de acadêmico, um pouco mais gordo. Olhei e sorri. Aos acadêmicos brasileiros dão um luxuoso fardão. Além disso, usam espadas como seus colegas franceses. Não há nada de mal em que o homem simples de ontem apareça uma vez por ano na roupagem de imortal”. (Ilya Ehreburg)

***“Todos estes que aí estão
Atravancando o meu caminho,
Eles passarão.
Eu passarinho!”***

O poeta Mário Quintana tentou vaga na ABL três vezes, mas não conseguiu. Ao ser indicado uma quarta vez, com promessa de eleição certa, recusou: “A ABL só atrapalha a criatividade. O camarada lá vive sob pressões para dar voto, discurso para celebridades. É pena que a casa fundada por Machado de Assis esteja hoje tão politizada. Só dá ministro”.

***“Tem uma pedra no meio do caminho”.* O poeta Carlos Drummond de Andrade não entrou para a ABL por um motivo simples: nunca se candidatou. *“A palavra é meu domínio sobre o mundo”.* A romancista Clarice Lispector, autora de “A Hora da Estrela” e “Laços de Família”, também nunca pretendeu entrar para a ABL. *“Comovo-me em excesso, por natureza e por ofício. Acho medonho alguém viver sem paixões”.* O autor de “Vidas Secas”, Graciliano Ramos, não entrou para a ABL.**

A ABL também não aceitou em seus quadros: Lima Barreto, Monteiro Lobato, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Érico Veríssimo. Por outro lado, a ABL acolheu: Getúlio Vargas, José Sarney, Fernando Henrique Cardoso, Marco Maciel, Lauro Müller, Ivo Pitanguy, Santos Dumont, Assis Chateaubriand, Roberto Marinho, Merval Pereira, Gen. Aurélio de Lyra Tavares e Paulo Coelho. E mais: Jorge de Lima e Gerardo Melo Mourão, indicados ao Prêmio Nobel de Literatura; Antônio Cândido, Autran Dourado, Rubem Fonseca e Dalton Trevisan, vencedores do Prêmio Camões.

No texto dos discursos de posse, sempre suntuosos e untuosos, a maioria dos recém-empossados procura um meio de justificar e justificar-se

o porquê estar ali. Em segundo lugar o foco se desvia para aguilhoar desafetos, condenar as objeções que por acaso se fizeram públicas – jogando para um plano inferior o elogio técnico e obrigatório do antecessor e do patrono.

Começando com o próprio Machado de Assis, quando tomou posse da cadeira e da presidência da ABL, em cujo discurso já expande a perspectiva para temas vindouros:

20/07/1897 - Machado de Assis - Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira.

06/06/1918 - Emilio de Menezes - Dizer-vos que nunca desejei fazer parte da vossa nobre agremiação seria mentir à minha própria consciência. Afirmar, entretanto, o emprego dos esforços desairosos que se me atribuem para a conquista da insigne distinção de ser dos vossos, sobre ser um meio de escapular aos limites da verdade, é transbordar dos da decência. Fundada a Academia, se eu a não recebi com as irreverências e até torpezas, cuja paternidade me foi dada, não tive para com ela, é certo, grandes e entusiásticos aplausos. Influências múltiplas da época fizeram tomar, à primeira vista, o novo instituto literário como um enxerto, uma cópia, uma espécie de naturalização de hábitos infensos às nossas tradições e usanças. Por essas influências não era eu o único dominado. Era uma corrente quase geral, como bem o podem atestar todos os membros sobreviventes à sua fundação. Essa atmosfera, senão de hostilidade, de suspeição, em que talvez houvesse despeito e inveja, envolveu por espaço, mais ou menos longo, a Academia. Aí é que os escritores de nome feito devem ir buscar os

verdadeiros inimigos que, além do mais, têm a cobardia de atirar para cima de outrem a responsabilidade do que fazem e dizem. Coitados! Querem, abrindo caminho na suntuosidade da floresta virgem, abater cedros e jacarandá com membros que foram feitos para o retuço nos gramados. A esses (a Academia que me perdoe o emprego de um vocábulo que, além de mau inquilino da nossa língua, é de gíria e só agasalhado pelo noticiário policial), a esses pivetes da literatura, junta-se infalível e diariamente, às mesmas longas horas e à mesma soleira, uma classe dez vezes mais venenosa, mil vezes mais perigosa. É a dos velhos inéditos à força de publicidade. É composta de uns venerandos senhores que já publicaram por dezenas de anos, dezenas de livros, volumosos e ponderados, mas sem alguém que lhes repita o nome. Daí a intoxicação pelo ineditismo e o ódio à repercussão do nome alheio.

04/06/1955 – Josué Montello - Entre a vaidade arrogante, que não se coaduna com o meu feitio nem condiz com a minha obra, e a exculpação mortificatória, que igualmente pecaria pelo exagero, de mim para mim explico este triunfo, que sou o primeiro a conquistar em minha geração –, não como um prêmio aos meus trabalhos e sim como um estímulo à minha vocação de escritor. Não havendo ainda atingido a idade em que o exercício reiterado das limitações converte a fraqueza da véspera na força do dia seguinte e que assim permite aflorar a obra-prima onde somente deveria vingar a mediania, galgo a eminência da Academia Brasileira, por uma deliberação de vossa benevolência, que generosamente se ampara na prospecção da obra que talvez eu chegue a realizar. Assim fazendo, meus mestres e meus companheiros, redobrástes a vossa munificência na proporção em que se ampliaram minhas obrigações. E só posso responder a essa prova de confiança com o penhor de meus dias advindos e o resgate de meu trabalho, a fim de que não mereçais, pelo pecado de intuir benevolentemente o meu futuro, aquele castigo que Dante infligiu a Tirésias como adivinho: retroceder sobre os próprios passos, com a cabeça voltada para trás. Porque, unindo o passado ao presente, no confronto do deslumbramento desta hora com as emoções ressurretas de minha juventude, jubilosamente verifico que, ao volver as folhas do meu compêndio, na tranquilidade feliz da província natal, eu vos havia imaginado, senhores acadêmicos, exatamente como sois.

15/12/1956 - José Lins do Rego - Aqui estou sem ter feito uma caminhada de aventuras. Não me pus na luta empenhando o que podia e o

que não podia. A Academia não me foi uma idéia fixa, um posto a conquistar com todo o meu sangue. E nem vendi a alma ao demônio para obter a vossa imortalidade. Chego sem alvoroço e sem tropeçar na glória dos outros. Para muitos, a posição vale bem a missa de Henrique IV. Para mim, vale como um remanso, o convívio amável, a paz entre os homens. Quando jovem, disse muito mal da Academia. Fora a contingência dos que não se conformam com a ordem das coisas. Há de ter sorrido a Academia das investidas furiosas dos que desdenham de suas honrarias. Assim devem fazer as academias quando não são de pedra. Aos moços, as intemperanças, os arroubos e mesmo a violência. Às academias, o bom humor de não se exasperarem. Muitos dos vossos grandes de hoje, que vejo tão sólidos em suas poltronas, foram dos que sacudiram pedras em vossas vidraças. Jovens intempestivos, que se jogavam sobre o estabelecimento como ciclones desencadeados. O espírito dos jovens não faz mal aos que sabem envelhecer. O que nos mata é a intolerância para com a intolerância dos que têm o fogo da juventude. Por tudo isto é que me sinto em casa, no meio de homens que sabem valorizar os que vêm de fora com a cicatriz das batalhas. Precisamos nos ligar aos jovens, porque viver com a mocidade é condição de vitalizar-se. Ser acadêmico nem sempre é uma elevação entre montanhas. Mas ser acadêmico é sempre uma dignidade que enobrece, pelo que há de melhor no homem. Não tenho rancores e nem simulo bondades. Dou-lhes a minha alma despida. E nem o fardão luzente e nem a espada virgem me farão diferente do que sou e quero ser: um homem simples. O que me basta é o que já tenho nas mãos.

16/11/1967 - João Guimarães Rosa - Para tanto, terei de à - pauta citar-me. Embora. No que refiro, sub-refiro-me. Não para a seus ombros aprontar minha biografia, isto é, retocar minha caricatura. Não eu, mas mim. Inábil redutor, *secundarum* partium, comparsa, mera pessoa de alusão, e há de haver que necessária. O espelho não porfia brilhar nem ser; mas, por de-fim, para usação, bem tem de relustrar-se. Direi. O afeto propõe fortes e miúdas reminiscências. Por essa mesma proximidade, tanto e muito me escapa; fino, estranho, inacabado, é sempre o destino da gente. Neles podia-se experimentar não apenas a comensura de facúndia e talento: mas coragem, de cor, ânimo, de alma. Tive-o, imediato, antes que outro incorporando em si o movimento que arrancava. Todo o mais adiante foi confirmação. Graças por este sóbrio meu não desacerto.

17/07/1971 - Jorge Amado - Penso, assim, poder afirmar que chego à vossa ilustre companhia pela mão do povo, pela fidelidade conservada aos seus problemas, pela lealdade com que procurei servi-lo tentando fazer de minha obra arma de sua batalha contra a opressão e pela liberdade, contra a miséria e subdesenvolvimento e pelo progresso e pela fartura, contra a tristeza e o pessimismo, pela alegria e confiança no futuro. Segundo a lição da literatura baiana, fiz de minha vida e de minha obra uma coisa única, unidade do homem e do escritor, aprendida na estrela maior do céu baiano, o poeta Castro Alves, estrela matutina da liberdade, estrela vespertina dos ais de amor.

09/08/1990 - Ariano Suassuna - Sei, perfeitamente, que não é o fato de me vestir de certa maneira, e não de outra, que vai fazer de mim um camponês pobre. Mas acredito na importância das roupagens para a liturgia, como creio no sentido dos rituais. E queria que minha maneira de vestir indicasse que, como escritor pertencente a um País pobre e a uma sociedade injusta, estou convocado, “a serviço”. Pode até ser que o País objete que não me convocou. Não importa: a roupa e as alpercatas que uso em meu dia-a-dia são apenas uma indicação do meu desejo de identificar meu trabalho de escritor com aquilo que Machado de Assis chamava o Brasil real e que, para mim, é aquele que habita as favelas urbanas e os arraiais do campo. Voltarei depois a este assunto, de tal modo é ele importante na minha visão do mundo e, em particular na do nosso País, a esta altura submetido a um processo de falsificação, de entrega e vulgarização que, a meu ver, é a impostura mais triste, a traição mais feia que já se tramou contra ele.

07/06/1999 - Murillo Melo Filho - Muito desejei estar convosco e muito ansiei por este momento. Eu queria humildemente ficar em vossa companhia para formar, ombro a ombro, ao vosso lado. Por isso, candidatei-me e conquistei os vossos votos. As Academias de Letras estão divididas somente e sempre entre os que se vão e os que estão chegando. Elas têm apenas uma síndrome e um tabu: o de que, aqui dentro, não se deve falar em vagas, pelo menos enquanto elas não existirem. Antes do nosso Mausoléu, no Cemitério de São João Batista, dizia o Acadêmico e Confrade Olavo Bilac: - Somos imortais porque não temos onde cair mortos...

06/08/2004 - Antonio Carlos Secchin - Não interpreto os limites como região de plácido descompromisso entre o lá e o cá, mas como um tenso território em cujas bordas vivenciamos o risco e o fascínio do duplo. Dissolvida a confortável ilusão da unidade, aprendemos a confrontar-nos com o território do que desconhecemos. Percorrer o intervalo não é abrigar-se entre dois espaços, é expor-se a ambos. É aceitar o assédio e o aceno de tudo aquilo que, em nós ou fora de nós, se recusa à apropriação apaziguadora da identidade. Assim gostaria de entrar na Academia Brasileira de Letras: entendendo-a como fronteira franqueada ao livre trânsito de todas as temporalidades. De um lado, receptáculo de nossas mais fundas, atávicas, heranças; de outro, passagem para a paisagem do novo. Neste discurso, balizado por dois poetas, a primeira palavra, acolhendo o passado, foi de Cecília Meireles. Que a última seja de Carlos Drummond de Andrade: “Ó vida futura! nós te criaremos”.

18/10 /2010 - Geraldo Holanda Cavalcanti - A nós, que nestas cadeiras nos sentamos, atribuem-nos, os de fora, pretendermos ser imortais. Ora somos mortais como qualquer um e a imortalidade que se inscreve na divisa da Academia está mais referida a ela como instituição, com tudo o que a palavra tem de exacerbação do contingente, do que a cada um de nós como contribuintes para sua continuidade. Aqui estamos apenas para demonstrar quão passageiro é o renome que ela nos possa dar. Ela, a Academia, é que perseverará, recolhendo a contribuição que cada um de nós lhe possa prestar na realização de seus cometimentos. E sua missão nunca terminará... eterna enquanto dure, diria o poeta.

05/12/2015 - Ferreira Gullar - É com enorme alegria que assumo a honrosa condição de membro da Academia Brasileira de Letras. Agradeço a generosidade dos que votaram em apoio à minha candidatura, aceitando-me como seu companheiro nesta casa a que já pertenceram e pertencem nomes altamente significativos da nossa literatura e da nossa cultura. Agradeço particularmente a alguns companheiros que durante anos, pela amizade que me tinham, insistiram incansavelmente para que eu me candidatasse, como Eduardo Portella, José Sarney e outros, além de amigos que já se foram, como o próprio Ivan Junqueira, a quem tenho a honra, mas não a alegria, de substituir. Como minha vida tem se caracterizado não pelo previsível, mas pelo inesperado, ao decidir-me pela candidatura à que nunca aspirei, agi como sempre agi, ou seja, optar pelo imprevisível. Estou feliz da vida, uma vez que, aos 84 anos de idade, começo uma nova aventura

pelo inesperado que a algum lugar desconhecido há de levar-me. Pode alguém se espantar ao me ouvir dizer que posso encontrar o novo nesta casa que é o reduto próprio da tradição. E pode ser que esteja certo. Não obstante, como na vida, em qualquer lugar, em qualquer momento, o inesperado pode acontecer.

(Fonte: Internet e página da ABL)

Adeus aos livros

Entrando na reta final da jornada íntima que mantive durante toda a vida com os livros, por força da perda de força ou de poder, o tempo pede que a caminhada chegue ao fim ou pelo menos esmoreça em plena decadência e senectude.

Mexo na estante pra deixá-la vazia e leve como eu mesmo gostaria de ser, vazio e leve, na caixa que me levará ao crematório. Sim, terei um último prazer, a alegria final, se conseguir me portar vaporoso, breve, de pouco peso, corpo delicado e portátil, a caminho da luz que me arrebate e desprenda.

Antes que este indivíduo se desvaneça, antes que se disperse a cinza breve e se a espalhe ao vento pra sumir de vez a carcaça, ex-corpo de água, músculo e carne, é preciso deixar esvaecer-se os livros, coisa material, um corpo imenso que se exaure, purificar de vez o espaço que ocupou na estante, que então estará livre ao pó.

Ninguém senão este futuro cadáver saberá as intimidades e vícios que gozei folheando milhares e milhares de páginas, deslindando tramoias e labirintos elaborados por textos não meus e quanto esse coquetel foi ópio, maconha, álcool, boceta – vida enfim. Como poderão saber, se tudo é a jornada personalíssima da alma?

Agora não importa mais, estou com o espírito impregnado desse rito de transição fractal que permitirá o escoamento sem dores e me livrará da servidão a esse objeto material. A conjuntura é propícia, persegui a trilha, alcancei a porta que me deu acesso a Deus. Trata-se agora de mero episódio, o lance forçoso: se despedir dos livros.

O imperativo e protocolar ritual igual àquele que cometi ao guardar na gaveta do esquecimento centenas de amigos e parentes, que trilharam as mesmas veredas do conhecimento, cada qual a seu modo, cumprindo uma religiosidade de ralar os joelhos. Meus ex-votos serão livros de cera...

Reencontrei muitos amigos íntimos remexendo nos livros. Por isso exijo esse modo de sagração pra me desfazer deles e assim também me despedir do quanto de mim dentro deles consenti, algumas lágrimas,

digitais cravadas, sorrisos breves, alegria, incompreensão, dor, alívio, pedaços de unhas, pétalas, um trevo de quatro folhas.

Agora mesmo caiu-me na vista o livro “Indo com o fluxo” de Elena Stowell, e me ponho a relembrar a convivência especial que tive com esse texto, que me chegou às mãos, desconjuntado por uma tradução mecânica e como tive que refazer a tradução sem ter nas mãos o texto original em inglês. Se bem lembro foram catorze releituras em dez dias, pra chegar a um texto ainda imperfeito, quando a saturação me impregnou.

Só posso acreditar que tive a ajuda ‘espiritual’ da autora Elena Stowell pra que tudo saísse bem, mas não 100%. Ficou apenas aceitável – não à toa se diz que a pressa é inimiga da perfeição. Mas os fragmentos pós-traumáticos, as revelações nada literárias, de virtual humanidade, ficaram de modo que a BQB Publishing recebesse prêmio de melhor lançamento latino-americano.

A singular e extraordinária história de Carly que Elena Stowell conseguiu transmitir, não sem sofrer algumas muitas fraturas físicas e emocionais, também me cativou de modo que me fez sonhar e ter pesadelos. Isso porque dorme comigo até hoje o momento vulcânico, abrupto, num quarto de hotel, que a destroçou em fragmentos inúteis. Os desatinos que Elena cometeu agora eram os mesmos desatinos trazidos pela dramática, bonita e tocante narrativa.

De repente a obrigação de entender o texto e entender as razões da autora, as razões da maternidade, tudo me introduziu no mesmo turbilhão que envolveu Elena e muita gente a seu redor. E agora todo esse mar de coisas, com a bela dedicatória de Elena, irá enfeitar outras estantes e iluminar outros leitores. Acredito que esse é o destino mais precioso dos livros...

Junto com a desmazelada coleção de meus ex-livros – em minha existência tive mais de dez pequenas bibliotecas – irão os textos que ousei escrever. Aliás, essa é uma exigência que os livros fazem aos leitores contumazes: escrever. Se não o fizerem estarão condenados ao fogo da loucura causada pelo excesso de conhecimento acumulado. Além do que, a cada leitura se forma um pensamento sobre o texto absorvido, em cada

cabeça uma sentença – lembrem-se. E esse colegiado de saberes se obriga a sair da cabeça, senão apodrece.

Certo dia a cigana leu minha mão. Foi na Praça XV, estávamos um grupo de rapazes vindos da farra na noite do Centro do Rio. Rodávamos o circuito da noite: Lapa, Café Nice, Novo México e mais dezenas de boates e inferninhos que ponteavam no Centro do Rio, entre a Praça Mauá e a Lapa. Quando chegávamos à Praça XV era pra dar uma rebatida com o anjo do Gomes e enganar as ciganas.

Um dos chavões que elas usavam – entre amores desfeitos e sucesso no trabalho – é que iria “ter suicídio na família”. Pra todos, essa *mala dicha* era repetida, entremeada com outras *buenas dichas* beneficentes, grandes amores, fortuna, sorte, riqueza. Nenhuma dessas graças alcancei por total, alguns fragmentos apenas, farelos disso e daquilo. Suicídio nunca teve, até agora: ao me libertar dos livros acabo por me suicidar. Como sempre, a cigana tinha razão...

No metrô leio num anúncio a conhecida frase: “Quem não lê, mal fala, mal ouve, mal vê”. Acho isso tremenda injustiça pra milhares de analfabetos. Lógico que não é assim o que diz a propaganda dos livreiros, que não pagam imposto, mas os escritores aplaudem. Imagino o analfabeto com um livro à frente. É certo que será labirinto pra seus olhos, letras que só reconhece uma e outra. Mas tudo o demais é bazófia, ele tem seu próprio código, vê bem, ouve bem, fala bem. Ou não sobreviria. Pra ele o papel tem outras utilidades: embrulhar coisas, traçar mapas, limpar a bunda, desenhar figuras.

Os livros de crônicas de Joaquim Itapary também me seguirão pelo ar. São textos que convivem comigo desde sempre e que releio ainda descobrindo outras veredas, como o Dom Quixote. Posso abrir o volume em qualquer página, que nela encontrarei a frase, a palavra, a informação, convite pra continuar. Ler, ler, ler, como é importante ler e não apenas pra saciar o vício, também pra expurgar o veneno da leitura e toda a sânie resultante.

Por fim uma razão a que jamais dei entendimento são os livros de poesia. São únicos porque deles nunca se dirá “está lido”. Em matéria de arte escrita, fazer poesia é a mais desalentadora, a que mais estragos

ocasiona ao autor e depois ao leitor, a que jamais será totalmente intuída nem decifrada, embora muitos audaciosos tentem decodificá-la, sobrar  sempre outra leitura para tentar penetrar em seu labirinto e emergir incólume.

Os livros de poesia são únicos, pois empedram o ritual do eterno retorno. Quantos deles jamais terei nas mãos? Não mais apalparei Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Abgar Renault, Ascenso Ferreira, Cecília Meireles, Carlos Drummond, Fernando Braga, Sandra Pien, Nauro Machado, Manoel Caetano... todos e mais uma centena, que pedem a releitura a cada crise mental, a cada estresse da alma, a cada impossibilidade de continuar existindo, enquanto sobrevier   incoercível bala perdida.

Um dia pensei que os livros iriam ser herança para a turma que sobreviver  e sujar  as mãos com minhas cinzas. Comentei isso com meus filhos – sem deixar de pilheriar, claro. Tudo em v o, pois a cada reunião de livros que fazia, a cada minibiblioteca que montava, tudo se desmancharia num sopro no tempo seguinte, dimanava no espaço, seguindo com o fluxo.

Agora a minha herança será imaterial: o que pensarem de mim será o espólio, as minhas deixas, as vozes imateriais serão meu legado, minha imortalidade.

Rio de Janeiro, Cachambi, 30 de março de 2016.

O amor nos tempos do Messenger

eu

oi, bom dia! trabalhando hoje?

ela

pois é meu caro... vida de dura, rrsr vida dura.

eu

eu tb ia descer, mas desisti. deve estar tudo morto aí, né?

ela

sim, tá uma tranquilidade nas ruas.

eu

fiquei mas me deram trabalho - cuidar da casa. tô sozinho aqui, abandonado.

ela

rrsr poxa vida! cadê o resto?

eu

varrendo farelos de pão... o resto tá de folga. mas eu curto estar sozinho

ela

rrrs... como assim? de folga!!

eu

tudo passeando na praia.

ela

é bom ficar sozinho quando é uma opção.

eu

é vero... a galera tá toda aí trabalhando?

ela

hoje é um dia morto... não tenho muitas funções aqui. eu também gosto de ficar sozinha de vez em quando.

eu

é uma! a gente faz cada coisa, né? livre...

ela

eu e meus pensamentos, um vinho e um bom jazz...

eu

oras, nem me fala! mas dá inveja! agora mesmo encerrei um capítulo do que estou escrevendo agora... e estou aqui... os pensamentos tb - começam a comichar... rrsr

ela

quando vim morar no rio, descobri a solidão... e tive que me entender com ela.

eu

existe essa palavra? o que você descobriu nela? confessa...

ela

descobri que ela pode ser enlouquecedora se não for bem tratada. rrsr

eu

puxa! é verdade! eu tb fico meio louquinho qdo estou só.

ela

que por conta dela somos capazes de fazer besteiras.

eu

algumas besteiras gostosas tb... mas veja, a net junta os sozinhos... mudou um pouco a relação, né.

ela

mas hoje, lido bem com ela. sim, a net é um ótimo meio de se relacionar. sempre tem outro solitário na nossa tela... rrsr

eu

certíssimo. e estar só tb dá a liberdade de cometer alguns pecadinhos, sem culpa...

ela

kkkkkkkk. depende né? rrsr

eu

a internet também traz para perto coisas inimagináveis. coisas boas, claro, e pensamentos imperfeitos.

ela

na boa eu! se estiver solteira, vivo como tal.

eu

concordo.

ela

mas hoje estou quase casada... rrsr

eu

quase casada, quase solteira - que liberdade!

ela

dai nem me preocupo com a liberdade para cometer os "tais pecados". sou moça casadoura, e para ser sincera adoro este estado.

eu

acho ótimo. do meu lado, já que recobrei a solteirice, não caso mais...

ela

kkkkk... eu costumo dizer que caso quanto vezes for necessário.....gosto mesmo....rrsr... acho bom ter um parceiro bacana, companheiro e cúmplice, e com ele viver todas as loucuras possíveis.

eu

é assim, você é super... acho que tua mala tá cheia de felicidade. isso é bom, né?

ela

é uma pena que os casais se distanciam, mentem, seguem com vidas paralelas...

eu

xiii! estão tocando lá fora. lá vou eu! volto já.

ela

ok

eu

bye bom trabalho.

ela

acabou sua solidão... rsrs

...

ela

rsrs... fala meu caro! bom dia!

eu

replicando:

“... ama!

isso do medo se acalma

isso de sede se aplaca

todo pesar não existe

ama!...

eu

oi. ainda não estou acostumado com esse bate papo aqui...

ela

rsrs... pq o texto acima? rsrs.....?

eu

é só uma réplica da poesia que você citou - troquei: em vez de alma = ama...

rs

ela

rsrs... mandou bem.

eu

você está bem?

ela

sim

eu

eu só desço 3a. ou 4a. feira.

ela

vida boa sô!

eu

esse teu prédio que teve incêndio é aí perto?

ela

+ ou -

eu

ah, não atrapalha, né?

ela

aqui não, acho que já estava controlado quando cheguei ao trabalho.

eu

bom... bem agora vou ao banco pagar contas e + contas. a gente se fala. bye.

ela

abração procê... inté mais!

.....

ela

ps: "quase casada", pq com ele só se deve viver o "quase"... rrsrs...

.....

ela

eu... bom dia!!

o coração dele está pequenininho de tanta dor... só você pode consertar o estrago...

ela

então, a questão não é ser criança, e sim saber o que gosto de viver com um homem. você não me conhece o suficiente, não sabe das minhas experiências vividas e do que sou capaz. a questão é que eu sei exatamente quando um homem sente "tesão" por mim, sei exatamente quando sou feita de "boba", e sei também que "confiança" é a base de um relacionamento saudável. apesar de ser bem mais jovem que vocês, isso não me parece algo difícil de saber.

eu... é a tal coisa...

ela

... conseguiu cumprir a cartilha toda, de como perder uma mulher, e não foi por falta de aviso, pois se tem uma coisa nessa vida que eu faço quando me

apaixonado e amo, é fazer tudo para que dê certo, caso precise, conversando e colocando tudo às claras. coisa que ele não costuma fazer, pois seu discurso quando eu pedia alguma explicação era: “mas não tem que falar tudo”, então que não fale, mas não me tire o direito de pensar o que eu quiser.

eu...

puxa! mas a coisa está tão clara que é difícil não entender.

ela

sim, creio que o ele e a outra são amantes, ele tem uma obsessão por ela, e ela o mantém sob controle. ela queria um homem para sustentá-la, como ele não tem essa condição, pois o padrão dela é alto, como ele já disse, “é uma dondoca que não gosta de trabalhar”, arrumaram uma forma de viver sem passar por isso. o outro sustenta é eles continuam juntos.

eu...

hum, isso sempre acontece com as melhores famílias. até em novela de tv.

ela

além disso, existem outras coisas que eu já percebi, as quais não me estimulam a continuar esta relação de namoro com ele. tenho minha parcela de responsabilidade por ter deixado me envolver tanto e não ter acabado com isto logo no início. mas como falei, sou intensa quando amo, vou fundo, entrego-me inteira, vivo até a última gota, mesmo que depois eu sofra feito uma condenada.

eu

peço como você tem que ter cuidado no trato... rsrs. bem sei... rsrs

ela

mas o bom é que eu já aprendi a transformar meus sentimentos em outros, assim, agora quero ter o ele como um grande amigo e não como “meu homem”. porque hoje somente sinto carinho, muita preocupação, admiração pelo trabalho, pelo estilo de vida, etc., e não mais o desejo de fêmea, como era antes.

eu

qualquer dia desses teremos que nos encontrar para prostrar mais, se possível, acompanhados de um bom vinho que tá guardado em casa esperando ocasião especial.

ps. meu coração também ficou pequenininho de tanta dor várias vezes nesta relação, e ele sequer percebeu...

.....

eu

oi. que recadão! foi tudo bem assimilado. e concordo com tudinho, mesmo porque tem coisa que eu desconheço. então fica assim: quando você quiser bater um papo animado por uma boa pinga... eu topo! a bola está contigo. bye.

ela

ele quer falar com você, ele tá desesperado...

ela

eu estou preocupada com seu amigo e você é uma pessoa que eu confio para falar sobre. passa um número de telefone aí para eu te ligar. in off, por favor!!

.....

eu

oi. quanto tempo!

ela

bom dia eu!!

eu

bom dia! como vai? livre, leve e solta?

ela

eu tô ótima? feliz com o momento histórico brasileiro. manifestando muito... rss livre, leve e solta....sim rsss

eu

isso é bom... relembra-me os velhos tempos quando estudei, peguei o vício de cheirar gás lacrimogêneo (naquele tempo não tinha esse maravilhoso spray de pimenta malagueta nem bombas de efeito moral com gás que dá diarreia!)...

ela

kkkk...

eu

tô indo para paraty, a convite de um primo que vem de são luís, passo lá o mês de julho. dizem que lá tem ótimos alambiques...

ela

eu não estou indo na linha de frete, deixo para os mais jovens, assim não cheguei a conhecer o gás nem o spray de pimenta. ele falou sobre sua ida a paraty, já ouvi falar da cachaça deles também.

eu

aliás, só para lembrar, você está devendo (ainda) aquela rodada de pinga...

ela

rsss... ué, temos que combinar um dia desses, pode ser lá em casa mesmo, assim a gente corta uns queijos para fazer tira-gosto para gente....

eu

ok. mas ele só reclama que tá trabalhando mto, não tem tempo para nada. agora vou para mauá. tentarei trazer uma pinga de paraty, se a \$ permitir...
bye bye bom dia para você

ela

valeu!! abração para você!!

.....

ela

e aí, eu? bom dia! como foi lá na flip?

eu

oi! a flip foi ok, mas não pude trazer uma cana. os preços estavam no nível do dom orleans e bragança!...

ela

aquilo lá é para gringo... coisa desse brasil, explorador.

eu

e você tudo bem?

ela

eu tô joia!

eu

mto ocupada?

ela

+ ou -..... pq?

eu

para bater papo... tá na barra ou no catete?

ela

tô na barra, em casa.

eu

beleza! eu ainda tô em pç. mauá.

ela

aí deve tá complicado né? muita gente na rua?

eu

complicadíssimo! o sindicato de mme. dilma está na candelária... e eu bebendo uma cervia na sacadura cabral. êita vida dura uai!

ela

rssss... deu dó

eu

rá, só faltava você né?

ela

falá nisso, vou abrir um vinho.

eu

aí sim a "inteligentzia", uai, completava a cena. vou aí beber esse vinho?

ela

se fosse outro dia até que rolava mesmo, mas hoje tenho que resolver umas paradas aqui, amanhã vou dar um passeio....tenho deixar uma coisas resolvidas. mas a gente pode marcar semana que vem, aí no centro mesmo, depois do trabalho.

eu

ok, o prazer será sempre meu. marca e marcaremos - ciau!

.....

eu

coração. acabo de passar uma semana na flip em paraty, rio, lugar que você vai adorar conhecer, se já não conhece. ele me contou do teu sucesso, mas para mim não é novidade. desde que te conheci vi logo, com orgulho – essa menina vai longe. e vai mesmo, esses são os primeiros passos. mas tem que avançar geograficamente também. na sequência, sei que vais ultrapassar as fronteiras do brasil e que onde estiveres serás vencedora. tua mãe, teu papai têm uma grande filha! ele – apesar do chamego normal pelos novos que chegam – tem em você a favorita (mas guarda esse segredo num baú para ninguém saber).

eu

na viagem do rio para paraty ele cismou de me dar o GPS para ir guiando a viagem. é claro que aquela droga de aparelho tem um rendimento de mais ou menos 50%. ele também me contou sobre a tua briga com o GPS quando a informação vinha errada: - cala a boca sua burra! eu vivia rindo quando

a musa do gps falava “vire à direita”, mas a gente não tinha que virar nada. aí eu: - cala a boca sua burra! lá pras tantas, outra vez: “a 500 metros, mantenha a direita, vire a esquerda” e nós em coro: - cala a boca sua burra! risos e mais risos que alegraram a viagem.

eu

até hj. guardo lembrança daquele dia que você e ela foram almoçar com a gente. logo quando vocês duas chegaram eu disse: - isso é que eu chamo felicidade em dose dupla! lembra? e foi de coração cheio que eu falei. tenho esse sentimento até hoje. nunca esquecerei aquele dia. imagina! eu estava perto de duas pessoas amadas: a que conheci tão de repente e de repente por ela fico apaixonado, outra amada que não via há muito e que renovou o prazer de rever!

eu

gosto demais de vocês duas, mas a distância é uma droga! que fazer? de você ainda trouxe uma lembrancinha cheirosa que durou o tempo que o cheiro durou. depois, a fonte secou, o papel foi lavado pelo tempo... dela, não tenho nada senão a paixão que me comove, o jeito de ser, único (como o seu). e não gosto disso de ficar amando à distância, não dá, não dá, mesmo, né? em não podendo outra coisa, amo vocês à distância mesmo. snif, snif! boas férias! bjs.

ela

.....

eu

Perdi outrora tantas amigas leais! Perderei também esta regressando a manhã? O corvo disse: nunca, jamais! Estremeço. A resposta ouvida é exata! É cabida, é tenaz, sem pausa. Só ficou a amarga cantilena: nunca, jamais! A alma, o sentido, o segredo daquelas sílabas fatais, entender o que ela quis dizer, glosando a frase: nunca, jamais! Assim posto, devaneando, meditando, conjecturando, não falo, mas se não falo, sentia o olhar que abrasa. Conjeturando fui ao tranquilo agosto, onde as louras tranças angelicais dela esparziam agora não se alastram mais. Nunca, jamais!

Rio de Janeiro, Cachambi, 28 de Junho de 2017.

Bárbara Maidel (I)
Pode a Justiça ser injusta?

Como vai a ermitã de Blumenau? Em paz, espero. E isso é suficiente. Andei lendo “O caso do aborto no Brasil” – que serviu de tese de mestrado – e foi aprovada??? Meu deus, o mundo está perdido. Mas reconheço que a tarefa foi difícil. Tantas armadilhas você teve de enfrentar: “o feto é uma vida digna de amparo”; “a lei está aí para nos servir”; “a lei manifestadamente injusta”; “proteger a vida de quem não tem consciência de si nem sentidos”; etc.

Se você não tivesse escrito a tese açodada pelo tempo veria que cabe revisão rigorosa (razão das interrogações acima). Mas é como disse: foi aprovada e agora tem força de ciência... Quando o artista aborta os filhos no mundo não é mais dono deles – isso serve para escritores.

O que mais reparei foi justo o ponto que você não tocou – acho que nem cabe a não ser de modo retrospectivo: “gestantes pobres que carregam filhos indesejados”; “a mulher que não queria filhos”; “engravidou por falha de método contraceptivo”; “a evolução relegou [delegou] à mulher a tarefa de gerar outro indivíduo”; “métodos contraceptivos nem sempre eficientes geram gravidezes não planejadas”; etc. Gravidezes? Não precisava exagerar, mas ficou bem. Mas “filhos indesejados”?

Aí que quero focar: o aborto é consequência, é a extremidade do problema que começa com a irresponsabilidade do casal – então bota culpa na camisinha que furou? Na pílula que falhou? Na loucura que o ato sexual gera? Sei que teu trabalho não tem como objetivo a causa e sim o fim, mas isso merecia ao menos uma notinha, tipo *mea culpa*. Eu tive uma namorada que interrompia a transa toda hora para me advertir com palavras de ordem: “não vai gozar dentro de mim”; “te controla”; resultado: fiquei condicionado como o cão de Pavlov.

Justo e injusto: “nosso fito de ponderar o aborto sob a ótica do direito justo e lógico”; “ação ilegal praticada por muitos deve se tornar legal”; “a norma penal de desrespeito corriqueiro”; “o direito vigente é um direito iníquo que carece de revisão”; etc. E se na história das leis não existir “a ótica do direito justo e lógico” e outras óticas?

Mais armadilhas: “Países mais desenvolvidos que o Brasil” – ora, a questão do aborto é muito particular, não inclui o progresso como parâmetro. “Acusar países onde o aborto é legalizado de cometer assassinatos legitimados”. Bom, se é legal não é crime. A guerra é exemplo de crime legitimado. Aí se trata de direito internacional, tribunal internacional, ONU, etc. Por que nunca se acusou os USA de crimes contra a humanidade?

Mais algumas *trampas*: “A mulher deva ser soberana do seu corpo”; “ela e não o Estado decida”; “o Estado pratique a laicidade pela qual julga ser guiado”. Isso é puro Maquiavel. Ou George Orwell. Estado é Estado porque impõe, controla, submete, escraviza. A Globalização é o mesmo Estado tentando controlar o mundo. A Coalizão. A primavera árabe que se transformou em inferno. Impor aos pigmeus o *way of life* nova-iorquino.

Agora, para encerrar, o que acho o pior de tudo: "toda vez que o STF legislar". Nunca pensei que você fosse dar aval a um político muito menos a um Rodrigo Maia. Essa frase é ideológica, insidiosa, má e corporativa. Está incorporada na atual rixa que discute, de modo teatral, a *interferência entre poderes*. A atribuição dos três poderes está definida de modo inequívoco na Constituição. Você agora faz parte de um desses poderes e na primeira atuação debaixo do manto judicial dá uma mancada dessas.

Barbara, a primeira lição é: não escute os políticos. Tudo que você estudou e aprendeu para dar luz à sua vida profissional está na contramão da política. Deixe a política para a escritora, não para o seu cargo (que ainda não sei qual é). Sabendo-se que o judiciário não faz leis, a frase "*toda vez que o STF legislar*" mostra que o desejo de interferir em outro poder vem é do Legislativo, que está debaixo do vulcão da corrupção que assola o nosso país.

Os STF como Corte não legisla, julga. Julga quando é instada a isso, jamais de ofício, justo para evitar ingerência. O resultado do julgamento não se transforma em lei, mas sinaliza para outras sentenças. No julgamento ordinário viram súmulas – uma aberração do Direito, pois *cada caso é um caso*. Súmula é engessante, preguiçosa, malévola para o próprio Poder Judicial e para a Justiça. É um complicador adotado por aqueles que quiseram levar o judiciário ao caos em que está agora.

Agora, o caso do cangaceiro Renan Calheiros botou o STF e todo o judiciário de joelhos. Como se pode tirar o Presidente do Senado da linha constitucional de sucessão presidencial deixando ele no cargo? Para ironizar te digo: na primeira oportunidade de substituir o Presidente, se o Renan recorrer a um juiz comum irá ganhar direito à sucessão. Que lhe foi tirada na marra ao deixá-lo na Presidência do Senado.

Ixe, agora você me irritou.

Não vou me estender mais porque o teu artigo no que defende está super bem escrito. Ademais, o quê um homem entenderá de aborto? Estou deixando a festa acabar para replicar teu texto, agora ninguém está lendo nada... só nós dois. Bom 2017! (com exclamação).

Um abraço arrojado, te cuida.

PS. Existe um site chamado www.academia.edu em que teus textos cairiam bem.

PS2. Se tiver aí acima alguma bobagem “jurídica” desculpe, não sou da área...

**Bárbara Maidel (II)
A Lolita, de Nabokov**

Tive um trabalhão danado pra reler a tua matéria, mas achei que fui muito sucinto. Todos os temas tratados não costumam me atrair. No caso da pedofilia, jogo tudo no colo de Freud – como a maioria dos tabus sexuais. Assim me livro do peso e posso aspirar o céu... Passo adiante algumas notas, também não tão profundas.

1) Não sei se Ítalo Calvino consideraria o livro um clássico. Ítalo Calvino entrou aí como quê? Dono da última palavra? Não precisava...

2) Engraçado, para mim isso não passa de pedofilia colocada em prática, quando você começa a fazer confusão entre ficção e realidade, mal-entendido que continua até o final do artigo.

3) Vi também que Nabokov parecia considerar a acusação de banalização da pedofilia uma coisa muito moralista. “Parecia considerar”;

“banalização da pedofilia”; são pensamentos inconclusos que misturam arte e realidade.

4) “A Arte tem dessas: faz com que crimes sejam vistos como belos, suaves, porque com nova roupagem”. Crime pressupõe lei condenatória. Mas muitos países não têm leis que tratam pedofilia como crime. Alguns países nem classificam ‘pedofilia’.

5) “...como um homem com filhas pôde adaptar uma obra que brinca com a pedofilia.” Nova confusão entre arte & realidade.

6) Quando você diz: “a literatura não obrigatoriamente tem que expurgar dentro da própria trama os crimes que acontecem nela, num engajamento severo (...)”. Pronto! Aqui está o mea-culpa que retrata toda a confusão do texto. E um pouco de censura também.

7) “Mas personagens são pessoas, e, tal como as pessoas, recebem julgamentos. Qual é a motivação de um personagem para ser imoral?” Peraí: personagens são pessoas? Personagens são personagens, ficção, imitação da realidade e como tal não têm obrigação moral.

8) “O papel da arte também é nos causar ojeriza. Você não é obrigado a criar laços de simpatia com qualquer protagonista vil que caia no seu colo”. Não mesmo. Se você sentiu ojeriza, vontade de vomitar, reconheça que a arte foi bem criada. E julgar um livro, criação ou arte, é censurar. Basta que sua posição seja forte e a justiça se fará sozinha.

9) “O que mais me assustou sobre os depoimentos das mulheres não foi o teor, mas a idade que relatavam que tinham quando foram assediadas pela primeira vez. Sete, oito, nove, dez anos. Eram crianças sendo assediadas, alisadas, convidadas para fazer alguma coisa sexual em troca de dinheiro ou doces”. Eis para quê as leis são criadas. Nesse conceito, dura Lex, sed Lex.

10) “(...) tendo como causador o coleguinha de mesma idade do sexo masculino que não atinava muito bem sobre respeito”. Aqui vc. toca num ponto importante: a pedofilia desaparece – não é ‘crime’ – se e quando exercida entre crianças da mesma idade. Agora entra em cena a sexologia.

11) “Para mim, tanto o pedófilo quanto o abusador, ao colocarem em prática seus desejos, violando crianças, merecem ser execrados”. (Idem, idem, nota sobre a Lei.)

12) Um pedófilo nem sempre vai chegar a abusar de uma criança, apesar de desejá-la. Falam de pedófilos famosos: Chaplin; Lewis Carroll. (Tive em mãos um livro dele com fotos de crianças nuas e seminuas: vizinhas, alunas, fotos tiradas com autorização das famílias; outras personalidades: Polanski; Michael Jackson; Woody Allen; e até Mr. John Kennedy.)

Em resumo, deve-se combater a pedofilia do mesmo modo que se cuida da defesa dos animais, no veganismo. Não vi nenhuma condenação à internet, onde grassam sites de pedofilia criminosa. Do jeito que está exposto o tema ficou à deriva, uma confusão danada. Lembre-se de que o artista não pode se censurar nem autocensurar. Tem que ler, ver e sentir tudo de asqueroso que o mundo oferece.

Júlio Diniz – A Carne

Tenho mania de abrir velhos livros numa página qualquer e ler para ver o que vai me surpreender. Então encontrei o seguinte texto:

“Quebrara em Santos uma casa comissária importantíssima. O coronel perdia na quebra cerca de trinta contos”.

– Que aquela praça era uma cova de Caco, uma Calábria, disse ele ao saber da notícia, um dia de manhã: que comiam o fazendeiro por uma perna; que misturavam o café bom, mandado por ele, com o café de refugo, com o café escolha comprado ao desbarato; que a essa honestíssima manipulação chamavam bater, fazer pilha, no que tinham carradas de razão porque era mesmo uma batida de dinheiro, uma verdadeira pilhagem de cobres, que davam contas de venda ao fazendeiro como e quando muito bem lhes parecia, e que o diabo havia de se ver grego para verificar a exatidão de tais contas; que à custa do fazendeiro comia o intermediário, comia a estrada de ferro com as suas tarifas de chegar, comia o governo com os velhos e novos impostos, comia a corporação dos carroceiros, comia a três carrilhos o comissário, comia o zangão ou o corretor, comia o exportador, comiam todos. Que afinal, para coroar a obra, para evaporar o restinho de cobre que ficava, lá vinha a santa da quebra, a bela da falência casual, já se deixava ver, porque onde há guarda-livros peritos ninguém quebra fraudulentamente.”

Não é um parágrafo maravilhoso? Começa em “Que aquela praça” e vai acabar lá embaixo, “já se deixava ver”... E no entremeio, quanta riqueza de expressões de época:

“aquela praça era uma cova de Caco”

“uma Calábria” (por que será?)

“comia o fazendeiro por uma perna, comia a estrada de ferro com as suas tarifas de chegar, comia o governo com os velhos e novos impostos, comia a corporação dos carroceiros, comia a três carrilhos o comissário, comia o zangão ou o corretor, comia o exportador, comiam todos.”

“misturar o café bom com o café de refugo”

“o café escolha, comprado ao desbarato”

“a essa manipulação chamam bater, fazer pilha”

“uma batida de dinheiro”

“uma pilhagem de cobres”

“o diabo havia de se ver grego”

“à custa do fazendeiro comia o intermediário” (etc.)

“evaporar o restinho de cobre”

“a santa da quebra”

“a bela da falência casual”

Está em Júlio Ribeiro – A carne – Livraria Francisco Alves – 1944. O homem é bom mesmo e que pena que só ficou ‘famoso’ com esse livro, que na minha adolescência servia pra fantasiar ‘el hacer puñetas’, como dizem os espanhóis, pois era livro ‘proibido’... Resulta que voltei a ler o dito cujo desde o começo. A história de Lenita realmente marcou época. Ademais a escrita de 1944 dá excelente aula, pode crer. É também boa prova de que TODOS os textos, a partir de certa data (novas regras ortográficas, por exemplo), devem ser atualizados ou se transformam em Camões.

O futuro é ontem

No dia 10/05/2014 recebi do primo Quincas Oliveira o texto “Direito mastigado e literatura facilitada: agora vai!”, de Lenio Streck. É um texto que se propõe doutrinário, mas, pensando bem, vejo que apenas reflete o pensamento que herdamos da Idade Média: não conseguimos entender nem ouvir as novas gerações, não conseguimos compreender nem avaliar o novo mundo; e nessa frase se substituímos o *não conseguimos* por *nos recusamos*, verá que também é justo o que ocorre.

Por ventura da humanidade, ninguém se coloca diante da situação atual, na qual vive a própria existência. A celeridade do tempo e da vida muda à velocidade tal que não conseguimos perceber o que está milímetro adiante. A vida nos impõe tantos transtornos – uns felizes, outros indigentes – com a exata rapidez de não permitir que os contemporâneos tenham como absorvê-la, entendê-la. Mudar isso é impossível.

A teia do tempo (posso dizer: da tecnologia) pegou o Lenio Streck, autor do artigo, pelo gasganete, não foi o primeiro nem será o último. O seu ponto de vista exposto sob a ótica do jargão “jurisprudês”, sendo Procurador por profissão, contraria a própria estética que critica, macula o texto. A sociedade – simbolismo de raça humana – tenta assimilar de imediato, mais do que nunca, que o tempo voa, nos arremessa junto, que, portanto, a juventude está tão distante de nós que não chegamos a seus calcanhares.

Porém, esse bigbang da informática que ora ocorre, que não tem como ser evitado (efeito e causa do artigo citado), veio bem a tempo de impedir que toda a humanidade fique impassível nas mãos desses loucos que dirigem os países, Putins, Obamas, todos pequenos e grandes ditadores de nós, humanos e malditos.

Isso porque o movimento gerado pela comunicação digital é a reação inevitável e simples, é também – graças a Deus! – incontrolável: a Internet, o monstro que ‘eles’ criaram, torna-se O Robô, que pensa, tem vida própria e liberdade suprema. É o Frankenstein moderno. É a lenda contemporânea do Superman: cultura, folclore, mitologia, fábula, história.

Tudo que o tempo coloca à frente, hoje e sempre, estará acima da nossa compreensão, do entendimento dos que estão a bordo da nave, mas nem por isso devemos ignorar ou nos mostrar refratários, como fez o douto Lenio Steck, sem pioneirismo, porque tem milhares de artigos circulando por aí com o mesmo espírito e teor. Embora nem todos carreguem na alma a paz, o desejo de liberdade no coração, nem qualquer respeito, antes, tratam no íntimo como se fosse simples anedota, facécia ou gracejo. Isso sim seria piada de mau gosto.

Para que nosso olhar não se perca, desejaria que pudessem todos assistir, juntos e maravilhados, ao milagre prodigioso que ora se materializa debaixo de nossos narizes. É o futuro que jamais imaginamos, o repeteco do milagre de Cristo, Sócrates, Copérnico, Galileu, Magalhães, Gagárin – número infundável de feiticeiros que produziram o mesmo efeito com o passar do tempo não cronológico – algo a ser vivido em carne e alma.

Um parêntese quanto à correção do texto de Machado de Assis (também aventada no mesmo artigo): o tema foi objeto de blog que escrevi alhures, não só sobre o tamanho de importância que dão a Machado de Assis, quanto a deterioração e o bolor que cai sobre suas obras. É tamanha a relevância e reverência à obra de Machado de Assis, que fica difícil encontrar outro exemplo universal de escritor ao qual ele se possa igualar!

Pelo menos nesse ponto Lenio Steck pensa igual sobre a velhice previsível de seus contos, romances e crônicas. Ou seja, não há como evitar a atualização ortográfica dos escritos: por causa dessa visão obstrutiva de falso purismo que está inteira no artigo que me enviaste, crucificaram Camões, Monteiro Lobato, etc. lembra? Assim entendi...

Se “la donna è mobili”, podemos dizer que “la scrittura è anche mobili” e o que assemelha à situação apresentada é que a escrita não precisa de ‘acordos ortográficos’: ela tem vida própria e, mutante, se recria a cada instante.

No entanto, no artigo, isso é o de menos: o mais importante é a cegueira que acomete pessoas possuídas de alto nível cultural sobre o que agora ocorre no universo que nos cerca, globalizado, sim, mas tão fragmentado quanto fractal, isto é, a supremacia da desordem organizada.

Precisamos nos vacinar urgente contra o vírus da alienação ou nos tornamos aliens em nossa própria terra.

Será que teremos de nos obrigar a implantar aquele terceiro olho hindu, o sexto chakra, para que nos expanda o grau de percepção a nível imperativo, para abarcarmos e gozarmos de toda a maravilha em que o mundo se transforma diante de nosso espanto? É burrice perder tempo oferecendo resistência, não aceitação, intransigência e qualquer obstáculo ao que está ocorrendo – ou não aprendemos nada?

Caro Quincas Oliveira, lembra-me surpreender o teu semblante melancólico ao desfrutarmos, sós, a sala maravilhosa que cuidaste de arquitetar em teu apartamento para recepcionar amigos, quando te veio a imagem daquele mesmo ambiente, um dia repleto de convivas, cheio de luz, sussurro de falas, tintilar de taças. As visitas eram tantas que tiveste necessidade de improvisar assentos. E o jeito amoroso com que descrevias as reuniões prenes de amigos e de assuntos, pejudas de sorrisos felizes porque, sendo o homem – como os cães – espécie de convivência em matilha, só vive bem em grupo.

É triste: não existe mais a sala de recepção, as reuniões se tornaram virtuais, ninguém visita ninguém, somos párias dos monitores, portanto, entes menores. Ah, com tal analogia, de repente me encheu o saco essa digressão! Poderia juntar aqui um monte de lugares-comuns: o tempo voa, a vida passa, mas de que adianta se não percebemos que a celeridade é que atropelou nosso olhar, nosso pensamento, de tal modo imperceptível, igual ao átomo que ninguém pode controlar?

“Não falo a néscios” (repito o sábio), por isso o que posso desejar – palavra de primo-ermão – é que a percepção desse novo olhar se reflita em teus escritos, nas leituras e atitudes, de tal modo prismatizado, que tenha a envergadura de interferir na vida de teus leitores. Não há tempo a perder. Pois hás de te lembrar do artigo em que comentei o quebra-quebra nacional de outro dia – que irá se repetir, como repercutem os cometas – pois somos passageiros do mesmo trem.

Quincas, tenha um bom dia! Desculpe o mau jeito com que respondi ao texto que me mandaste sobre o artigo de Dr. Lenio não sei quê (e-mail de ontem). Foi truncado, saído ao calor da refrega... Culpa tua, que me manda

essa bobalhada só pra me provocar taquicardia. Antes de tudo, desculpa o “Não falo a néscios”, que não é frase minha, acho que me lembrei da Bíblia, mas saiu sem aspas.

Segundo, oras, o quê tenho haver se quem quer que seja não larga pé do passado, essa natureza que nos trai a todo instante? Se for por opção própria, então que se alimente lá de ontem, não sabe? Tu mesmo, ora estás com o calcanhar no Líbano e o dedão em São Bento – e eu com isso? Me tiraste uma noite de sono, tu e o tal Dr. Lenio.

Mas te lembra do artigo em que comentei o quebra-quebra nacional de outro dia – que irá se repetir, como repercutem os cometas – pois são passageiros do mesmo trem. Bom, enfim, desculpa o atrevimento, as frases de efeito imitadas de alguém e toquemos o bonde pra frente, que atrás vem gente!

Quem foi Han Hyner?

Pego um livro velho cuja leitura ficou esquecida pela metade. É “O quinto evangelho” de Han Ryner. Mas quem é Han Ryner que nem consta da Enciclopédia Larousse? A própria orelha do livro esclarece: “Han Ryner, poeta, romancista, crítico e ensaísta, nasceu em Némours (França), em 7 de dezembro de 1861 e faleceu em Paris, em 8 de janeiro de 1938. Foi professor de história e de filosofia no Liceu Louis-le-Grand e no Colégio Charlemagne, na capital francesa.

“Deixou cerca de setenta livros, entre os quais os seguintes, considerados como obras-primas: “As viagens de Psicodoro”, “Parábolas Cínicas”, “O Pai Diógenes”, “Os Pacíficos”, “A Torre dos Povos”, “A Sabedoria Sorridente”, “A Vida Eterna”, “Os Verdadeiros Diálogos de Sócrates”, “O Engenhoso Fidalgo Miguel de Cervantes”, “O Amor Plural”, “Tomai-me todas!”, “Pequeno Manual do Individualista” e o “Quinto Evangelho – a primeira obra de Han Ryner que se publica em português. “Em 1912, já famoso, foi aclamado, em Paris, Príncipe dos Narradores Filosóficos, num plebiscito entre os escritores da França promovido por Romain Rolland e J. H. Rosny, pai, presidente da Academia Goncourt”.

Jota Cristo sempre atraiu e atrairá ainda muitos autores para deliberar sobre sua vida e seu legado. Aliás, é hoje mais forte e mais revolucionário o legado de Cristo que sua própria existência. Mesmo assim a sua vida tem sido objeto de muitas biografias e pseudos biografias, queimado a pestana e a vida literária de muito peso pesado do pensamento. Filósofos, historiadores, romancistas, dramaturgos, poetas – cristãos, ateus, reformistas – ninguém, ninguém escapou das garras da vida e pensamento de Cristo, que chegou até nós através de histórias contadas em evangelhos capengas.

Portanto, é provável que a leitura desse livro – que ficou pela metade – se tenha dado à época em que me interessei em conhecer os evangelhos, na ambição de solucionar as dificuldades históricas da vida de Jesus Cristo. Tendo lido os evangelhos, bíblicos e apócrifos – mais uma dezena de outros textos e autores inclusive “Cristo, esse desconhecido”, de Ernesto Bono, esse “O Quinto Evangelho” viria me iludir e me complicar ainda mais a respeito do tema, o que resultou no conto “O Evangelho Segundo”, que cometi fazer tempo.

Talvez também tenha me atraído a leitura de “O Quinto Evangelho”, de Han Ryner, o fato de que compartilhamos a mesma ideia de que Jesus Cristo não morreu na crucificação e, portanto, também não ressuscitou. Conforme está explicitado nos últimos capítulos do livro (22, 23 e 24), dos quais reproduzo um excerto.

“Felizes os que são perseguidos por serem justos, pois a Terra levanta-se contra eles e o Céu une-se à Terra! Mas eles miram para dentro de si e conhecem o único reino onde pode reinar a justiça!”

“Ditosos os que são pobres, sem atormentar-se com as riquezas próximas ou distantes, pessoais ou comuns; os que não desejam consolação externa, os que são indulgentes, justos, misericordiosos, puros e pacíficos! Pois o mundo perseguiu-los-á e Deus abandoná-los-á. Mas eles não temerão nem a Deus nem aos homens e encerrar-se-ão em si próprios como numa fortaleza inexpugnável”.

“E viverão e morrerão no reino das riquezas, que os vermes jamais corrompem e onde os ladrões nunca roubam: no reino da verdadeira luz, da verdadeira alegria, da única bondade, da única justiça e da paz única! E perdoarão à Terra e ao Céu, que não sabem o que fazem!”

Ao chegar a hora nona, Jesus sentiu-se desfalecer. Julgou que ia dormir para sempre, e sua cabeça inclinou-se sobre o ombro. O centurião que comandava os soldados ficou maravilhado com a nova beleza que transfigurara o rosto do crucificado. E disse aos que ali se encontravam: “Pela primeira vez houve felicidade neste lugar!” Mas o próprio centurião admirou-se do que dissera, como se tivesse ouvido palavras alheias. E não as compreendeu, pois achava-se como um ébrio que, dizendo a verdade, não sabe o que diz.

E como já era tarde e era dia da preparação da Páscoa, isto é, véspera do sábado, José de Arimatéia, que era um ancião nobre e justo e um amigo secreto de Jesus, encorajou-se e foi avistar-se com Pilatos, a quem pediu o corpo do mártir. Pilatos admirou-se de ter Jesus morrido já, e, chamando à sua presença o centurião, perguntou-lhe se isto era verdade.

O centurião respondeu: “Jesus era um homem débil como um menino, estava quase morto à hora sexta, quando o crucificámos, e morreu por volta da hora nona!” Pilatos então deu o corpo de Jesus a José. E, ficando sozinho, disse consigo próprio: “Se este justo estiver vivo ainda, isto me alegrará. Pois o terei salvo sem correr risco algum!”

José de Arimatéia, depois de comprar um sudário, regressou depressa com Nicodemos. E desceram o corpo da cruz, envolveram-no no sudário e colocaram-no nas proximidades, num sepulcro novo talhado na rocha. E Maria Madalena, e Joana, esposa de Chuza, e Maria, mãe de José, viram onde o colocavam e se retiraram. Quando José de Arimatéia e Nicodemos ficaram sozinhos no sepulcro, disse o primeiro: “Não pude trazer substâncias aromáticas. Mas voltaremos para ungi-lo no dia seguinte ao sábado, bem de madrugada”.

Nicodemos acrescentou: “Eu tampouco trouxe substâncias aromáticas. Mas trouxe remédios e poções calmantes. Pois são necessários três ou mais dias para se morrer na cruz e ele só esteve nela escasso número de horas!”

José de Arimatéia pôs-se a tremer. E disse: “Cala-te Nicodemos. Não me concedas esperanças vãs!” E, aproximando-se do corpo, acrescentou: “Tenho medo de esperar!”

Mas Nicodemos replicou: “Vê como se lhe ergue o peito. Repara no vibrar de suas pálpebras, como se quisessem abrir-se-lhes os olhos!”

José, pondo-lhe a destra sobre o coração, que batia fortemente, disse: “É muito comum aos que velam os mortos terem a ilusão de vê-los moverem-se!”

Mas Nicodemos, já sentado, havia posto sobre os joelhos o corpo de Jesus. E de repente exclamou, como alguém que quer expressar sua alegria, mas sabe que não deve gritar: “Está vivo!”

E ambos se dispuseram a cuidar dele. E Jesus murmurou, como se despertasse de um sonho: “Estava tão feliz! Os homens eram felizes e a sua felicidade era obra minha. Porventura não passou tudo isto de um sonho?” Mas José de Arimatéia disse-lhe: “Não fales, Mestre. Não te fatigues! Pois

acabas de surgir penosamente das sombras da morte!” E quando, depois de lhe haverem dispensado os primeiros tratamentos no sepulcro, a noite se tornou mais escura, transportaram Jesus para casa de Nicodemos.

No sábado pela manhã José de Arimatéia foi procurar os essênios, que em número superior a quatro mil habitavam nas proximidades do Mar Morto, os quais amavam a Jesus, porque este praticava e divulgava preceitos iguais aos deles, e porque as parábolas de Jesus eram como as deles, vestidas de branco. José contou-lhes todo o ocorrido em Jerusalém e que Jesus estava ainda vivo, mas que não podia continuar em Jerusalém, pelo perigo de cair de novo nas mãos dos seus inimigos.

Alguns essênios partiram com José de Arimatéia. E, na madrugada seguinte ao sábado, transportaram Jesus para o meio deles. Mas Jesus quis que comunicassem a seus discípulos que ele não havia morrido. De modo que dois essênios foram ao sepulcro, retiraram a pedra que José de Arimatéia e Nicodemos ali haviam colocado para fechar a entrada e impedir que alguém o visse vazio.

E ficaram sentados à beira do sepulcro, a ver o que ocorria e para transmitirem aos que primeiro ali chegassem o recado que Jesus lhes confiara. E na manhã seguinte, que era a primeira da semana, vieram Maria Madalena, Joana, mulher de Chuza, e Maria, mãe de José, trazendo bálsamos e perfumes. E vendo levantada a pedra do sepulcro entraram admiradas e com o coração cheio de temor.

E não acharam o corpo de Jesus, mas sim dois homens cujos vestidos eram tão brancos como a neve. E o espanto se apoderou delas e abaixaram o rosto para a terra. Mas eles lhes disseram: “Porque procurais entre os mortos o que está entre os vivos? Ele saiu da tumba. E disse: “Que os meus amigos voltem à Galileia, onde me encontrarão. Pois não posso entrar em Jerusalém, onde meus inimigos de novo me prenderiam!” E, saindo do sepulcro, elas contaram aos onze todas essas coisas. Mas eles não acreditaram no que elas lhes diziam, pois parecia-lhes um sonho.

Todavia, Pedro levantou-se e correu ao sepulcro, e, inclinando-se para olhar, nada mais viu além do sudário que jazia por terra. E retirou-se logo, admirado com o sucedido. E disse aos demais: “Bem sabia que seu Pai viria

em sua ajuda e que ele sairia da tumba. Pois ele é o Cristo e, para dar-nos prova disto, preferiu triunfar da morte a triunfar dos homens”.

E quis que seus inimigos o julgassem encerrado no sepulcro, para surpreendê-los em sua confiança e no seu orgulho. E para fazê-los cair de mais alto na vergonha e na morte.

Interessante sob todos os aspectos esse “O Quinto Evangelho”, de Han Ryner, um estranho autor que perpassou por letras brasileiras e jamais se ouviu falar.

Por fim, uma curiosidade: a última página do livro guarda detalhes técnicos da edição em que se verá uma forma antiga e humana de publicar livros que não mais existe, enterrada por sistemas eletrônicos, compostos de máquinas ultramodernas que fazem tudo de uma só vez em gestação de minutos e acaba por parir o livro já pronto para uso. É o que diz lá:

“O Quinto Evangelho” se acabou de compor e imprimir nas oficinas da Empresa Gráfica Carioca S.A. (Rua Brigadeiro Galvão, 225-235, S. Paulo), para a Livraria Editora Germinal (Av. 13 de Maio, 23, s. 922, tel. 52-1001, Rio de Janeiro), em 31 de agosto de 1961. Foi composto por Alcides Rodrigues Silva, paginado por Vicente Boccia, impresso por José Marques de Azevedo e Ramiro J. Balbino, dobrado por Agenor Dias Paraíba, costurado por David Luciano e refilado por Aldair M. Oliveira.

Honra e glória, pois, aos antigos operários da indústria gráfica que deixavam a digital impressa no papel, nas dobraduras, costuras e davam alma aos livros.

Rio de Janeiro, Cachambi, 26 de julho de 2017.

**Três poemas de Salomão Rovedo
(Tradutor: desconhecido)**

Azul

**Um pouco de azul não faz mal a ninguém,
nem o verde que se esgueira entre as casas
ou a mesma estrela multicolor que me segue,
cintilando mistérios, emprenhada de segredos.**

**Faz bem o cristal salinoso que emerge da onda
e penetra entre as frestas das roupas, botões,
a espuma que lambe a epiderme rugosa e sã,
lábios ressecados noutros lábios ressecados.**

**Não faz mal o cheiro de mar aromatizado,
vasa que entranha e fere as narinas da alma,
nem faz mal a água doce que corre nos dedos
enquanto o rio se mexe direito a outros rios.**

**Faz muito bem a luz clara, manhã aventurada
que se debruça em cumprimentos e medidas,
perseguindo o som em partitura emoldurada,
letra de música ministrada às rezas vesperais.**

**Não é mal despertar sobre o corpo dela em duna,
lençol de areia monazítica, amplo de vivacidade,
salgada sebe, glândulas salivares, cuspe, licor,
pudor rouco, gozo em azul destilado entre coxas.**

Blue

**A little blue does not hurt anyone,
nor the green that creeps between the houses
or the same multicolored star that follows me,
shining mysteries, bundled with secrets.**

**The saline crystal that emerges from the wave
and penetrates between the crevices of clothes, buttons,
the lather that licks the rugged and healthy epidermis,
lips parched on other dry lips.**

**It does not harm the scent of scented sea,
vasa that entrains and hurts the nostrils of the soul,
nor does it hurt the fresh water that runs in the fingers
while the river moves right to other rivers.**

**Makes the light well clear, morning risky
which gathers in greetings and measurements,
chasing the sound in framed score,
lyrics to the evening prayers.**

**It is not bad to wake up on her body in dune,
bed of monazitic sand, ample of vivacity,
salted hedge, salivary glands, spit, liquor,
shameless modesty, enjoyment in blue distilled between
thighs.**

Mel

**Quando a encontrei era só açúcar,
prazer, dança, doce de goiaba e mel.
Um mar de sal e sol para temperar,
vinho branco e, ou, cerveja gelada.**

**Criação boa a receita de felicidade:
e assim foi o tempo das maresias,
ondas rasteiras, espaços espectrais,
pôres de sol. É verdade: o sol se põe?**

**Sei que estão pensando que vou falar:
Agora tudo é fel (para rimar com mel),
mas que nada: só a distância atrapalha
a convulsão mansa de nossa pele úmida.**

**Se for possível, continua doce, mel e mel,
bacuri em calda, condimentos picantes,
sorvete de juçara... Já falei dos lábios?
Ara que boca! Ânasia devoradora, ora...**

Honey

**When I found it, it was just sugar,
pleasure, dance, guava jam and honey.
A sea of salt and sun to season,
white wine and, or, cold beer.**

**Good creation the recipe of happiness:
and so was the time of the maresias,
ripples, spectral spaces,
sunsets. Is it true: the sun sets?**

**I know you're thinking I'm going to say,
Now everything is gall (to rhyme with honey),
but nothing: only the distance disturbs
the gentle convulsion of our damp skin.**

**If possible, it remains sweet, honey and honey,
bacuri in syrup, spicy condiments,
Ice cream from Juçara ... Have I told you about the lips?
Ara what a mouth! Devouring craving, now ...**

Canção das dunas estelares

**Sardas são estrelas. Teu corpo é a Via Láctea salpicada de sardas. São
dunas de areia as alvas ondulações estelares desse corpo.**

**Desafios exigindo sabença as reenrâncias. Leitosos caminhos
cósmicos desafiam o amante venturoso. Sardas são estrelas, astros, sóis,
pontos minúsculos de universo para sempre incógnito.**

**Teu corpo salpicado de sardas, ponteadado de alvas ondas estelares,
reenrâncias como desafios, convida o venturoso amante.**

(Colher uma a uma as estrelas, com os lábios apagar sardas, deslindar o sabor lácteo que as reentrâncias exalam).

Saber a sal o sabor da pele, dos lábios salpicar de novo, repor uma a uma as sardas todas em seus devidos lugares.

Via Láctea chamuscada de sardas – que são artes estelares – reproduzindo o trimilenar mistério.

Miríades de sensações: teu corpo tem estrelas.

Song of starred dunes

Freckles are stars. Your body is the Milky Way sprinkled with freckles. Sand dunes are the stellar undulations of this body.

Challenges requiring knowledge of the recesses. Milky cosmic paths challenge the blissful lover. Freckles are stars, stars, suns, tiny points of universe forever incognito.

Your body sprinkled with freckles, dotted with starry waves, recesses as challenges, invites the happy lover.

(Collect the stars one at a time, with the lips erasing freckles, demarcating the milk flavor which the recesses exude).

To know the salt the taste of the skin, of the lips to splash again, to replace one by one the freckles all in their due places.

Milky-milled freckle of freckles - which are stellar arts - reproducing the mesmeric mystery.

Myriads of sensations: your body has stars.

From: Salomao Rovedo, Rio de Janeiro

O breve reinado das Donzelas (Reportagem)

– *Vosmecê vai atirar?*

– *Não quero matar ninguém – era a voz de Luna Gato.*

– *Mas também não quero morrer*

Adonias Filho – O Túmulo das Aves

Espera-se para as próximas horas sangrenta revanche político amorosa como vingança pelo frio assassinato do famigerado ex-bandido e atual protetor de donzelas Santino Alvo, mais conhecido pela alcunha de Coração Branco. Protegido do Coronel Mendes, do qual é homem de fé e confiança, ele foi abatido alta madrugada no trecho pouco habitado da Rua Fome de Amor, no rumo de quem vai para a Grande Capital.

Nascimento de Jesus, apelidado Jesuzinho, um sobrinho talqualmente apadrinhado do mesmíssimo Coronel Mendes, escapou do atentado gravemente atingido, porém, jurando desforra. Jesuzinho é, tal qual Coração Branco, protetor de donzelas, há muitos a serviço do citado Coronel Mendes. Ele foi recolhido do chão espumando ódio, ajudado por populares e imediatamente levado pra a Casa de Saúde Nossa Senhora da Proteção. Localizada em lugar afastado da cidade, a existência da Casa de Saúde é quase dedicada ao atendimento exclusivo de empregados dos grandes Coronéis ilicitamente endinheirados, já que não podem aparecer nos hospitais públicos oficiais.

O atentado – o último da série de violentas mortes – teve como justificativa a luta pelo domínio e posse da discutida área que se estende por toda a extensão de Vila Felicidade. A disputa dará ensejo ao vencedor – caso sobreviva à matança – ser nomeado definitivamente Protetor Geral das Donzelas do Coronel Mendes. As filhas e enteadas do Coronel Mendes são atualmente tidas como as mais belas que a região jamais deu, por isso são tão disputadas. Essa posição perpetuará o eleito como aquele que terá o privilégio de gozar todas as prerrogativas e amores das damas do Coronel, cuja fama de beleza corre florestas e vara sertões – além de outros benefícios inconfessáveis.

Embora o Protetorado esteja oficialmente renegado a um plano secundário diante das firmes investidas do Governo Central, com o apoio

decidido de combatentes federais, ele continua funcionando na clandestinidade com o objetivo de garantir antigas posições, conquistadas a sangue e a defuntos dos seus poderosos donos. Mesmo nos locais onde a guarda é feita pessoalmente por membros das famílias (antepassados dos protetores se juntaram à família protegida unindo assim os troncos genealógicos), as moças estão debaixo da forte e voluntária proteção dos pretensos candidatos, ocasionando dupla e inexpugnável guarda.

Eles aguardam apenas o momento oportuno para assumir seus postos oficialmente, a salvo da ameaça de ser molestado pelos agentes federais ou remetidos presos à Ilha do Grande Presídio, temida por todos. Como se vê a guarda é feita à revelia dos grandes coronéis e proprietários rurais interessados, que acatam a proteção dada por vencedores dessas batalhas criminosas e marginais. Geralmente o vitorioso reúne as melhores qualidades profissionais de um bom protetor, apesar da rudeza de que são possuidores, dos golpes baixos e subterfúgios aplicados para a posse ditatorial da posição.

Continua detido incomunicável na delegacia de polícia o idoso protetor de nacionalidade italiana *Amore di Amore* ou Amor Fino simplesmente, como é reconhecido nas rodas. Ele sofre de mal cardíaco e palpitações adquiridos em decorrência de terríveis sustos amorosos levados como protetor de moças por mais de trinta anos de intensa atividade. Em virtude disso tudo Amor Fino resolveu requerer aposentadoria, tendo fabulosa soma como remuneração. O processo a esse respeito tramitou em diversas instâncias e, ao que se sabe, ainda corre na Capital. Os funcionários especialistas estão se virando para classificar a profissão de guarda-cabaço, inexistente mesmo nos catálogos do Impostos de Renda, ICM, INSS.

Amor Fino é peça fundamental para o total esclarecimento dos últimos homicídios ligados aos Coronéis e aos protetores. Em derradeira confissão, Amor Fino contou à polícia que Coração Branco – a vítima – esteve em sua residência poucas horas antes da fatalidade. Conversaram bastante sobre a atual situação em que se encontram os protetores, desamparados de qualquer apoio sócio financeiro oficial, sem institutos e instituições que amparem as famílias, sem médicos próprios, sem seguro de vida, plano de saúde ou escolas para as crianças. O exemplo da aposentadoria de Amor Fino serviu de modelo para mostrar em que pé está

a situação de amparo social da classe. Ao fim da conversa Coração Branco se mostrou bastante nervoso, sem, contudo chamar demasiada atenção.

– Na profissão é comum a gente tremer. Até adquirir mal qualquer incurável, como eu. Ou ficar com o coração de ferro, frio que nem laje de cemitério, como muitos outros – declarou Amor Fino.

A visita era natural, como comum é o acesso dos jovens guardadores de moça ao conselho de antigos protetores, de grande valia pela palavra abalizada na profissão, pelo prestígio mantido junto aos Coronéis e patrões a que serviram. Na hora da verdade a experiência só vale se for vivida e sentida na carne. Coração Branco antes de se retirar requereu um vidro do perfume Flor Silvestre, preparo especial, a título de ajuda sentimental, pois estava necessitado.

Tal fragrância é especialmente fabricada por Amor Fino e muito respeitada pelos consumidores. Gente de toda camada, social, inclusive vinda da cidade grande, atesta a sua infalibilidade: nunca fracassou na missão santa de renovar amores, levantar moral de cabeças arriadas e outras mumunhas físico-eróticas.

Ao deixar a residência de Amor Fino, Santino Alvo percorreu a pé os jardins naturais de Vila Felicidade recolhendo, apaixonado, as rosas de sua preferência, de vários espécimes, clandestinamente exploradas por Amor Fino, o qual, ainda que detido na delegacia, controlava o mercado sexual paralelo à proteção do cabaço, com produtos como o citado levanta-pica e outros mais danados e afrodisíacos ainda.

Por tradição Amor Fino serviu de mediador em muitos casos tidos como insolúveis, assim era o seu prestígio e razão de ser tenazmente disputado.

Foi daí em diante que os criminosos passaram a seguir Coração Branco. Trazendo pelas rédeas seu cavalo tordilho ele continuou enlevado o passeio. O puro sangue relinchava de alegria e de repente passou a fungar como que pressentindo algo anormal. Portava o cavalo na anca a marca da Fazenda Rústica (dois corações rasgados por várias flechas – sinal de tanto amor e tanto sentimento) de propriedade do afamado Coronel Mendes. Foi presenteado pelo patrão a Coração Branco como prêmio pelos excelentes

serviços prestados não só de guarda-donzela, mas até de capanga e homem de fé e confiança total.

Coração Branco formava com Amor Fino e mais Francisco Alves – Chiquinho Bico Doce – a cúpula do sindicato que protegia a maioria das belas moçoilas de Vila Felicidade e arredores. Até então eram temidos por todo mundo: ninguém jamais ousaria levantar dedo ou voz contra atos do famoso trio. O povo tinha especial atenção e adoração por eles e não havia gente de bem insatisfeita quando recorria a seus préstimos. Mas os jovens chegam quase sempre violentos destruindo tudo quanto é preconceito, os impérios bolorentos. Por isso mantinham os três um pacto de mútuo respeito e ajuda profissional.

Para desmontar o valoroso tripé de proteção, seus inimigos começaram por liquidar covardemente Chiquinho Bico-Doce, sequestrado de uma caleça azul bordô, último modelo, quando abandonava o aveludado quarto da donzela de 15 anos, de olhos verdes, cabelos longos, boca louca: sua amada e protegida, filha do Coronel, patrão e amo. Foi encontrado muito depois por populares, no KM 69 da Estrada da Fome de Amor, com o corpo melancolicamente crivado de balas por todos os lados. Chiquinho Bico-Doce fitava em vão o longo caminho que muitas vezes percorreu suspirando a saudade da amada. Os matadores enfeitaram o cadáver com o símbolo mortal, espécie de marca registrada que trazia horror a quem visse: um coração sangrento trazendo dentro de si uma caveira, tíbias atravessadas em cruz.

Ontem de madrugada chegou a vez e hora de Coração Branco bem como a de Jesuzinho, que seriam mortos a uma só vez por medida de economia. Oficialmente Jesuzinho – como se lembra, escapou quase ileso – mas tomou rumo ignorado e ninguém sabe o endereço da clínica onde está internado. As autoridades encontram dificuldades para tomar informações do povo local, onde as vítimas são bem conceituadas. Jesuzinho fugiu atravessando o campo de futebol abandonado, caminho também preferido por Chiquinho Bico-Doce, como se viu, anteriormente liquidado na guerra sem dono.

A verdade está registrada oficialmente nas linhas das reportagens passadas. As três da madrugada o assassino (ou assassinos) ultrapassou a dupla e fechou o caminho. Súbito a redondeza se viu acordada por rajadas

de tiros de revólveres e metralhadoras. No silêncio da noite o inferno se fez presente, o diabo em pessoa lançando fogo pelas ventas, devastando, arrasando, ceifando preciosas vidas e ensinando o mal às crianças.

Entre os atacados estava Santino Alvo, gente boa, caráter irreprochável, amante das boas coisas, papo dos melhores, santo! E Nascimento de Jesus, criança, que gostava de grandes aventuras e ajudar necessitados. Um meninão que podia ser o diabo em pessoa (muitas vezes era), mas não gostava da profissão. Coração Branco morreu na hora varado por seis tiros: o alto da cabeça, o ouvido esquerdo e a região torácica foram as partes mais atingidas. O rosto desfigurado deixava Coração Branco partir sem qualquer expressão, não podendo deduzir o povo a qual das três partes do além ele se destinava.

Jesuzinho, tido por todos como pistoleiro de alta periculosidade, escapou gravemente ferido por dois balaços: na clavícula direita e na altura dos rins. Gritava em altos brados dizendo que isso não ficaria assim. Voltaria para a vingança implacável. Claudicante foi protegido involuntariamente por meninos de uma casa próxima que o admiravam e assistiam ao tiroteio, acordados pelo ruído da metralha. Ele, Jesuzinho, nunca jurou em falso.

Coração Branco, provavelmente para se proteger das investidas dos federais, tinha em seu poder uma colorida mas falsa carteira de identidade de Inspetor da Guarda Noturna de Jardins e Praças, o que lhe permitia andar armado. Mas não teve sequer tempo de sacar o revólver calibre 38 especial. As balas jamais saíra do tambor.

O azar ocorreu por conta de Chiquinho Bico Doce, o Francisco Alves, que teve o privilégio de ser o primeiro a falecer na terrível batalha de Vila Felicidade. Quando ele foi abatido seus olhos denotavam toda a alegria possível num homem endurecido pelo rigor da profissão. Saído então do quarto da amada moça, olhos verdes de 15 anos Chiquinho Bico Doce encontrou seu destino.

A seguir tocaria a vez de Coração Branco quando justamente procurava se reabilitar das fracassadas investidas amorosas – assim apontam as circunstâncias e o frasco de fragrância solicitado a Amor Fino. Jesuzinho soube sumir a tempo e hora exatos. A ocasião reservada a Amor

Fino foi desfeita pelo amparo protetor oficialmente dado pela polícia, pressionada pelas autoridades civis, eclesiásticas e militares da Capital. Eles querem saber tudo detalhadamente e têm interesses no caso.

Rememorando: a antiga prática de guardar moças, que encontrou em Vila Felicidade o auge de difusão, surgiu das várias reclamações registradas pelos candidatos a marido, que alegavam encontrar as Donzelas desvirginadas. Com isso se anulava o casamento e obtinha dos ricos Coronéis grandes somas a título de indenização. Outros interesses causadores dessas denúncias continuam ainda hoje obscuros. Buscavam fugir do anel conjugal? Pouco provável. Havia só a tentativa de arrancar dos velhos a indenização? Ninguém em sã consciência pode confirmar qual das opções será verdadeira.

Na falta de defesa idônea – bem que alguns pais conheciam as ardências entre as pernas das Donzelas – os Coronéis instituíram a prática de guarda-cabaço para evitar não só a desmoralização dos nomes tradicionais, como também para acabar com a quadrilha de assaltadores (e aí falam do início da influência decisiva das esposas, vital para o desfecho do caso, como se verá). Contrataram famigerados capangas arrebanhados das grandes cidades, que de imediato ganharam do povo o apelido carinhoso de guarda-cabaço: estava fundada a profissão.

Logo após um dos pais percebeu certa improcedência numa das acusações de um futuro marido. Quando o dito afirmava não ser a noiva mais pura, se apurou que ele sim era afeminado e impotente. Houve quem afirmasse tê-lo visto de amores com vaqueiros nos currais e no mato. Com o ocorrido, os guarda Donzelas viram a necessidade de sua profissão reafirmada. Assim aumentaram o poder e o privilégio. Esse foi o princípio da ascensão da classe.

As Donzelas, porém, se multiplicaram em número maior que os machos (além desses equívocos lamentáveis, também homens morreram na guerra, enviados pelo exército). Tornaram-se superiores em número e, muitas vezes, em inteligência. O feitiço virou contra o dono quando as moças passaram a exigir dos Coronéis o guarda que lhes conviesse. De preferência altos, fortes e de beleza brutalmente máscula. Tipo machão, Adônis subnutrido.

Os pais, até então cheios de mando, se viram submetidos a exigências incabíveis, mas inegáveis, porque visava – segundo justificativa usual – salvar seus interesses, a honrabilidade moral, as feridas éticas insanáveis, além de famílias ameaçadas pelo ridículo em várias ocasiões festivas. Para manter a aparência de poder apelaram os Coronéis para um tratamento rigoroso com subalternos, empregados e até com o povo, inocente em tudo.

Tal coisa não conseguiu evitar que as matronas e Donzelas mantivessem obstinado e vigoroso mando ditatorial sobre os Coronéis a partir de então. Esta súbita transformação por que passou Vila Felicidade transtornou seus pacatos dias. Ninguém reconhecia na Vila agitada, cheia de gente estrangeira, ambiciosa em dar o golpe do cabaço. A cidadezinha morna dos passeios matinais do padre tinha ficado no passado: agora Vila Felicidade vivia das ocorrências raras, de violentas lutas ou das mal contadas histórias a respeito de uma estrela milagreira nas noites escurecidas.

Os homens chegados, ansiosos por deitar mão na comodidade de ter casa, comida e dinheiro grátis, além das várias mulheres que seriam creditadas, trouxeram também moda e vícios da cidade grande. Carregaram consigo as Donzelas enfeitadas com avançada moda citadina à espera do prometido protetor, disputa do futuro amado. Para as mães sobrou a impossibilidade de negar incondicional apoio. E os Coronéis foram ficando cada vez mais impotentes – derradeira alegria do povo sofrido de Vila Felicidade.

Os puteiros cresciam e as aberrações sexuais proliferaram em sucessão vertiginosa: é bem esse o termo. Entrou também o Jogo do bicho, os Cassinos, os Jogos de Azar, o Jóquei Clube, as casas suspeitas, e os mais estranhos programas ainda. Todo o mal encontrou guarita na desgraçada Vila Felicidade. Um permanente mistério e esquisitos frequentadores: macumbas, feitiços, candomblés, umbandas. Só faltava a poluição total de rios, mares e ares para Vila Felicidade ser condenada eternamente ao cataclismo.

Os grupos se tornaram distintos adversários e diferentes ideologias eram propagadas fazendo explodir a guerra total em Vila Felicidade. O estopim foi a fuga espetacular de uma filha do Coronel Mendes com um

guarda-cabaço do Coronel Flint – estrangeiro e vizinho, o mais ferrenho adversário, o maior inimigo do Coronel Mendes.

– Já não bastavam as inimizades naturais de nossa terra, inda vem estrangeiros aporrinhar minha vida, desabafou o Coronel, machucado no amor próprio.

O casal tinha amor de verdade que nenhuma força política é capaz de deter. Correu sangue, mas notícia posterior dava conta da ventura existente entre os dois numa terra distante cuja neve alegrava os dias de Natal. O Coronel Mendes deserdou do testamento a mais diletta filha.

A guerra se alastrou como fogo em roçado abatido. O ódio escapou do controle da minúscula administração municipal. As matas e rios estavam sendo regados a sangue, o mar serviu de túmulo a culpados e inocentes. Um mero aparelho de proteção foi transformado em ditadura mortífera, engolindo seus criadores, abrangendo altas esferas políticas e econômicas de decisão nacional.

Mortes e atentados se consumaram com velocidade além do tempo. Tocaias, atos terroristas, duelos sem fim, subversão e rixas entre famílias e seus capatazes guardadores foram agigantando vitalizados por um incontrolável rancor. O povo de bem iniciou a debandada da terra, a vila foi rebatizada como Vila Desgraça. Até ações guerrilheiras foram anotadas pelas autoridades.

O Governo Central imediatamente declarou Vila Felicidade área de segurança nacional. Aboliu direitos individuais, censurou a impressão de todos os jornais e livros e revistas, decretou toque de recolher e nomeou interventor militar para promover a devassa dos Coronéis. O Serviço Secreto de Informações também interviu.

Famosos historiadores acreditam que aí foi quando iniciou finalmente a decadência irremediável dos famosos Coronéis de patente comprada ou herdada. Nós da terra sabemos a verdade purificada: já não existia poder algum em suas mãos há muito tempo. A derrocada experimentada com essa sangria atingiu diretamente o reinado das matronas e das Donzelas, de quem os Coronéis eram apenas testa-de-ferro.

A intervenção federal provocou fuga desenfreada. Os vivos caçadores de dotes rapidamente fugiram para outras freguesias. Os que estavam já instalados entraram em recesso forçado, inteligentemente pagaram os pecados cometidos e aderiram à monotonia. O mal retornou à origem: a cidade grande, antro de vícios. Os Coronéis tiveram de aguentar firmemente e foram beneficiados ao fim. Já se podia voltar a plantar no adubo de sangue.

As Donzelas em breve período se tornariam mulheres carregadas de filhos, de gritos irritantes, chatas. As moças foram enviadas à grande cidade, não apenas para escapar ao escândalo e seus malefícios, como até para adquirir melhor educação social e cultura superior. Novos conhecimentos feitos, a mentalidade evoluirá naturalmente para contatos com novos amigos e futuros companheiros de vida. Apenas com inteligência, beleza natural e caráter, sem qualquer abuso ou força de poder. Algumas não de retornar solteironas, mas é muito certo que Vila Felicidade se transforme em mera estância de férias. Nunca mais experiências desastrosas.

Os dias tornam pouco a pouco à mornidão convidativa ao mesmíssimo e inútil ócio. Já se pode passear pelas ruas seguindo o hábito antigo do padre sem ser molestado pelos tiroteios, pelas balas sem rumo, insolências e brigas intermináveis dos guarda-cabaços, cujas disputas aventurosas vão sendo arrancadas da memória do povo como coisa comida pelo tempo.

Os velhos Coronéis reavendo antigos costumes da cria de gado, plantações e comércio: a carcomida e indevassável exploração humana. Mansos como boi de curral, apesar de tudo, o povo perdoa humildemente e burramente as humilhações sofridas. As rédeas de Vila Felicidade estão de volta às mãos dos donos. As rédeas das gigantes fazendas voltam às mãos dos Coronéis. Matando saudade. O delegado, sempre de mau humor, dificultou enormemente a reportagem.

**(Transcrito do Diário de Vila Felicidade – Edição de 22/03/1942).
Menção honrosa no Concurso de Contos da AML
Publicado n’O Imparcial, de São Luís, MA.**

O poeta *princeps*: Leandro Gomes de Barros

“Poeta como Leandro

Inda o Brasil não criou”.

João Martins de Athayde:

“A pranteada morte de Leandro Gomes de Barros” – Folheto de Cordel

“Não foi o príncipe dos poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão, e do Brasil em estado puro.”

Carlos Drummond de Andrade:

“Leandro, o poeta” – Crônica no Jornal do Brasil de 09/09/1976.

Leandro Gomes de Barros [Pombal (PB)1865 - Recife (PE)1918] é, sem sombra de dúvida, o maior dos poetas populares, que nós chamamos de cordelista. É o nome mais representativo da Literatura de Cordel de todos os tempos. A sua posição dentro da poesia popular é um marco, porque justamente é o nome de Leandro Gomes de Barros que surge quando se busca localizar o exato tempo em que a poesia de cordel se fixa ganhando espaço e força em todo o nordeste brasileiro e alguns arredores interioranos do Pará, Mato Grosso e Goiás.

Essa qualificação, pois, obteve justo merecimento, porque Leandro Gomes de Barros pôde arregimentar em torno do seu nome e do complexo produtivo que ele fundou todos os maiores expoentes da Literatura de Cordel da época, incluindo cantadores, editores, poetas, violeiros e folheteiros. Com sua organização e trabalho conseguiu implantar e por ordem no mundo caótico que era a poesia popular do seu tempo e assim dar, a todos que viviam do ramo, qualificação e dignidade.

Por isso Leandro Gomes de Barros é um nome que sobreviveu ao seu tempo e espaço. No entanto, situar Leandro Gomes de Barros simplesmente entre cordelistas é negar a existência do poeta dentro do poeta. Com efeito, Leandro teve o cuidado de entremear histórias populares com poemas de feição erudita, no que fazia muito bem.

São poemas geralmente de inspiração satírica, algumas beirando as margens da literatura do absurdo, mas sem perder o romântico lirismo de seu tempo. É fato corrente entre poetas de cordel, devido à exclusão a que foram submetidos, mostrar que têm conhecimento da poesia culta. Assim,

ao mesmo tempo em que se colocam a par dos poetas ditos cultos, aproveitam a oportunidade de mostrar profundo talento e caprichado esmero nas composições chamadas clássicas.

Foi um poeta tão importante que outro poeta mais importante, Carlos Drummond de Andrade, ao fazer o elogio de Leandro Gomes de Barros, ousou destronar Olavo Bilac do título principesco que lhe havia sido atribuído em 1913, outorgando-o, por merecimento, a Leandro Gomes de Barros, conforme conta a crônica:

“Em 1913, certamente mal informados, 39 escritores, num total de 173, elegeram, por maioria relativa, Olavo Bilac príncipe dos poetas brasileiros. Atribuo o resultado a má informação porque o título, a ser concedido, só podia caber a Leandro Gomes de Barros, nome desconhecido no Rio de Janeiro, local da eleição promovida pela revista Fon-Fon!, mas vastamente popular no Norte do país, onde suas obras alcançaram divulgação jamais sonhada pelo autor do “Ouvir Estrelas”.

“E aqui desfaço a perplexidade que algum leitor não familiarizado com o assunto estará sentindo ao ver defrontados os nomes de Olavo Bilac e Leandro Gomes de Barros. Um é poeta erudito, produto de cultura urbana e burguesia média; o outro, planta sertaneja vicejando à margem do cangaço, da seca e da pobreza. Aquele tinha livros admirados nas rodas sociais, e os salões o recebiam com flores. Este espalhava seus versos em folhetos de cordel, de papel ordinário, com xilogravuras toscas, vendidos nas feiras a um público de alpercatas ou de pé no chão.

“A poesia parnasiana de Bilac, bela e suntuosa, correspondia a uma zona limitada de bem estar social, bebia inspiração europeia e, mesmo quando se debruçava sobre temas brasileiros, só era captada pela elite que comandava o sistema de poder político, econômico e mundano. A de Leandro, pobre de ritmos, isenta de labores musicais, sem apoio livresco, era a que tocava milhares de brasileiros humildes, ainda mais simples que o poeta, e necessitados de ver convertida e sublimada em canto a mesquinharia da vida.

“Não príncipe de poetas do asfalto, mas foi, no julgamento do povo, rei da poesia do sertão, e do Brasil em estado puro”.

Carlos Drummond de Andrade - Leandro, o Poeta (Jornal do Brasil, 09/09/1976)

O professor Átila de Almeida, descendente de uma linhagem de escritores e políticos paraibanos, ao organizar o primeiro dicionário de Literatura de Cordel, em colaboração com o poeta popular José Alves Sobrinho, companheiros na organização do acervo de poesia popular em Campina Grande (PB), anotou na introdução:

“Poetas populares! Eis uma terminologia que por sua generosidade e propósito de designar a parte com o nome do todo gera ambiguidades.

“Com a vivacidade e senso de humor de Leandro Gomes de Barros, só podem ser encontrados similares nos grandes poetas Firmino Teixeira do Amaral, Manoel Vieira Paraíso, José Adão Filho, cujas obras se perderam quase completamente, delas restando pequena amostragem.

“É preciso levar em conta que a métrica, a rima e o senso de humor faziam o poeta beber mais nos versos do que na realidade. Câmara Cascudo descreve-o com precisão: ‘Baixo, grosso, de olhos claros, o bigodão espesso, cabeça redonda, meio corcovado, risonho contador de anedotas, tendo a fala cantada e lenta do nortista, parecia mais um fazendeiro que um poeta, pleno de alegria, de graça e de oportunidade’.

“Espírito crítico, não deixava escapar uma oportunidade [para exercê-lo]. Viu e retratou numa “Ave Maria”, com deliciosa mordacidade, o processo eleitoral de seu tempo.”

Átila de Almeida-José Alves Sobrinho – Dicionário Biobibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada

O brasilianista e professor Mark Curran, autor de vários livros sobre a Literatura de Cordel, ressaltou a grandeza do poeta paraibano, não só em virtude da qualidade de suas poesias, como também por dar importância cultural e comercial à poesia popular de sua autoria e de seus colegas contemporâneos:

“Leandro Gomes de Barros foi o epítome do poeta popular do Nordeste. Foi não só um dos primeiros a escrever e imprimir folhetos que incluíam o melhor da tradição oral, mas também o mais prolífico dos poetas populares. É, porém, a qualidade mais que a quantidade de folhetos que lhe dá posição saliente entre os poetas populares. É reconhecido por colegas, poetas contemporâneos e estudiosos como o melhor dos poetas populares. Embora escrevendo todo gênero de folhetos, seu forte era a sátira.

“Sua originalidade, seu humor, e especialmente a sua sátira, vistos no comentário social, fazem de seus folhetos obras-primas.

“É o comentário social que representa o melhor de sua obra. Como os outros poetas populares, ele devia sentir um desejo e mesmo uma obrigação, como poeta do povo, de criticar a falta de justiça daquela época, e de oferecer soluções, embora muitas vezes jocosas ou pessoais, para os problemas da sociedade.”

Mark J. Curran – A Sátira e a Crítica Social na Literatura de Cordel

Não era bem assim. Leandro Gomes de Barros costumava preencher os espaços vazios dos seus folhetos com poesias curtas, sonetos, quadras, versos livres. Ele possuía o talento e o conhecimento para dar uma variedade de forma, de rima e de métrica, demonstrando conhecimento da poesia clássica maior do que se pensa a seu respeito.

Em vista disso, abandonando esse foco tradicional de tratar a poesia de Leandro Gomes de Barros (o da Literatura de Cordel), divulgo a seguir uma seleção de poemas que poderiam ser incluídos em qualquer antologia da poesia brasileira da época, sem ser acompanhada da pecha de *poesia popular*.

É só apreciar...

A tarde

**Tomba a tarde, o sol baixa seus ardores,
Alvas nuvens no céu formam labores
E a voz da passarada o campo enchendo:**

**O juriti em seu ramo de dormida
Soltando um canto ali por despedida,
Dando adeus ao sol que vai morrendo.**

**E mergulha o sol pelo ocaso,
Já o dia ali venceu o prazo,
Abrem flores, o orvalho em gotas vem;
Limpa o céu, o firmamento se ilumina,
Uma luz alvacenta e argentina
Já se avista no céu, mas muito além.**

**Regressam do campo lavradores,
Apascentam os rebanhos os pastores,
E o mundo fica ali em calmaria;
A matrona embala o filho pequenino
E prestando atenção à voz do sino
Quando dobra no templo a Ave-Maria.**

**Vem a noite, dormem ali as cousas mansas,
Dormem qu'etos os justos e as crianças,
E a Virgem envia preces à divindade;
A velhice recorda arrependida
Todo erro que fez em sua vida
E murmura: Quem me dera a mocidade.**

Ave maria da eleição

**No dia da eleição
O povo todo corria,
Gritava a oposição
Ave Maria!**

**Viam-se grupos de gente
Vendendo votos na praça
E a urna dos governistas
Cheia de Graça.**

Uns a outros perguntavam:

**- O senhor vota conosco?
Um chaleira respondeu:
- Este o Senhor é convosco.**

**Eu via duas panelas
Com miúdo de dez bois,
Cumprimentei-as dizendo:
Bendita sois!**

**Os eleitores, com medo
Das espadas dos alferes,
Chegavam a se esconder
Entre as mulheres...**

**Os candidatos andavam
Com um ameaço bruto,
Pois um voto para eles
É bendito fruto.**

**U mesário do Governo
Pegava a urna contente,
E dizia: - Eu me glorio
Do vosso ventre!**

O antigo e o moderno

**Quando o velho Santo Jó
Viu-se doente e leproso
No Recife Alfeu Raposo
Mandou-lhe uma fricção,
A mulher dele mandou
Pedir ao Dr. Tomé
Na farmácia São José
O Elixir da Salvação.**

**Nas bodas de Canaã
Que Cristo fez da água vinho
A Lanceta de Agostinho**

**Exagerou sem limite
Soares Raposo deu
Carne para lombo e bife
E o Jornal do Recife
Fez os cartões de convite.**

**São Pedro era pescador
Antes de seguir Jesus
Quando o Dr. Santa Cruz
Tomou conta de Monteiro
Nero Imperador Romano
Mandou um seu paladino
Chamar Antônio Silvino
Para ser seu cangaceiro.**

A urucubaca

**Este ano é o ano da cigarra,
Este século das luzes é tão escuro!
Vejo um rio se encher de sangue puro
E no mar civilizado ir fazer barra.**

**A miséria com desdém no mundo escarra,
O desastre diz garboso, estou seguro
Já rasguei as vestes do futuro,
E o meu curso de herói ninguém esbarra.**

**Tenho as chaves da Alemanha em meu poder
O futuro francês hipotecado
E a Rússia aos meus pés há de gemer.**

**A Inglaterra terá que se render,
A Turquia lamenta o seu estado,
O Brasil é um cão sem dono há de sofrer.**

O cavalo que defecava dinheiro

**Na cidade de Macaé
Antigamente existia
Um duque velho invejoso
Que nada o satisfazia
Desejava possuir
Todo objeto que via.**

**Esse duque era compadre
De um pobre muito atrasado
Que morava em sua terra
Num rancho todo estragado
Sustentava seus filhinhos
Na vida de alugado.**

**Se vendo o compadre pobre
Naquela vida privada
Foi trabalhar nos engenhos
Longe da sua morada
Na volta trouxe um cavalo
Que não servia pra nada.**

**Disse o pobre à mulher:
_ Como havemos de passar?
O cavalo é magro e velho
Não pode mais trabalhar
Vamos inventar um "quengo"
Pra ver se o querem comprar.**

**Foi na venda e de lá trouxe
Três moedas de cruzado
Sem dizer nada a ninguém
Para não ser censurado
No fiofó do cavalo
Foi o dinheiro guardado.**

**Do fiofó do cavalo
Ele fez um mealheiro**

**Saiu dizendo: – Sou rico!
Inda mais que um fazendeiro,
Porque possuo o cavalo
Que só defeca dinheiro.**

**Quando o duque velho soube
Que ele tinha esse cavalo
Disse pra velha duquesa:
– Amanhã vou visitá-lo
Se o animal for assim
Faço o jeito de comprá-lo!**

**Saiu o duque vexado
Fazendo que não sabia,
Saiu percorrendo as terras
Como quem não conhecia
Foi visitar a choupana,
Onde o pobre residia.**

**Chegou salvando o compadre
Muito desinteressado:
– Compadre, Como lhe vai?
Onde tanto tem andado?
Há dias que lhe vejo
Parece está melhorado...**

**– É muito certo compadre
Ainda não melhorei
Porque andava por fora
Faz três dias que cheguei
Mas breve farei fortuna
Com um cavalo que comprei.**

**– Se for assim, meu compadre
Você está muito bem!
É bom guardar o segredo,
Não conte nada a ninguém.
Me conte qual a vantagem
Que este seu cavalo tem?**

**Disse o pobre: – Ele está magro
Só o osso e o couro,
Porém tratando-se dele
Meu cavalo é um tesouro
Basta dizer que defeca
Níquel, prata, cobre e ouro!**

**Aí chamou o compadre
E saiu muito vexado,
Para o lugar onde tinha
O cavalo defecado
O duque ainda encontrou
Três moedas de cruzado.**

**Então exclamou o velho:
– Só pude achar essas três!
Disse o pobre: – Ontem à tarde
Ele botou dezesseis!
Ele já tem defecado,
Dez mil réis mais de uma vez.**

**– Enquanto ele está magro
Me serve de mealheiro.
Eu tenho tratado dele
Com bagaço do terreiro,
Porém depois dele gordo
Não quem vença o dinheiro...**

**Disse o velho: – Meu compadre
Você não pode tratá-lo,
Se for trabalhar com ele
É com certeza matá-lo
O melhor que você faz
É vender-me este cavalo!**

**– Meu compadre, este cavalo
Eu posso negociar,
Só se for por uma soma**

**Que dê para eu passar
Com toda minha família,
E não precise trabalhar.**

**O velho disse ao compadre:
– Assim não é que se faz
Nossa amizade é antiga
Desde o tempo de seus pais
Dou-lhe seis contos de réis
Acha pouco, inda quer mais?**

**– Compadre, o cavalo é seu!
Eu nada mais lhe direi,
Ele, por este dinheiro
Que agora me sujeitei
Para mim não foi vendido,
Faça de conta que te dei!**

**O velho pela ambição
Que era descomunal,
Deu-lhe seis contos de réis
Todo em moeda legal
Depois pegou no cabresto
E foi puxando o animal.**

**Quando ele chegou em casa
Foi gritando no terreiro:
– Eu sou o homem mais rico
Que habita o mundo inteiro!
Porque possuo um cavalo
Que só defeca dinheiro!**

**Pegou o dito cavalo
Botou na estrebaria,
Milho, farelo e alface
Era o que ele comia
O velho duque ia lá,
Dez, doze vezes por dia...**

**Aí o velho zangou-se
Começou logo a falar:
– Como é que meu compadre
Se atreve a me enganar?
Eu quero ver amanhã
O que ele vai me contar.**

**Porém o compadre pobre,
(Bicho do quengo lixado)
Fez depressa outro plano
Inda mais bem arranjado
Esperando o velho duque
Quando viesse zangado...**

**O pobre foi na farmácia
Comprou uma borrachinha
Depois mandou encher ela
Com sangue de uma galinha
E sempre olhando a estrada
Pré ver se o velho vinha.**

**Disse o pobre à mulher:
– Faça o trabalho direito
Pegue esta borrachinha
Amarre em cima do peito
Para o velho não saber,
Como o trabalho foi feito!**

**Quando o velho aparecer
Na volta daquela estrada,
Você começa a falar
Eu grito: – Oh mulher danada!
Quando ele estiver bem perto,
Eu lhe dou uma facada.**

**Porém eu dou-lhe a facada
Em cima da borrachinha
E você fica lavada
Com o sangue da galinha**

**Eu grito: – Arre danada!
Nunca mais comes farinha!**

**Quando ele ver você morta
Parte para me prender,
Então eu digo para ele:
– Eu dou jeito ela viver,
O remédio tenho aqui,
Faço para o senhor ver!**

**– Eu vou buscar a rabeca
Começo logo a tocar
Você então se remexa
Como quem vai melhorar
Com pouco diz: – Estou boa
Já posso me levantar.**

**Quando findou a conversa
Na mesma ocasião
O velho ia chegando
Aí travou-se a questão
O pobre passou-lhe a faca,
Botou a mulher no chão.**

**O velho gritou a ele
Quando viu a mulher morta:
– Esteja preso, bandido!
E tomou conta da porta
Disse o pobre: – Vou curá-la!
Pra que o senhor se importa?**

**– O senhor é um bandido
Infame de cara dura
Todo mundo apreciava
Esta infeliz criatura
Depois dela assassinada,
O senhor diz que tem cura?**

**Compadre, não admito
O senhor dizer mais nada,
Não é crime se matar
Sendo a mulher malcriada
E mesmo com dez minutos,
Eu dou a mulher curada!**

**Correu foi ver a rabeça
Começou logo a tocar
De repente o velho viu
A mulher se endireitar
E depois disse: – Estou boa,
Já posso me levantar...**

**O velho ficou suspenso
De ver a mulher curada,
Porém como estava vendo
Ela muito ensanguentada
Correu ela, mas não viu,
Nem o sinal da facada.**

**O pobre entusiasmado
Disse-lhe: – Já conheceu
Quando esta rabeça estava
Na mão de quem me vendeu,
Tinha feito muitas curas
De gente que já morreu!**

**No lugar onde eu estiver
Não deixo ninguém morrer,
Como eu adquiri ela
Muita gente quer saber
Mas ela me está tão cara
Que não me convém dizer.**

**O velho que tinha vindo
Somente propor questão,
Por que o cavalo velho
Nunca botou um tostão**

**Quando viu a tal rabeça
Quase morre de ambição.**

**– Compadre, você desculpe
De eu ter tratado assim
Porque agora estou certo
Eu mesmo fui o ruim
Porém a sua rabeça
Só serve bem para mim.**

**– Mas como eu sou um homem
De muito grande poder
O senhor é um homem pobre
Ninguém quer o conhecer
Perca o amor da rabeça...
Responda se quer vender?**

**– Porque a minha mulher
Também é muito estouvada
Se eu comprar esta rabeça
Dela não suporto nada
Se quiser teimar comigo,
Eu dou-lhe uma facada.**

**– Ela se vê quase morta
Já conhece o castigo,
Mas eu com esta rabeça
Salvo ela do perigo
Ela daí por diante,
Não quer mais teimar comigo!**

Disse-lhe o compadre pobre:

**– O senhor faz muito bem,
Quer me comprar a rabeça
Não venderei a ninguém
Custa seis contos de réis,
Por menos nem um vintém.**

**O velho muito contente
Tornou então repetir:
– A rabeça já é minha
Eu preciso a possuir
Ela para mim foi dada,
Você não soube pedir.**

**Pagou a rabeça e disse:
– Vou já mostrar a mulher!
A velha zangou-se e disse:
– Vá mostrar a quem quiser!
Eu não quero ser culpada
Do prejuízo que houver.**

**– O senhor é mesmo um velho
Avarento e interesseiro,
Que já fez do seu cavalo
Que defecava dinheiro?
– Meu velho, dê-se a respeito,
Não seja tão embusteiro.**

**O velho que confiava
Na rabeça que comprou
Disse a ela: – Cale a boca!
O mundo agora virou
Dou-lhe quatro punhaladas,
Já você sabe quem sou.**

**Ele findou as palavras
A velha ficou teimando,
Disse ele: – Velha dos diabos
Você ainda está falando?
Deu-lhe quatro punhaladas
Ela caiu arquejando...**

**O velho muito ligeiro
Foi buscar a rabequinha,
Ele tocava e dizia:
– Acorde, minha velhinha!**

**Porém a pobre da velha,
Nunca mais comeu farinha.**

**O duque estava pensando
Que sua mulher tornava
Ela acabou de morrer
Porém ele duvidava
Depois então conheceu
Que a rabeça não prestava.**

**Quando ele ficou certo
Que a velha tinha morrido
Boto os joelhos no chão
E deu tão grande gemido
Que o povo daquela casa
Ficou todo comovido.**

**Ele dizia chorando:
– Esse crime hei de vingá-lo
Seis contos desta rabeça
Com outros seis do cavalo
Eu lá não mando ninguém,
Porque pretendo matá-lo.**

**Mandou chamar dois capangas:
– Me façam um surrão bem feito
Façam isto com cuidado
Quero ele um pouco estreito
Com uma argola bem forte,
Pra levar este sujeito!**

**Quando acabar de fazer
Mande este bandido entrar,
Para dentro do surrão
E acabem de costurar
O levem para o rochedo,
Para sacudi-lo no mar.**

**Os homens eram dispostos
Findaram no mesmo dia,
O pobre entrou no surrão
Pois era o jeito que havia
Botaram o surrão nas costas
E saíram numa folia.**

**Adiante disse um capanga:
– Está muito alto o rojão,
Eu estou muito cansado,
Botemos isto no chão!
Vamos tomar uma pinga,
Deixe ficar o surrão.**

**– Está muito bem, companheiro
Vamos tomar a bicada!
(Assim falou o capanga
Dizendo pro camarada)
Seguiram ambos pra venda
Ficando além da estrada...**

**Quando os capangas seguiram
Ele cá ficou dizendo:
– Não caso porque não quero,
Me acho aqui padecendo...
A moça é milionária
O resto eu bem compreendo!**

**Foi passando um boiadeiro
Quando ele dizia assim,
O boiadeiro pediu-lhe:
– Arranje isto pra mim
Não importa que a moça
Seja boa ou ruim!**

**O boiadeiro lhe disse:
– Eu dou-lhe de mão beijada,
Todos os meus possuídos
Vão aqui nessa boiada...**

**Fica o senhor como dono,
Pode seguir a jornada!**

**Ele condenado à morte
Não fez questão, aceitou,
Descoseu o tal surrão
O boiadeiro entrou
O pobre morto de medo
Num minuto costurou.**

**O pobre quando se viu
Livre daquela enrascada,
Montou-se num bom cavalo
E tomou conta da boiada,
Saiu por ali dizendo:
– A mim não falta mais nada.**

**Os capangas nada viram
Porque fizeram ligeiro,
Pegaram o dito surrão
Com o pobre do boiadeiro
Voaram de serra abaixo
Não ficou um osso inteiro.**

**Fazia dois ou três meses
Que o pobre negociava
A boiada que lhe deram
Cada vez mais aumentava
Foi ele um dia passar,
Onde o compadre morava...**

**Quando o compadre viu ele
De susto empalideceu;
– Compadre, por onde andava
Que agora me apareceu?!
Segundo o que me parece,
Está mais rico do que eu...**

**– Aqueles seus dois capangas
Voaram-me num lugar
Eu caí de serra abaixo
Até na beira do mar
Aí vi tanto dinheiro,
Quanto pudesse apanhar!..**

**– Quando me faltar dinheiro
Eu prontamente vou ver.
O que eu trouxe não é pouco,
Vai dando pra eu viver
Junto com a minha família,
Passar bem até morrer.**

**– Compadre, a sua riqueza
Diga que fui eu quem dei!
Pra você recompensar-me
Tudo quanto lhe arranjei,
É preciso que me bote
No lugar que lhe botei!..**

**Disse-lhe o pobre: – Pois não,
Estou pronto pra lhe mostrar!
Eu junto com os capangas
Nós mesmo vamos levar
E o surrão de serra abaixo
Sou eu quem quero empurrar!**

**O velho no mesmo dia
Mandou fazer um surrão.
Depressa meteu-se nele,
Cego pela ambição
E disse: – Compadre eu estou
À tua disposição.**

**O pobre foi procurar
Dois cabras de confiança
Se fingindo satisfeito
Fazendo a coisa bem mansa**

**Só assim ele podia,
Tomar a sua vingança.**

**Saíram com este velho
Na carreira, sem parar
Subiram de serra acima
Até o último lugar
Daí voaram o surrão
Deixaram o velho embolar...**

**O velho ia pensando
De encontrar muito dinheiro,
Porém sucedeu com ele
Do jeito do boiadeiro,
Que quando chegou embaixo
Não tinha um só osso inteiro.**

**Este livrinho nos mostra
Que a ambição nada convém
Todo homem ambicioso
Nunca pode viver bem,
Arriscando o que possui
Em cima do que já tem.**

**Cada um faça por si,
Eu também farei por mim!
É este um dos motivos
Que o mundo está ruim,
Porque estamos cercados
Dos homens que pensam assim.**

FIM

As proezas de um namorado mofino

**Sempre adotei a doutrina
Ditada pelo rifão,
De ver-se a cara do homem**

**Mas não ver-se o coração,
Entre a palavra e a obra
Há enorme distinção.**

**Zé-pitada era um rapaz
Que em tempos idos havia
Amava muito uma moça
O pai dela não queria...
O desastre é um diabo
Que persegue a simpatia.**

**Vivia o rapaz sofrendo
Grande contrariedade
Chorava ao romper da aurora
Gemia ao virar da tarde
A moça era como um pássaro
Privado da liberdade.**

**Porque João-mole, o pai dela
era um velho perigoso,
Embora que Zé-pitada
Dizia ser revoltoso,
Adiante o leitor verá
Qual era o mais valoroso.**

**Marocas vivia triste
Pitada vivia em ânsia,
Ele como rapaz moço
No vigor de sua infância,
Falar depende de fôlego
Porém obrar é sustância.**

**Disse Pitada a Marocas,
Eu preciso lhe falar
Já tenho toda certeza,
Que é necessário a raptar,
À noite espere por mim
Que havemos de contratar.**

**Disse Marocas a Zezinho:
Papai não é de brincadeira,
Diz Zé-pitada, ora esta!
Você pode ver-me as tripas,
Porém não verá carreira.**

**Diga a que hora hei de ir,
Eu dou conta do recado
Inda seu pai sendo fogo,
Por mim será apagado,
Eu juro contra minh'alma
Que seu pai corre assombrado.**

**Disse Marocas, meu pai
Tem tanta disposição
Que uma vez tomou um preso
Do poder de um batalhão,
Balas choviam nos ares,
O sangue ensopava o chão.**

**Disse ele, eu uma vez
Fui de encontro a mil guerreiros,
Entrei pela retaguarda,
Matei logo os artilheiros,
Em menos de dez minutos
O sangue encheu os barreiros.**

**Disse Marocas, pois bem
Eu espero e pode ir,
Porém encare a desgraça,
Se acaso meu pai nos vir,
Meu pai é de ferro e fogo,
É duro de resistir.**

**Marocas não confiando
Querendo experimentar,
Olhou para Zé-pitada
Fingindo querer chorar,
Disse meu pai acordou,**

E nos ouviu conversar.

**Valha-me Nossa Senhora!
Respondeu ele gemendo,
Que diabo eu faço agora?!...
E caiu no chão tremendo,
Oh! Minha Nossa Senhora!
A vós eu me recomendo**

**Nisso um gato derrubou
Uma lata na dispensa,
Ele pensou que era o velho,
Gritou, oh!, que dor imensa!.
Parece qu'stou ouvindo
Jesus lavrar-me a sentença.**

**A febre já me atacou,
Sinto frio horrivelmente.
Com muita dor de cabeça,
Uma enorme dor de dente,
Esta me dando a erisipela,
Já sinto o corpo dormente.**

**Antes eu hoje estivesse
Encerrado na cadeia,
De que morrer na desgraça,
E d'uma morte tão feia,
Veja se pode arrastar-me,
Que minha calça está cheia.**

**Por alma de sua mãe,
E pela sagrada paixão,
Me arraste por uma perna
E me bote no portão,
A moça quis arrastá-lo,
Não teve onde pôr a mão.**

**Ela tirou-lhe a botina,
Para ver se o arrastava,**

**Mas era uma fedentina,
Que a moça não suportava,
Aquela matéria fina
Já todo o chão alagava.**

**Disse a moça: quer um beijo?
Para ver se tem melhora?
Ele com cara de choro,
Respondeu-lhe, não, senhora,
Beijo não me salva a vida,
Eu só desejo ir-me embora.**

**Então lhe disse Marocas,
Desgraçado!... eu bem sabia,
Que um ente de teu calibre,
Não pode ter serventia.
Creio que foste nascido
Em fundo de padaria.**

**Meu pai ainda não veio
Eu hoje estou sozinha,
Zé-pitada aí se ergueu,
E disse, oh minha santinha!
A moça meteu-lhe o pé,
Dizendo: vai-te murrinha!**

**E deu-lhe ali uma lata,
Dizendo: está aí o poço,
Você ou lava o quintal
Ou come um cachorro insosso,
Se não eu meto-lhe os pés
Não lhe deixo inteiro um osso.**

**Disse ele, oh! meu amor!
O corpo todo me treme,
Minha cabecinha está,
Que só um barco sem leme,
Parece-me faltar o pulso,
O Anjo da Guarda geme.**

**Então a moça lhe disse:
O senhor lava o quintal
Olhe uma tabica aqui!...
Lava por bem ou por mal,
Covardia para mim,
É crime descomunal.**

**E lá foi nosso rapaz
Se arrastando com a lata,
A moça ali ao pé dele,
Lhe ameaçando a chibata,
Ele exclama chorando
Por amor de Deus não bata.**

**Vai miserável de porta
Quero já limpo isso tudo,
Um homem de sua marca
Pequeno, feio e pançudo,
Só tendo sido criado
Onde se vende miúdo.**

**Disse o Zé quando saiu:
Eu juro por Deus agora,
Ainda uma moça sendo
Filha de Nossa Senhora,
E olhar para mim, eu digo:
Desgraçada, vá embora.**

FIM

A seca do Ceará

**Seca a terra as folhas caem,
Morre o gado sai o povo,
O vento varre a campina,
Rebenta a seca de novo;
Cinco, seis mil emigrantes**

**Flagelados retirantes
Vagam mendigando o pão,
Acabam-se os animais
Ficando limpo os currais
Onde houve a criação.**

**Não se vê uma folha verde
Em todo aquele sertão
Não há um ente d'aqueles
Que mostre satisfação
Os touros que nas fazendas
Entravam em lutas tremendas,
Hoje nem vão mais o campo
É um sítio de amarguras
Nem mais nas noites escuras
Lampeja um só pirilampo.**

**Aqueles bandos de rolas
Que arrulhavam saudosas
Gemem hoje coitadinhas
Mal satisfeitas, queixosas,
Aqueles lindos tetéus
Com penas da cor dos céus.
Onde algum hoje estiver,
Está triste mudo e sombrio
Não passeia mais no rio,
Não solta um canto sequer.**

**Tudo ali surdo aos gemidos
Visa o espectro da morte
Como o nauta em mar estranho
Sem direção e sem Norte
Procura a vida e não vê,
Apenas ouve gemer
O filho ultimando a vida
Vai com seu pranto o banhar
Vendo esposa soluçar
Um adeus por despedida.**

Foi a fome negra e crua
Nódoa preta da história
Que trouxe-lhe o ultimato
De uma vida provisória
Foi o decreto terrível
Que a grande pena invisível
Com energia e ciência
Autorizou que a fome
Mandasse riscar meu nome
Do livro da existência.

E a fome obedecendo
A sentença foi cumprida
Descarregando lhe o gládio
Tirou-lhe de um golpe a vida
Não olhou o seu estado
Deixando desamparado
Ao pé de si um filhinho,
Dizendo já existisses
Porque da terra saíesses
Volta ao mesmo caminho.

Vê-se uma mãe cadavérica
Que já não pode falar,
Estreitando o filho ao peito
Sem o poder consolar
Lança-lhe um olhar materno
Soluça implora ao Eterno
Invoca da Virgem o nome
Ela débil triste e louca
Apenas beija-lhe a boca
E ambos morrem de fome.

Vê-se moças elegantes
Atravessarem as ruas
Umhas com roupas em tira
Outras até quase nuas,
Passam tristes, envergonhadas
Da cruel fome, obrigadas

**Em procura de socorros
Nas portas dos potentados,
Pedem chorando os criados
O que sobrou dos cachorros.**

**Aqueles campos que eram
Por flores alcatifados,
Hoje parecem sepulcros
Pelos dias de finados,
Os vales daqueles rios
Aqueles vastos sombrios
De frondosas trepadeiras,
Conserva a recordação
Da cratera de um vulcão
Ou onde havia fogueiras.**

**O gado urra com fome,
Berra o bezerro enjeitado
Tomba o carneiro por terra
Pela fome fulminado,
O bode procura em vão
Só acha pedras no chão
Põe-se depois a berra,
A cabra em lástima completa
O cabrito inda penetra
Procurando o que mamar.**

**Grandes cavalos de selas
De muito grande valor
Quando passam na fazenda
Provoca pena ao senhor
Como é diferente agora
Aquele animal de que outrora
Causava admiração,
Era russo hoje está preto
Parecendo um esqueleto
Carcomido pelo chão.**

Hoje nem os pássaros cantam

**Nas horas do arrebol
O juriti não suspira
Depois que se põe o sol
Tudo ali hoje é tristeza
A própria cobra se pesa
De tantos que ali padecem
Os camaradas antigos
Passam pelos seus amigos
Fingem que não os conhecem.**

**Santo Deus! Quantas misérias
Contaminam nossa terra!
No Brasil ataca a seca
Na Europa assola a guerra
A Europa ainda diz
O governo do país
Trabalha para o nosso bem
O nosso em vez de nos dar
Manda logo nos tomar
O pouco que ainda se tem.**

**Vê-se nove, dez, num grupo
Fazendo súplicas ao Eterno
Crianças pedindo a Deus
Senhor! Mandai-nos inverno,
Vem, oh! grande natureza
Examinar a fraqueza
Da frágil humanidade
A natureza a sorrir
Vê-la sem vida a cair
Responde: o tempo é de balde.**

**Mas tudo ali é de balde
O inverno é soberano
O tempo passa sorrindo
Por sobre o cadáver humano
Nem uma nuvem aparece
Alteia o dia o sol cresce
Deixando a terra abrasada**

**E tudo a fome morrendo
Amargos prantos descendo
Como uma grande enxurrada.**

**Os habitantes procuram
O governo federal
Implorando que os socorra
Naquele terrível mal
A criança estira a mão
Diz senhor tem compaixão
E ele nem dar-lhe ouvido
É tanto a sua fraqueza
Que morrendo de surpresa
Não pode dar um gemido.**

**Alguém no Rio de Janeiro
Deu dinheiro e remeteu
Porém não sei o que houve
Que cá não apareceu
O dinheiro é tão sabido
Que quis ficar escondido
Nos cofres dos potentados
Ignora-se esse meio
Eu penso que ele achou feio
Os bolsos dos flagelados.**

**O governo federal
Querendo remia o Norte
Porém cresceu o imposto
Foi mesmo que dar-lhe a morte
Um mete o facão e rola-o
O Estado aqui esfolo-o
Vai tudo dessa maneira
O município acha os troços
Ajunta o resto dos ossos
Manda vendê-los na feira.**

FIM

Imposto de honra

**O velho mundo vai mal.
E o governo danado
Cobrando imposto de honra
Sem haver ninguém honrado.
E como se paga imposto
Do que não tem no mercado?**

**Procurar honra hoje em dia
É escolher sal na areia
Granito de pólvora em brasa
Inocência na cadeia
Água doce na maré
Escuro na lua cheia.**

**Agora se querem ver
O cofre público estufado
E ver no Rio de Janeiro
O dinheiro armazenado?
Mande que o governo cobre
Imposto de desonrado.**

**Porém imposto de honra?
É falar sem ver alguém
Dar remédio a quem morreu
Tirar de onde não tem
Eu sou capaz de jurar
Que esse não rende um vintém.**

**Com os incêndios da alfândega
Como sempre tem se dado
Dinheiro que sai do cofre
Sem alguém ter o tirado
Mas o empregado é rico
Faz isso e diz: – Sou honrado.**

**Dizia Venceslau Brás
Com cara bastante feia**

**Diabo leve a pessoa
Que compra na venda alheia
O resultado daí
É o freguês na cadeia.**

**Ora o Brasil deve à França
Mas a dívida não foi minha
Agora chega Paris
Tira o facão da bainha
E diz: – Quero meu dinheiro
Inda que seja em galinha.**

**Seu fulano dos anzóis
Entrou e meteu o pau
Pensou que tripa era carne
E gaita era berimbau
Vão cobrar desse, ele diz,
Quem paga é seu Venceslau.**

**Disse Hermes da Fonseca
Eu não tinha nem um x.
Mas achei quem emprestasse
Tomei tudo quanto quis
Embora tivesse feito
A derrota do país.**

**Disse Pandiá Calógeras:
– Há um jeito de salvar
Cobre-se imposto de honra
Que ver dinheiro abrejar.
Disse o Brás: – Ninguém tem honra,
Como se pode cobrar?**

**Apareceu um aparte
Do Rivadávia Correia:
Não tem aqui entre nós
Devido à cousa está feia
Não acha-se no senado
Procura-se na cadeia.**

**O major Deocleciano
Disse da forma seguinte:
— Na cadeia do Recife
Eu tive um constituinte
Entre ele e outros mais
Inda se pode achar vinte.**

**Disse o Dr. Rivadávia:
— Eu fiz doutor de 60
Dei carta aqui a quadrado
Que não escreve pimenta
Tem médico que receitando
Procura o pulso na venta.**

**Porém na minha algibeira
Sessenta fachos ficaram
Embora tenha saído
Mais burro do que entraram
Dei diploma a criaturas
Que nem o nome assinaram.**

**E este imposto de honra
Está nas mesmas condições
Tira-se bom resultado
Onde houver muitos ladrões
Até mesmo a meretriz
Levará seus dez tostões.**

**Ela pagando imposto
Pode provar que é honrada
Tendo uns oito ou nove erros
Isso não quer dizer nada
Passa por viúva alegre
Ou uma meia casada.**

**Qualquer ladrão de cavalo
Paga o que for exigido
Porque dessa data cru diante**

**Não rouba mais escondido
Com o talão do imposto
Não o prendem é garantido.**

**Pelo menos eu conheço
Um tal Chico Galinheiro
Que disse: – Eu pago imposto
Também quem tiver poleiro
Nunca mais há de criar-se
Nem um pinto no terreiro.**

**Disse Marocas de todos:
– Oh! Cousa boa danada
Eu compro um vestido preto
E grito: – Rapaziada
Meu marido não morreu
Mas eu? sou viúva honrada.**

**Pago o imposto de honra
Boto no bolso o talão
E grito no meio da rua
Se aparecer um ladrão
Que diga: – Não és honrada
Veja se eu provo ou não.**

**Esses diabos que hoje
Me chamam Marocazinha
Quando eu pagar o imposto
Me tratam por sinhazinha
Se for de tenente acima
Chamam dona Maroquinha.**

**Disse um zelador da noite:
– O imposto não é mau
Foi uma lembrança ótima
Aquela do Venceslau
O diabo é se o talão
Não livrar ninguém do pau.**

**Se a cousa for como eu penso
E não tiver seus conformes
Nós operários noturnos
Teremos lucros enormes
Cada cobrador por noite
Nos rende dois uniformes.**

**Dormindo o dono da casa
Dar-se a busca no quintal
Inda a polícia chegando
Não pode nos fazer mal
Pois nós pagamos imposto
Ao governo federal.**

**Disse um passador de cédula:
– Ai eu não sei o que faça
Se quem pagar o imposto
Puder passar cédula falsa
Com uma eu pago o imposto
Sai-me a receita de graça.**

**Disse Zé Frango: – Esse imposto
Chegando eu tenho que pagá-lo
O pago com sacrifício
Mas também tenho o regalo
Quem me chamava Zé Frango
Há de chamar Zeca Galo.**

**Dizia João caloteiro:
– Está muito bem isso assim
Benza-te Deus, Venceslau
Deus te ajude até o fim
Eu hei de ver se o comércio
Ainda cobra de mim.**

**Tem dia que lá em casa
Eu desespero da fé
Ouço baterem na porta
Vou abrir e ver quem é**

**Acho na porta escorado
O caixeiro do café.**

**Antes de desenganá-lo
Chega o danado da venda
O sapateiro de um lado
E o turco da fazenda
O recado do açougue
A velha cobrando a renda.**

**Nisso chega outro diabo
Com um recibo na mão
Antes de chegar, pergunta
Se eu tenho dinheiro ou não.
Ou o dinheiro ou a chave
Manda dizer o patrão.**

**Eu pagando esse imposto
Fico disso descansado
Quando um bater-me na porta
Digo puxe desgraçado
Eu pago imposto de honra
Não sou desmoralizado.**

**Embora roube de alguém
O imposto hei de pagar
Mas todo mundo já sabe
Na bodega que eu chegar
Nem pergunto pelo preço
É só mandar embrulhar.**

FIM

O primeiro poeta humorista

1-A força do amor

Muito aspecto merecedor de acurado estudo tem sido constatado na obra de Leandro Gomes de Barros. Para suprir uma dessas lacunas, José Maria Barbosa Gomes elaborou um estudo linguístico baseado no confronto direto entre duas edições do Romance “A força do amor”, ressaltando principalmente os sinais existentes de uma “busca a perfeição” evidenciada na análise feita pelo comentarista pernambucano.

Coitado do poeta: jamais se imaginaria objeto de altos estudos, tampouco de análises profundas, de nível didático e ter sua obra esmiuçada, esquartejada, exposta à frieza de números e gráficos, sua obra vista, enfim, sob os mais inimagináveis aspectos. Mas assim é.

Não obstante, é indiscutível o acréscimo que qualquer trabalho escrito traz para a literatura em si – e neste caso para a literatura de cordel – inclusive os muitos volumes que tem saído com a firma curiosa de vários *alienígenas*: os brasilianistas.

Constata-se de permeio que, a nível acadêmico, a nossa cultura popular é vastamente estudada sob particulares e estranhos pontos de vista, além do fato de que os tais trabalhos geralmente vem a público escritos naquela linguagem reservada, cabalística, misteriosa – à qual somente uns poucos privilegiados tem acesso.

Essa fala – na verdade mais uma gíria: o mestradês, porque em geral é usada nas teses e mestrados – sofreu uma tentativa de abolição pelo escritor Esdras do Nascimento, ao apresentar o romance Variante Gotemburgo para julgamento de seus mestres, obtendo prêmio e aprovação unânime, como tema de pós-graduação.

Mas, voltando à vaca fria, no seu trabalho o professor José Maria Gomes se preocupa muito em estudar sob o ponto de vista acadêmico, as modificações introduzidas pelo poeta Leandro Gomes de Barros no Romance “A força do amor”, deixando escapar outros aspectos que, se não são técnicos, são prática comum dentro do processo de criação de qualquer artista.

Cabe não perder de vista o fato de que Leandro Gomes de Barros era um escritor, um literato, um intelectual, na exata acepção do termo, desde que colocadas as particularidades e condições tanto pessoais quanto da época em que viveu.

Primeiros, todos sabem das constantes batalhas que trava o autor com sua obra. Singulares a esses seres quase sempre marginais, as lutas mantidas com os demônios que habitam os textos são constantes e inevitáveis. Impelidos pela moral e pela ética a modificar o que escreveu antes, as obras sujeitas e novas edições sofrem tantas modificações quantas o espírito empreendedor e inovador exige.

Rer e alterar textos se transforma numa obsessão vasta e irreprimível, de tal maneira que levou o poeta Mário da Silva Brito, por exemplo, a confessar que jamais rele seus livros, sob pena de ter que modificá-los sempre e sempre a cada nova leitura.

Fatalmente o mesmo ocorreu a Leandro Gomes de Barros, que não foi exceção desse legado maldito. Os Folhetos existentes no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, por mim pesquisados, estão eivados de anotações, símbolos gráficos colocados à margem das sextilhas, chamadas, acréscimos de texto, exclusões, uma tal parafernália bem típica dos escritores.

Aliás, a simbologia utilizada demonstra que o autor tinha inequívoco conhecimento da arte gráfica, da composição de texto, da revisão tipográfica. Essas alterações, repito, são comuns a todos os escritores e muitas das vezes nada tem de perfeccionismo do ponto de vista do autor, mas estão sim diretamente ligadas à obra em si.

Outra coisa a se observar é que entre as edições confrontadas do citado Romance, há um grande espaço de tempo, durante o qual a linguagem se modificou. Nesse entremeio houve a introdução de muitos modismos de época e novidades linguísticas. A preocupação do autor nesse aspecto é notada nas alterações propostas, ressaltadas pelo articulista.

Leandro Gomes de Barros tem a seu favor o fato de ter sido – sem nenhuma dúvida – o mais letrado, o mais inteligente, o mais empreendedor,

enfim, o mais preparado, poeta popular de seu tempo. Daí a visível superioridade de suas obras sobre as demais, daí a espetacular popularidade que alcançou sua obra, popularidade essa mantida viva durante a sua existência e mesmo depois que ele se foi.

No seu texto se vê que Leandro Gomes de Barros era pessoa de vasta leitura – e não somente aquela leitura básica que todo poeta popular se propõe por obrigação: bíblica, histórica, geográfica, mitológica – capaz de absorver expressões estrangeiras trazidas pelos ingleses (*meeting* por passeio, passeata), adotadas pela imprensa do sudeste do país.

Sendo a cidade de Recife um centro cultural e político da época, de grande importância para os nordestinos em geral, seria natural que Leandro Gomes de Barros se transformasse numa liderança e exemplo entre os seus. A capital pernambucana era fonte de atração para a maioria dos poetas e violeiros, por isso foi virtualmente invadida pelos cordelistas da época, que não hesitaram em entronizar o seu papa.

Erros lá e erros cá. Ao mesmo tempo em que o poeta atualiza a linguagem do Romance, corrige expressões erradamente, para desespero do professor José Maria Barbosa Gomes. Palavras escritas de modo correto na edição mais antiga recebem tratamento inadequado por parte do autor para a nova edição. Não seria um método maquiavélico de se mostrar um escritor *popular* diante de seus leitores?

Pois peço que não considerem atrevimento ou ousadia se agora proponho uma sugestão: não seria Leandro Gomes de Barros um precursor daqueles poetas populares que provocam um erro intencional – fórmula muito utilizada pelos cordelistas contemporâneos, querendo parecer semianalfabetos, quando na verdade muitos têm diploma de curso superior até.

Mas não. Não poderia fazer esse julgamento do poeta paraibano, porque há em Leandro Gomes de Barros uma verdadeira busca de melhoramento (ou aperfeiçoamento, vá lá), da linguagem poética nos seus poemas.

O que as alterações propostas pelo autor sugerem, também, é a busca intencional de uma escrita facilitada, para que seus leitores humildes

melhor o entendam. Quanto mais tornar sua escrita o mais coloquial possível, mais aproximada do falar cotidiano, o poeta mais se identifica com seus ouvintes e leitores, pois são seus semelhantes que vivenciam o mesmo espaço-tempo.

Tais observações são reforçadas ao comparar os Romances e Folhetos populares com as demais formas poéticas que Leandro Gomes de Barros costumava enxertar em quase todas as suas publicações. Nessas formas mais aproximadas da poesia clássica da época, românticas, simbolistas, parnasianas, a margem de erros se reduz de modo considerável, chegando muitas vezes ao índice zero.

Não são conclusões, mas veredas pelas quais os estudiosos podem permear no estudo e análise desse grande poeta popular.

2-Mais de mil folhetos!

Outra questão muito discutida pelos apaixonados pela poesia do cordelista paraibano é o número excessivo de obras deixadas ou atribuídas a ele, que muitos consideram exagerado a marca de mais de mil Folhetos, cifra alcançada por muitos historiadores. Na verdade jamais se poderá chegar a um número absoluto em se tratando de Leandro Gomes de Barros. Tudo que se fizer será mera especulação, devido às dificuldades próprias da época.

Pelas muitas notas inseridas nos Folhetos – elas contam mais coisas do que se pode imaginar – nota-se que paira certa distinção entre *romance* e *folheto*, tal qual são concebidos hoje, após as muitas “classificações” de que foi objeto, conforme obras de Leonardo Mota, Luiz da Câmara Cascudo, Manuel Diegues Júnior, Alceu Maynard de Araújo, Manoel Cavalcanti Proença, Orígenes Lessa, Hernani Donato, Liêdo Maranhão de Souza, Franklin Maxado e tantos outros.

O excessivo zelo e a pluralidade de autores ajudaram, mas também atrapalharam, porque cada um quer ser mais exato do que o outro, mas sempre divergem, veio desembocar na tentativa de fusão pela Casa de Rui Barbosa, em sua Antologia de Literatura Popular em Verso (Tomo III, volume 2), na voz de Ariano Suassuna, que sugere duas classificações: uma erudita e outra popular. O que vocês acham? Complicou ou descomplicou?

Tudo, porém, acaba se resumindo na seguinte classificação:

- 1) Ciclo heroico, trágico e épico**
- 2) Ciclo do fantástico e do maravilhoso**
- 3) Ciclo religioso e de moralidades**
- 4) Ciclo cômico, satírico e picaresco**
- 5) Ciclo histórico e circunstancial**
- 6) Ciclo de amor e de fidelidade**
- 7) Ciclo erótico e obsceno**
- 8) Ciclo político e social**
- 9) Ciclo de pelejas e desafios**

Neste caso particular do Leandro Gomes de Barros, a impressão que traz em suas notas é que aos folhetos citados na quantidade de publicações era acrescida também a tiragem de *canções e outras poesias avulsas*, que eram vendidas em folhas (os *Pliegos Suelos* ibéricos), ideia esta reforçada pelo magnífico desempenho do poeta na produção de poemas curtos, cuja maioria eram os poemas humorísticos e satíricos, com temas que dominavam o cotidiano político e social. Primeiro eram vendidos em folhas soltas para aproveitar a comoção que o tema trazia, depois esses poemas eram enxertados nos *folhetos e romances*, já naquela época publicados em capítulos, como as novelas de TV atuais, fato observado por muitos críticos.

Entre as várias notas publicadas nas contracapas e em algumas páginas de intervalo, aparece publicidade que anunciava a venda dos Romances completos, ao preço de 1\$000RS (mil réis), ao passo que os folhetos de versos (aqueles de oito páginas), custavam apenas \$200RS (duzentos réis). Essa notável disparidade de preço alimenta a opinião de que é verdade – e não bazófia – a afirmação contida nos versos autobiográficos citados por Horácio de Almeida na “Introdução à obra de Leandro Gomes de Barros” Tomo II da Antologia dedicada ao poeta: “Tem folhetos mais de mil. O poeta João Martins de Athayde, editor do poeta após a sua morte, não hesita em afirmar nos versos no necrológio elogioso: “Canções não se sabe quantas”.

Somando tudo, portanto, não cabe duvidar da afirmação de Leandro Gomes de Barros, mesmo porque a sentença “tem mais de mil” aparece como mera estimativa, cabendo deduzir que nem ele mesmo tinha o

controle, o conhecimento exato, da quantidade de obras com sua assinatura circulavam pelo nordeste, entre as produzidas para venda própria e outras ofertadas a outros editores.

É fácil se imaginar a parafernália que existia em seu depósito, se é que havia algum lugar com essa finalidade. Folhetos, romances, folhas soltas, misturados com as obras de outros autores, seus contemporâneos, que eram comercializados por Leandro Gomes de Barros, visto que num Folheto seu declarou:

“ATENÇÃO - Previno que todas as obras que não tiverem o meu nome não são de minha lavra”.

Essa pequena observação é um verdadeiro tapa no rosto dos defensores intransigentes daqueles editores que compravam poesias e publicavam desfigurando ou omitindo a identidade do verdadeiro autor, alterando acrósticos, acrescentando ou eliminando estrofes, usando tais truques para apagar rastros que identificavam autoria, tudo sob a alegação de que tal atitude era comum na época.

Leandro Gomes de Barros deu um exemplo verdadeiro de lisura na promoção de seus colegas de profissão, modelo que seus posteriores não seguiram infelizmente.

3-O primeiro humorista

O aspecto humorístico e satírico na obra de Leandro Gomes de Barros foi ressaltado por Horácio de Almeida – historiador e conterrâneo do poeta. Esse aspecto merece um trabalho de acurado estudo: a sátira, o humor cáustico, a crítica – daquele que se intitulava “o primeiro humorista brasileiro”.

Como abrideira e primeiro passo para tais estudos, eis alguns exemplos dessa poesia leve e cáustica, alegre e satírica, humorada e crítica, ressaltando o fato de que muitos desses poemas mereceriam uma transcrição completa tal a sua originalidade, tal o poder que tem de fazer rir ainda nos tempos de hoje, tal a perenidade e o rigor de temas que não perderam a atualidade.

Em “Casamento à prestação”, o poeta descreve uma possível candidata ao matrimônio:

“Se ela tivesse cabelo
E não fosse desdentada
Se não lhe faltasse um olho
Não tivesse a pá quebrada
Há mais de quatorze anos
Ela já estava casada”.

Em outro poema do estilo, “O casamento do velho”, Leandro Gomes de Barros descreve com incrível originalidade como veio a falecer o idoso cidadão que casou com uma moçoila, jovem e virgem, que estava de olho na herança deixada pelo rico coronel:

“Faleceu no urinol
Teve honras de lombriga”.

Em “O coletor da Great Western”, figura que frequentava os idos das primeiras estradas de ferro do Brasil, era na verdade um fiscal do Governo, cuja função era perseguir tanto aqueles que viajavam *no mole* (ou seja: de carona), nos trens na empresa inglesa, quanto os que carregavam mercadoria pela via informal, pequenos negociantes e mascates. Já nesse momento Leandro Gomes de Barros ridiculariza a fala capenga dos estrangeiros: “Mim não querer isso” e ressalta a constante exploração na gerência da correlação entre colonizado e colonizador, desta vez em tempos modernos, quando a discriminação ressurgiu como um fato político.

Os fiscais (coletores) percorriam os vagões procurando cumprir com rigor a determinação da companhia e do Estado, que visavam reduzir a evasão de receita tanto na empresa quanto no fisco, cobrando a passagem dos caronas, taxando bagagens que não eram bagagem, fiscalizando os objetos de uso pessoal, tudo beirando uma interpretação dúbia e perniciososa, que sobrevive até os dias atuais.

Contra tais desmandos e injustiças que ocorriam diariamente entre a população mais humilde, insurge-se o poeta com o verbo e a fala:

“Procuram-lhe contrabando

Até dentro dos ouvidos”.

Mesmo a um beberrão o fiscal não hesita em cobrar o imposto devido pela cachaça que, a essa altura, viajava acomodada no estômago do dito cujo:

**“Aguardente do seu bucho
Só vai se for na bagagem”.**

No folheto “O filho da aguardente”, esse sim, um poema que é todo humor e sátira – humorismo que o tempo não envelheceu – Leandro Gomes de Barros se revela precursor de uma linguagem especial que busca na gíria, na expressão popular, no modismo, o que não seria comum mesmo hoje, de um modo sem paralelo na época dele.

A expressão “porre” como tradução de bebedeira é usada pelo poeta com repetição e desenvoltura, não obstante saber que as gírias e modismos também têm trajetórias elipsoidais, com começo meio e fim, como os cometas que vem e vão. Seja como for, era uma linguagem incomum em terras nordestinas, usada pelo zé povinho de modo rastaquera, um calão comum a grupos sociais marginalizados:

**“Com três dias de nascido
Tomei o primeiro porre
Tanto que a parteira disse
Essa criancinha morre
Tomar cana antes da papa
Veja que risco ela corre”.**

.....

**“O avô dele uma vez
Um grande porre tomou”.**

.....

**“Como é que não morre
Sendo desta raça
Filho da cachaça**

**E neto do porre
Que risco é que corre?”**

As contas do pioneirismo linguístico de Leandro Gomes de Barros não param por aí. O poeta explorou também com rara felicidade a linguagem macarrônica e arrevesada dos primeiros colonos lusitanos, italianos e alemães, cujo falar enriqueceu a língua brasileira ao aflorar o princípio do Século XX.

Antecipando-se aos que vieram depois, os clássicos Furnandes “Quemões” Albaralhão, na verdade o carioca Horácio Campos – parceiro do famosíssimo Barão de Itararé – também ao Zé Fidélis, na figura do emigrante italiano Gino Cortopasi, versão paulista do “pueta lusitânu”, esse humilde paraibano percebeu que havia algo de riqueza e curiosidade naquela fala às avessas. O macarrônico lusitano aparece em “Sonho de um português”, de forma elegante, fina, de modo a não ofender os próprios portugueses, digna de um verdadeiro poeta:

**“Tu eras como um arcanjo
Dibino!”**

.....

“*Tonvém* quase desatino”.

.....

**“Porque hoje o *cabalheiro*
Aqui neste *portugale*
Se não *tiber o reale*”.**

.....

**“E qualquer que o *volso* dali
Bendo a algibeira esgutada”.**

E assim por diante...

4-Morrer de rir

É quase impossível se destacar entre as obras de Leandro Gomes de Barros aquela mais engraçada, mais satírica, mais crítica. O poeta escreveu mais de uma dúzia de folhetos cuja temática atingia de cheio os anseios de seus leitores. A poesia de humor em Leandro Gomes de Barros sobrepujava qualquer sucesso dos meios de invenção, aí incluídos o rádio, o circo e o teatro. Uma lista dos seus folhetos, todos de enorme popularidade, de humor certamente incluiria:

- “Casamento à prestação”**
- “O casamento do velho e o desastre na festa”**
- “O casamento hoje em dia”**
- “O azar na casa do funileiro”**
- “Os coletores da Great Western”**
- “O dez réis do Governo”**
- “O dinheiro”**
- “O filho da aguardente”**
- “A criação da aguardente”**
- “O fiscal e a lagarta”**
- “A dor de barriga de um noivo”**

O folheto “A criação da aguardente” é uma maravilha de escrita sintética e comunicação fácil, como a maioria das poesias citadas, que resistem ao tempo e chegam até hoje em perfeita sintonia crítica com as mazelas da sociedade, cujas censuras, cheias de atualidade, cabem perfeitamente na vida atual.

Agora mesmo, em 1986, de volta da longa viagem de 76 anos, o Cometa de Halley veio enfeitar de novo os céus da Terra com sua cauda brilhante. Antes dessa passagem, em 1910, o cometa recebeu o registro do poeta com o folheto “O cometa”, outra obra-prima de humor, especulando com os muitos causos, milagres, curiosidades e mazelas que seriam debitadas na conta da passagem do cometa entre nós.

O natural respeito do povo nordestino e interiorano pelo misterioso, a passividade submissa à religiosidade, a admiração e respeito pelo desconhecido, além da fama pelos feitos passados, que atravessam gerações,

tudo isso serviu de pano de fundo para especular sobre feitos sobrenaturais que trariam a passagem do Cometa de Halley.

Leandro Gomes de Barros também é um deles e receia – como de resto toda a população rural e religiosa – os efeitos catastróficos, os desastres, as desgraças, tudo que for possível de suceder em virtude da passagem do cometa sobre o céu brasileiro:

**“Caro leitor vou contar-lhe
O que foi que sucedeu-me
O medo enorme que tive
Que todo o corpo tremeu-me
Para falar-lhe a verdade
Digo que o medo venceu-me”.**

Com essa introdução bem característica da literatura de cordel, o poeta ganha a confiança do leitor, porque também ele é igual a todos, tem os mesmos pontos fracos, os mesmos medos, receios do inexplicável, treme de medo.

**“Eu andava em meus negócios
Na cidade de Natal
No hotel que hospedei-me
Apareceu um jornal
Que dizia que no céu
Se divulgava um sinal.**

**O sinal era o cometa
Que devia aparecer
Em maio no dia 18
Tudo havia de morrer
Aí sentei-me no banco
Principiei a gemer”.**

Representando e traduzindo o pensamento de toda a população, no qual se confessa estar atacado por um medo que lhe é superior a tudo, o poeta empalidece, amarela ante essa notícia muito desagradável, em que terá de abdicar de tudo de supetão, porque o mundo vai acabar. De

imediatamente ele pensa numa venda a fiado que fez, que certamente devido ao cometa, jamais receberá...

**“Gemi até ficar rouco
Fiquei logo descorado
Depois o sangue subiu-me
Que fiquei quase encarnado
Imaginando num livro
Que o freguês levou fiado”.**

Aí as coisas começam a se mostrar mais claramente, os sucessos se apresentam de acordo com a realidade dos fatos. Não adiantava nada ficar ali se lamentando enquanto as catástrofes se anunciavam e o fim do mundo se aproximava inevitável. Urge entrar no clima e também reagir à inércia trazida pelo acontecimento.

**“Disse ao dono do hotel
– Senhor eu estou resolvido
Antes de 20 de maio
Nosso mundo é destruído
Visto não durar um mês
Não pago o que tenho comido.**

**“A dona da casa disse-me
– O senhor está enganado
Se eu for para o outro mundo
O cobre vai embolsado
Eu subo porém em baixo
Não deixa nada fiado”.**

É o prefácio a uma demonstração de como os homens agem diante de uma pressão superior, divina, sobrenatural. Ante o fato inevitável, o ser humano começa a se desnudar, confessar as fraquezas, tentar reparar os erros. Mesmo que o mundo se acabe, mesmo que na morte as riquezas percam valor, prevalecerá – sempre – o agarramento às coisas materiais, a ganância, a cobiça, todos os pequenos pecados que o pobre homem carrega consigo desde Adão.

**“Me resolvi a pagar
Foi danado esse processo
Não paguei tomaram à força
O que é verdade confesso
Se hei de morrer de desgraça
Antes morrer de sucesso.**

**“Tratei de tomar o trem
E seguir minha viagem
Disse: – Vai tudo morrer
Para que comprar passagem?
Inglês vai perder a vida
Perca logo essa bobagem”.**

O condutor, porém, não acompanha o pensamento fatalista do poeta. Descrente das trágicas consequências da passagem do cometa e voltado para a defesa da companhia a que presta serviço, trata de cumprir com rigor suas obrigações:

**“Não comprou? Perguntou ele
Pois pague o excesso cá”.**

**“Eu lhe disse: condutor
O mundo vai se acabar
Para que quer mais dinheiro
É para lhe atrapalhar?
A mortalha não tem bolso
Onde é que pode levar?”**

Não tendo sucesso em suas pretensões tanto no hotel quanto no trem, chega o poeta em casa. O fato da realidade se mostrar outra, bem diferente da fatalidade teórica, traz o poeta para os trilhos, onde voltará a andar de olhos bem abertos. Mas, como sempre, ele chega cansado da faina diária, lamentando que nada havia saído bem durante o dia.

**“Chego em casa muito triste
Achei a mulher trombuda
Perguntei: – Filha o que tem?
Respondeu-me carrancuda:**

**– Ora, a 18 de maio
O mundo velho se muda.**

**“Perguntei: – Tem jantar pronto?
Venho com fome e cansado
Desde ontem, respondeu-me,
Que o fogão está apagado
Devido a esse cometa
Não querem vender fiado”.**

**A aparição celestial – como se viu – muda todo o contexto na cidade.
Além de não haver mais vendas fiado, os credores apertam o cerco, porque,
afinal, já que tudo vai se acabar o melhor é ir desta para outra numa boa,
cheios de dinheiro.**

**“Eu estava tirando as botas
Quando chegou um caixeiro
Esse vinha com uma conta
Que eu devia ao marinheiro
Eu disse: – Vai morrer tudo
Seu patrão quer mais dinheiro?”**

**“Fui falar um fiadinho
Que eu estava de olho fundo
O marinheiro me disse:
– Já por ali vagabundo
Eu disse: – Venda seu Zé
Que eu pago no outro mundo”.**

**O “marinheiro” – na verdade denominação dada aos donos de
quitanda – não quer arriscar nada, mas o nosso poeta alteia a voz, faz
drama, não hesita em rogar uma praga:**

**“A 19 de maio
Quando acabar-se o barulho
Eu hei de ver vosmecê
Que o senhor vai no embrulho
Só se esconder-se aqui
Debaixo de algum basculho”.**

E em seguida exige com muita veemência:

**“Quero 10 quilos de carne
Uma caixa de sabão
Quatro cuias de farinha
Doze litros de feijão
Quero um barril de aguardente
Açúcar, café e pão.**

**“Manteiga, azeite e toucinho
Bacalhau e bolachinhas
Vinagre, cebola e alho
Vinte latas de sardinhas
Duas latas de azeitonas
Umas dezoito tainhas.**

**“O marinheiro me olhou
E exclamou: – Oh desgraçado!
Então inda achas pouco
Os que já tens enganado?
Queres chegar ao inferno
Com isto mais no costado?”**

O poeta esperneia, chia, reclama, mas de nada adianta. O quitandeiro acaba por expulsá-lo da venda, insultando-o de vagabundo, malandro e outros epítetos. Novas pragas se sucedem na retirada involuntária. Vencido o poeta retorna ao lar lamentoso, mas sempre em busca de uma solução para o inesperado drama.

**“Voltei e disse à mulher:
– Minha velha está danado
O cometa vem aí
De chapéu de sol armado
Creio que no dia 18
Lá vai o mundo equipado.**

**“Deixa ir lá como quiser
A coisa vai a capricho**

**Comer nem se trata nele
Nossa roupa foi pro lixo
Vamos ver se lá no céu
Tem onde matar-se o bicho.**

**“Fui onde vendiam fato
Comprei uma panelada
Com mais um garrafão
De aguardente imaculada
Disse a mulher: – Felizmente
Já estou de mala arrumada”.**

A panelada de fato – nome dado ao ensopado feito de bucho de boi (*fato*) e outros ingredientes da culinária pobre (hoje chamada dobradinha) – salva o sustento da família até o dia 17 de maio, véspera da tragédia que se anuncia. Quem traz a primeira notícia do início do desastre é seu próprio filho:

“– Papai o bicho estourou!”

Aí foi um salve-se quem puder:

**“Aí eu juntei os pratos
Embolei todo o pirão
Botei o caldo num pote
Peguei-me com o garrafão
Me ajoelhei e rezei logo
O ato de contrição.**

**“A mulher disse chorando:
– Meu Deus fica a panelada
Disse o menino: – Papai
Onde está a imaculada?
Eu disse: – Filho sossega
Aqui não me fica nada.**

**“E me ajoelhando aí
Tratei logo de rezar
O ato de confissão**

**Senti um anjo chegar
Dizendo reze com fé
Ainda pode escapar”.**

Mas o ato de confissão de um boêmio é bem diferente daquele ensinado pelas igrejas a seus fiéis. As bem-aventuranças são outras, mais terrenas, mais profanas, algumas blasfemas – todas adotadas por uma gente que vivencia o cotidiano em situação adversa e extraordinária:

**“– Eu beberrão me confesso à pipa,
à bem-aventurada imaculada da Serra Grande,
ao bem-aventurado vinho de caju,
à bem aventurada genebra da Holanda,
vinhos de frutas,
apóstolos de deus Baco
e a vós, oh caxixi,
que estás à direita de todas as bebidas
na prateleira do marinheiro.
Amém!”**

A oração, naturalmente, é recebida no além, para onde foi direcionada:

**“Quando acabei de orar
Olhei para a amplidão
Ouvia dançar mazurca
Cantar, tocar violão
Era um anjo que dizia:
– Bravos de tua oração.**

**“Aí um anjo chegou
Com uma túnica encarnada
Disse: – Sou de Serra Grande
De uma fazenda falada
Eu sou o que cerca o trono
Da gostosa imaculada.**

**“Sr. Láu o proprietário
Do reino onde ela mora**

**Me mandou agradecer-lhe
A súplica que fez agora
Aí apertou-me a mão
E lá foi o anjo embora”.**

A aparição foi providencial e veio corroborar que o ato de confissão agradou àqueles que têm o poder de salvação. Assim sendo, nada mais justo comemorar o inesperado sucesso:

**“Aí eu disse: – Mulher
Visto termos nos salvado
Desmanchemos nossas trouxas
Já estava tudo arrumado
Toca a comer e beber
Foi um bacafu danado”.**

5-Amor por anexins

O sucesso e a fama de Leandro Gomes de Barros não podem ser medidos por meio de fatores isolados e sim quando se tomada a sua obra como um todo, um vasto conjunto de peças, uma conjugação de elementos que foram capazes, por um largo espaço de tempo, de agradar leitores de várias camadas sociais, principalmente os mais humildes, os analfabetos, sim, que compravam folhetos para ouvi-los pela voz de um amigo ou de um membro da família que soubesse ler.

Não é fácil se usar uma linguagem popular em qualquer obra literária, fazendo-a tão coloquial e entendível quanto possível, sem prejuízo para o enredo e para a fluidez narrativa. Poucos escritores conseguem isso. Quando se faz uma leitura fácil é porque o escritor encontrou finalmente a linguagem de seu tempo.

Os ditados, frases feitas pelo linguajar vulgar, se transformam muitas vezes num intrincado labirinto paremiológico, que virá a ser de grande utilidade para o escritor que tenha o dom de dominar essa fera. Quem escreve deve saber transitar por elas como quem desvenda os segredos de um labirinto. Se desistir da caminhada ao esbarrar nos obstáculos – que são muitos – tudo vai por água abaixo.

O vasto conhecimento de Leandro Gomes de Barros em paremiologia faz de seus romances e folhetos de cordel um manancial de valor incalculável para escritores, pesquisadores e estudiosos dessa faceta gramatical.

Encontra-se, com efeito, em sua obra um sem-número de adágios, sofismas, aforismos, frases feitas, que foram citados ao pé da letra, quando outros mais sofreram uma reinvenção, outros foram adaptados ao linguajar da época, formando frases sertanejas, de uma poesia cabocla e chã, mas de acordo com a informação que desejava passar ao leitor.

Numa passagem de olhos rápida por cerca de trinta e cinco folhetos do poeta, enfeixados na Antologia editada pela Casa de Rui Barbosa (pertencentes ao acervo de Literatura de Cordel), sem muito rigor e sem empregar as regras técnicas da pesquisa, já que este não é o caso, registra-se uma vasta quantidade de citações de ditos populares.

Essa amostragem relacionada a seguir mostra o quão rica é a linguagem de um autor popular para que seu trabalho termine por alcançar a meta pretendida e assim se eternizar pelos valores qualitativos e de beleza.

Uma possível relação com o Adagiário Brasileiro de Leonardo Mota, finalizado pelos seus filhos, acompanha a presente coleta apenas como ponto de referência e para ressaltar o grande conhecimento de Leandro Gomes de Barros nesse detalhe e como esse saber foi bem utilizado.

Essa mostra pode servir também de carona, mais um pé de chinelo, para uso de futuros pesquisadores e sigam com mais vigor a caminhada.

LGB – A caridade não se faz só a cristão. (1)

LM – Fazer o bem, não olhar a quem.

LGB – A culpa é uma dívida, que com a morte é sanada. (2)

LM – A morte tudo apaga.

LGB – A desgraça vem ao mundo, sem avisar a ninguém. (1)

LM – A desgraça vem sem ser chamada.

LGB – A falsidade é a arma mais pronta, aonde existe a maldade (1)

LGB – A fruta estando madura, inda se torna mais cara. (2)

LGB – A justiça do céu chega sutil como o sono. (3)

LM – A justiça de Deus tarda, mas não falha.

LGB – A morte do desordeiro para o manso é benefício. (4)

LM – A desgraça de uns é o bem de outros.

LGB - Amor não olha riqueza. (5)

LM – Amor faz muito, mas dinheiro faz tudo.

LGB – Aonde foram duzentos, que tem que vá um milheiro. (6)

LM – Onde come um, comem dois.

LGB – A mulher do filósofo aprende bem filosofia. (7)

LM – Diz-me com quem andas, que te direi quem és.

LGB – Aquilo que o mundo diz, foi, ou é, ou há de ser. (8)

LM – Em tudo há um fundo de verdade.

LGB – A riqueza desta vida é honra, crença e saúde. (9)

LGB – As pedras correm atrás dos apedrejados. (8)

LM – Atrás dos apedrejados correm as pedras.

LGB – Barco só deve perder-se depois de bem carregado. (10)

LM – Mais vale prevenir do que remediar.

LGB – Boto a desgraça de um lado, do outro a miséria acode. (11)

LM – A desgraça, por ser boa, precisa ser bem desgraçada.

LGB – Carreira de velho é chôto. (10, 12)

LM – Carreira de velho é chouto.

LGB – De freira e festa de natal, até o diabo sai.

LGB – De onde vem a desgraça, sai a fortuna também. (13)

LM – A desgraça de uns é o bem de outros.

LGB – Depois desta vida, o que se pode aproveitar?

LM – A morte tudo apaga.

LGB – Desgraça não quer conselho. (10)

LM – A desgraça vem sem ser chamada.

LGB – Deus é grande e tem poder, o poder dele é de pai. (5)

LM – Deus é pai e não padrasto.

LGB – Deus me livre de mulher, de médico e advogado. (12)

LM – De médico, de advogado e de mulher, libera-nos dominé.

LGB – Deus é um pai constante: dá o pão a quem tem fome. (9)

LM – Deus dá o frio conforme a roupa.

LGB – Deus é pai de todos nós. (9)

LM – Deus é pai e não padrasto.

LGB – Deus quando quer matar um, mata acolá e ali. (9)

LM – A justiça de Deus tarda, mas não falha.

LGB – Deus te dê fortuna. (14)

LM – A sorte quem dá é Deus.

LGB – Dinheiro só não pode privar do dono morrer. (15)

LM – O dinheiro tudo compra.

LGB – Do que seu patrão comeu, você também hoje engole. (16)

LM – Cada qual com seu igual.

LGB – É igualmente ao cachorro: entra sem ninguém mandar. (17)

LM – O cachorro entra na igreja porque encontra a porta aberta.

LGB – É mais fácil um boi voar. (18)

LM – É mais fácil um boi voar.

LGB – Entre a palavra e a obra há enorme distinção. (19)

LM – Querer não é poder.

LGB – Entre espinhos nascem rosas. (20)

LM – Não há rosas sem espinhos.

LGB – É sinal que vive pouco, quem já tem vivido muito. (12)

LGB – Eu não vou criar galinhas para dar capões a ninguém. (14)

LM – Não vou botar azeitona na empada de ninguém.

LGB – Eu sou velha neste mundo, não ando por ver andar. (21)

LGB – Eu vou me aproveitar, enquanto Braz é tesoureiro. (22)

LM – Aproveita, enquanto Brás é tesoureiro.

LGB – Foi fácil você entrar, mas é custoso sair. (23)

LM – Antes de entrar, pensar na saída.

LGB – Haja o que Deus for servido. (5)

LM – Deus dá o pão conforme a fome.

LGB – Homem de 70 anos

É engenho de fogo morto

Seu barco é um ataúde

A sepultura é um porto. (12)

LGB – Lá um dia a casa cai. (23)

LM – Lá um dia cai a casa.

LGB – Livre-nos Deus do inimigo e do mal. (35)

LM – Deus nos livre de todo o mal.

LGB – Mato tem olhos, as paredes tem ouvidos. (1)

LM – Matos tem olhos, paredes tem ouvidos.

LGB – Não há juiz como Deus. (5)

LM – Deus é justo.

LGB – Não solto o pássaro, por um que algum dia vem. (22)

LM – Mais vale um passarinho na mão que dois voando.

LGB – O amor é como a morte, que não separa ninguém. (5)

LM – O amor é como o sono

Que não dispensa ninguém...

Eu só comparo com a morte:

Ninguém sabe quando vem.

LGB – O amor é uma pessoa, ambos são da mesma idade. (24)

LGB – O boi manso aperreado, arremete certamente. (25)

LM – Boi manso, aperreado, arremete.

LGB – O boi na terra alheia, até as vacas lhe dão. (21)

LM – O boi, estando em terra alheia, até as vacas lhe dão.

LGB – O cavalo por um coice, não deve cortar-se a perna. (24)

LGB – O cesteiro que faz um cesto faz mais cem e assim por diante. (24)

LM – Cesteiro que faz um cesto, faz cento e, tendo cipó e tempo, faz duzentos.

LGB – O crime figura um cego, a lei figura uma guia. (24)

LM – A justiça é cega.

LGB – O desastre é um diabo que persegue a simpatia. (19)

LM – O diabo ajuda os seus.

LGB – O mel por ser muito bom, as abelhas dão-lhe fim. (26)

LM – O mel, por ser bom demais, as abelhas dão-lhe fim.

LGB – O mundo pertence a Deus. (4)

LM – Deus tem poder sobre tudo e sobre todos.

LGB – Onde o sol nunca se viu, ninguém conhece as estrelas. (27)

LGB – O ouro da traição pertence ao traidor. (3)

LM – Cada um colhe conforme semeia.

LGB – O poder de Deus é forte. (28)

LM – O poder de Deus é grande.

LGB – O que vem na rede é peixe. (29)

LM – O que cair na rede é peixe.

LGB – O risco que corre o pau, corre também o machado. (10, 30)

LM – O risco que corre o pau, corre o machado.

LGB – Os crimes são descobertos, por mais que sejam escondidos. (1)

LM – A culpa condena.

LGB – Os nus só querem amizade dos que estão esmolambados. (8)

LM – Os iguais se atraem.

LGB – Os olhos são verdadeiros, não podem nada ocultar. (1)

LM – Os olhos são a janela da alma.

LGB – Ou vai a língua ou o beijo. (31)

LM – Ou vai ou racha! Ou arrebenta a tampa da caixa.

LGB – Ou vai o queixo ou o dente. (31)

LM – Ou vai ou racha! Ou arrebenta a tampa da caixa.

LGB – Ou vai o dedo ou a unha. (31)

LM – Ou vai ou racha! Ou arrebenta a tampa da caixa.

LGB – Pobreza não quer vintém. (10)

LM – Pobreza não é vileza.

LGB – Pode o diabo ir ao céu. (18)

LM – O diabo reza também.

LGB – Quando a sorte não quer, o mal recua e não vem. (32)

LM – Quando Deus não quer o diabo não pode.

LGB – Quem aos vinte não barba

Quem aos quarenta não tem

Aos vinte e cinco não casa

Nenhum dos três obtém. (12)

LM – Quem aos vinte não barba, aos trinta não casa e aos quarenta não tem, não barba, não casa, não tem.

LGB – Quem compra uma tasca paga pelo preço dela. (24)

LM – Quem mal paga, paga duas vezes.

LGB – Quem deve a Deus, paga a Deus. (33, 34)

LM – A justiça de Deus tarda, mas não falha.

LGB – Quem dinheiro tiver, vende a terra e compra o céu. (12)

LM – Quem dinheiro tiver, fará o que quiser.

LGB – Quem gaba o noivo é a noiva. (10)

LM – a) Quem gaba o buraco é o tatu; b) Quem gaba o toco é a coruja; c) Quem gaba a noiva é o noivo.

LGB – Quem nunca curou ferida, não sabe o que é dor. (25)

LM – a) A bouba dói é no cu de quem a tem; b) Pimenta no cu dos outros é refresco.

LGB – Quem por causa de uma ovelha deixa um rebanho se perder? (4)

LM – Pior causa de um vintém, se gasta cem.

LGB – Quem tiver pena que chore, quem gostar fique contente. (14)

LM – Cada qual faz o que lhe convém.

LGB – Roma não de fez num dia. (14)

LM – Roma não se fez num dia.

LGB – Santo que eu não conheço, a esse nada ofereço. (16)

LM – A santos que não conheço, não rezo nem ofereço.

LGB – se havia de morrer de desgraça, antes morrer de sucesso. (6)

LM – A morte não escolhe jeito.

LGB – Sem a hora ser chegada, bala não mata ninguém. (32)

LM – A hora é incerta, mas a morte é certa.

LGB – Só Deus sabe e mais ninguém. (5)

LM – Só acontece o que Deus quer.

LGB – Tanto vale o roto quanto vale o casacudo. (16)

LM – Todos são iguais perante Deus.

LGB – Tudo com a morte se acaba, tudo com a morte se alcança. (5)

LM – a) Tudo no mundo se acaba; b) Tudo no mundo tem fim.

LGB – Vê-se a cara do homem, mas não vê-se o coração. (19)

LM – Quem vê cara não vê coração.

Por essa singela amostragem dá para notar a importância que Leandro Gomes de Barros dedicava à fala do povo, à frase comum, prestando, por seu lado, um excelente serviço à divulgação e estudo da paremiologia, suas mudanças e adaptações à linguagem nordestina, a similaridade com o falar de Portugal e da Galícia, trazidas pelos emigrantes daquelas regiões.

A influência do adagiário na obra do poeta paraibano, a própria assimilação e utilização de ditos populares na Literatura de Cordel, merecem certamente um tratamento mais respeitoso, estudos mais acurados, cuja especialização poderia se estender aos estudos acadêmicos de letras e línguas, existentes nos currículos universitários. Sirvam-se, amantes e estudiosos.

A numeração dos adágios corresponde aos seguintes folhetos:

01 – O cachorro dos mortos

02 – João da Cruz

03 – Como João Leso vendeu o Bispo

04 – Festas de Juazeiro no vencimento da guerra

05 – A força do amor

06 – O cometa

07 – O testamento de Cancão de Fogo

08 – O azar na casa do funileiro

09 – A órfã

10 – Peleja de Antonio Batista e Manoel Cabeceira

11 – O azar e a feiticeira

- 12 – O casamento e o velho
- 13 – Branca de Neve e o soldado guerreiro
- 14 – Antonio Silvino, Rei dos Cangaceiros
- 15 – O dinheiro
- 16 – Os coletores da Great Western
- 17 – O fiscal e a lagarta
- 18 – Romano e Ignácio da Catingueira
- 19 – As proezas de um namorado mofino
- 20 – O casamento hoje em dias
- 21 – Discussão do autor com uma velha de Sergipe
- 22 – A crise atual e o aumento do selo
- 23 – Peleja de José do Braço com Izidro Gavião
- 24 – Antonio Silvino no júri – Debate de seu advogado
- 25 – Como Antonio Silvino fez o diabo chocar
- 26 – O divórcio da lagartixa
- 27 – Antonio Silvino se despedindo do campo
- 28 – Os dez réis do Governo
- 29 – Conferência de Chiquinha com Gregório das Batatas
- 30 – As aflições da guerra na Europa
- 31 – Ecos da pátria
- 32 – Os defensores dos inocentes de Garanhuns
- 33 – Vingança de um filho
- 34 – Exclamações de Antônio Silvino na cadeia
- 35 – O Governo e a lagarta contra o fumo

6-Uma entrevista no céu

Encontrei Leandro Gomes de Barros entretido numa conversa entre amigos, a espiar lá do alto do céu toda a extensão da Feira de São Cristóvão, que todo santo domingo se espalha pelas costelas do pavilhão de mesmo nome, que já teve seus dias de glória, de modernas exposições e festivais de cerveja e após se transformar num entulho desagradável e atravancar o campo que deu nome ao Bairro Imperial, finalmente entrou nos eixos e se transformou num espaço cultural agradável e maneiro.

A feira hoje não é mais aquela que se espalhava ao redor do pavilhão e foi crescendo desordenada até que o espaço acabou. Essa mesma feira sobrecarregada de barracas limitava-se a umas poucas ruas de vendas de

produtos nordestinos, desde a esquina da Rua Escobar até o entorno do Colégio Pedro II. Depois cresceu de tal modo que foi preciso criar coragem e aproveitar o espaço abandonado do Pavilhão de São Cristóvão, para dar o merecido orgulho aos fundadores e frequentadores da feira, com um espaço digno, organizado e higiênico. Falta pouco para atingir a perfeição, mas um dia chegamos lá...

De todo modo, causou espanto ao vate paraibano saber que feira tão nordestina nasceu e se encravou no meio do cosmopolitismo carioca, mesmo sabendo que a população de nordestinos do sudeste – São Paulo e Rio de Janeiro principalmente – é hoje bem maior do que muitas capitais e cidades daquela região – coisa de causar igual espanto.

Da roda dessa conversa informal participavam muitos colegas do poeta, entre tantos, Silvino Pirauá e os irmãos Batista, além de uma dúzia de cantadores que ilustravam a palavra do mestre com versos de repente e alguns martelos agalopados. Josué Romano, Serrador, Cabeceira, Riachão ponteavam de igual para igual, alegrando o rosto moreno de Leandro Gomes de Barros, cuja cabeleira e bigode tinham já a cor prateada das nuvens da mansão celestial.

José Martins de Athayde – que também cantara em vida seus repentes – observava o grupo um tanto acabrunhado, mas sem deixar de comparecer quando alguma rima lhe apetecia tirar uns versos. E nisso sempre se saía bem. Foi difícil arrancar o velho vate daquele encontro de menestréis, cujo número ia aumentando às centenas, mas conseguimos arrastá-lo para um cantinho, a puz de bebericar um cálice da imaculada.

Nem foi preciso ligar algum gravador: o mestre bem experiente em tudo que dizia respeito às letras recomendou que se memorizasse alguma palavra ou frase e o resto, bem, o resto que fosse de invento dos entrevistadores. Pedimos ao poeta que, de princípio, se apresentasse, a modo de autorretrato.

– Sou Leandro Gomes de Barros, escritor paraibano. No ofício de escrever, trabalho com calma e plano. Tenho fama de repentista, escritor e romancista. Folhetos escrevi mais de mil, corre fama no Brasil de ser o seu primeiro humorista.

– Quando e onde o poeta nasceu?

– Nasci no ano de 1865, no município de Vila do Pombal, Estado da Paraíba. Com muito orgulho sim sinhô. Mas tenho no Recife, a minha segunda cidade.

– Existe alguma particularidade na sua formação de escritor e poeta?

– Desde menino sempre gostei muito de ouvir os contos da antiguidade...

– Quem lê suas poesias e romances, volta e meia encontra sinais de alguma descrença. Qual é a sua fé?

– Jesus dizia que Deus é um Pai constante. Dá o pão a quem tem fome, dá ciência ao ignorante, consola o triste que chora e mostra o porto ao navegante. Essa é minha religião...

– Fale sobre suas lembranças, sobre a infância, amores e desamores, cujo eco se lê nas entrelinhas dos poemas felizes.

– Sim, um grande amor perturbou minha infância. Ela tinha talvez uns nove anos, tinha os olhos celestiais, soberanos. Éramos, ela e eu, ambos crianças. Voávamos nas asas de esperanças.

– Esse amor sublimado deixou alguma marca especial na sua existência? Como você considera a importância da mulher na vida do homem?

– Eu classifico a mulher como a flor da existência. Um altar de divindade, o símbolo da inocência.

– Foi um tempo feliz esse da infância, a juventude? O que você diria aos jovens de hoje?

– Devemos gozar a nossa mocidade, beber o aroma da primeira idade. E deixar para os filhos um grande exemplo mais tarde.

– Para um poeta inspiradíssimo e popular como Leandro Gomes de Barros, o que significa a vida?

– A vida é um riso de mil esperanças, uma nau que nos leva num mar de bonança.

– Mas para o poeta não é sempre essa a visão da existência...

– Alguém diz que nossa vida parece um sonho dourado. Eu classifico esta vida como um fardo muito pesado.

– Como homem você por acaso tem um código de honra?

– Eu sou de opinião que o homem deve morrer, porém não mostre fraqueza, nem dê o braço a torcer. A covardia é um osso que não se pode roer.

– Esse modo de ver a vida não é ilusório? E o orgulho do poeta?

– Meus filhos podem dizer: Somos filhos de um homem pobre, mas de sentimento nobre e caráter cristalino.

– E quanto à liberdade, você se considera um ser livre?

– Nossos pais nasceram livres, nós somos livres também...

– O mundo é justo, há igualdade entre os seres?

– Se o rico tiver direito, o pobre terá também.

– Corre do poeta a fama que adora uma *branquinha fria*, que gosta da boemia e que é doido por um rabo-de-saia...

– Sempre adotei a doutrina ditada pelo rifão, de se ver a cara do homem, mas não vê o coração. Entre a palavra e a obra, há uma grande distinção...

– Certo mistério envolve a existência: você tem crença na alma? Na eternidade? Na vida além da morte?

– O mundo é um logogrifo, ninguém pode decifrar. Creio que a alma do coxo, chegando no céu é manca...

– Acredita na sorte e no azar?

– A sorte é como uma vaga que vem e torna a voltar.

– Apesar da boa aparência, você já precisou de um médico?

– O médico faz do doente um sítio de plantação...

– Já vi que em matéria de crença, você não reza padre-nosso...

– Eu beberão me confesso à pipa, à bem-aventurada imaculada de Serra Grande, ao bem-aventurado vinho de caju, à bem-aventurada genebra da Holanda, vinhos de frutas, apóstolos de Deus Baco e vós – oh caxixi! – que estão à direita de todas as bebidas na prateleira. Amém.

– Foi o poeta quem disse: Eu sou o que cerca o trono, da gostosa imaculada.

– Exatamente. Como disse também: Nasce o filho do ferreiro, com o martelo e a safa. O filho do pescador traz a linha e a tarrafa. O filho do cachaceiro traz o copo e a garrafa.

– Essa paixão pela branquinha é inata nos poetas...

– Eu creio que foi por isso que eu fiquei gostando dela. Ela namora comigo, eu faço cera com ela. Ela estraga o meu juízo, eu a aperto na goela.

– É incrível essa veneração pela tão mal falada cachacinha!

– O que já morreu está morto e quem escapou não morre. Devemos aproveitar enquanto o alambique corre...

– Já nos tempos antigos se venerava o deus Baco.

– Porque um sábio dizia: Líquido de milho é massa, futuro de velho é queda, suco de fogo é fumaça, o caldo da uva é vinho, sangue de bêbado é cachaça.

– Essa é boa! Mudando de assunto, como bom paquerador, você é casamenteiro, devoto de Santo Antônio?

– Não há loucura maior do que o homem se casar! Quem casa num tempo desses perdeu toda a razão.

– O casamento é tão ruim assim?

– Santo Deus! Que peso horrendo! Nas costas de um desgraçado, uma mulher e a mãe, de quebra! Não há fardo mais pesado, do que seja uma mulher.

– Porém, diz o ditado, o casamento é um mal necessário...

– Sogra muda e mulher rouca, são de bem necessidade. Esses dois incômodos nelas são de grande utilidade. Quando nada, elas assim, descansam a humanidade.

– Nos tempos de hoje o poeta seria considerado machista...

– Mulher e resto de mesa, a gente não vende, dá.

– Mas as pessoas ainda preferem um casamento tradicional à loucura que vigora hoje em dia.

– Há muito tempo que eu digo: o mundo está as avessas. Tem homem que hoje vive do trabalho da mulher.

– Existe também muita confusão criada pela “*opção sexual*”...

– Hoje se vê uma moça, ninguém sabe se é rapaz. E note que não há moda que chegue e não nos ofenda. É tanta moda que vem, que não há quem compreenda. Muito em breve os homens fazem calça e camisa com renda.

– Então você acha que a coisa do jeito que está não tem jeito mesmo?

– Assim como as pedras correm atrás dos apedrejados, corre também o caipora atrás dos encaiporados. Os nus só querem amizade dos que estão esmolambados.

– Dizem os crentes, os *novas-seitas*, que isso vai mudar...

– Arrumou praga de mãe, baba de um blasfemador, a crueldade de Herodes, o riso do traidor, misturando com veneno, eis aí um pregador!

– Ou isso ou outra coisa. O poeta por acaso presenciou alguma guerra? É a tragédia pior que a humanidade tem...

– Guerra! Oh guerra! Abismo dos abismos. Lago triste, enorme de águas turvas. Condutora da fome e da desonra, oficina de órfãos e viúvos. Um juiz não perdoa esses teus crimes e nem lava tuas nódoas as grandes chuvas.

– O Brasil bem que já poderia ser uma potência mundial capaz de trazer a paz ao mundo. O que falta pra nossa terra ser grande?

– O atraso do Brasil é essa desunião. O estado nos oprime, o município faz guerra. Nunca se viu tanto imposto assim na face da terra. Num país como o nosso, cobra-se até de quem reza o Padre-Nosso!

– Mas eis que levantamos grandes obras e além disso temos inesgotáveis riquezas naturais! Isso não diz nada ao poeta?

– O nosso Brasil está hoje como quando inda era inculto. O inglês leva o cobre que há, não nos deixa ficar nem um tostão. E o brasileiro se banha, se não for no bolso também.

– Mesmo assim se sente que o povo tem muita fé no seu país, na sua terra...

– Há encantos no Brasil que não há em outro solo. Nascemos no meio das flores, somos criados no colo. O brasileiro não morre, se muda para outro pólo.

– É que se dá muito valor ao dinheiro, é a ganância que impera, querer sempre mais.

– O dinheiro neste mundo, não há quem o debande. Tudo está abaixo dele, só ele ali é grande.

– Mas existe uma distância grande a separar o rico do pobre. Só falta dinheiro para os pobres, os ricos ficam mais ricos.

– É o farol que mais brilha perante a sociedade. O código dali é ele, a lei é sua vontade. A moça tendo dinheiro, sendo feia como a morte, mais de mil aventureiros a desejam como consorte.

– Mas será tão importante assim o dinheiro na nossa vida?

– Dinheiro traz eloquência a quem nunca teve estudo. Imprime coragem ao fraco, dá animação a tudo. Vence batalha sem arma, faz vez de lança e escudo.

– Em outras palavras: o destino do pobre é triste.

– Bote dinheiro no morto que a ossada dele se bole... A garantia do pobre é pontapé e cadeia.

– Essa maldade sempre ataca o Nordeste. Calamidades, secas terríveis, fome e miséria.

– O Governo Federal querendo remia o Nordeste. Seca a terra, as folhas caem, morre o gado, sai o povo. Todos ali, surdos aos gemidos, divisam o espectro da morte...

– Qual o remédio para tanta tragédia?

– A seca ataca o sertão, a crise circula na praça. Tanto que eu creio que este ano, sobe tudo na fumaça. Só ficará no Brasil o imposto e a desgraça.

– Seca, fome, miséria, trabalho escravo, assassinatos, mortandade...
Qual a tragédia maior?

– Nódoa preta da história, a fome negra e crua. As crianças já não sabem o que é barriga cheia. Aqueles campos que eram por flores alcatifados, hoje parecem sepulcros pelos dias de finados.

– Dá pena se ver uma família nordestina diante da seca...

– Vê-se uma mãe cadavérica, que já não pode falar, estreitando o filho no peito, sem o poder consolar...

– Mas campanhas promovidas arrecadam milhões em dinheiro, visando amenizar tantos males.

– O dinheiro é tão sabido que quis ficar escondido nos cofres dos potentados. Ignora-se esse meio: eu penso que ele achou feio o bolso dos flagelados.

– Então, aí vem o cangaço, a revolta. Você conheceu o célebre Antonio Silvino e fez uma entrevista com ele. Como era esse justiceiro revoltoso?

– Antonio Silvino não fez tudo o que se diz. Parece que um ente desses cumpre a ordem do destino. Eu ouço falar em crimes cometidos por Silvino, quando talvez o pai dele ainda fosse menino.

– Conta a história que ele agia como se fosse um “governo ambulante” pelo interior.

– Passou dezenove anos o Norte sem garantia. Só morava no sertão, o povo que ele queria. A força que fosse a ele, desintegrada saía.

– Esse é o comportamento natural dos cangaceiros, dos justiceiros independentes...

– O cangaceiro sagaz não se confia a ninguém. Não diz para onde vai, nem ao próprio pai – se tem. Exercitar-se bem nas armas, pular muito e correr bem.

– Desde sempre o sertão fez nascer, criar e viver tipos assim, revoltados com a situação social de seus irmãos e companheiros...

– Não era Silvino só o cangaceiro que havia. Então do nome dele, qualquer um prevalecia. Muitos crimes foram dados aonde Silvino nem ia.

– Pelas contas dos muitos crimes que o povo fazia, Silvino era a representação do próprio capeta.

– Ele deve ter processo em todo aquele sertão. Ele nunca se recusou, para qualquer agressão: roubo, incêndio, assassinato, era a sua profissão.

– Foi um grande feito sua entrevista com Silvino. Mas voltando aos poetas, editores (você é um editor), dizque não respeitam a autoria original quando compra um folheto. Verdade?

– Aquilo que o mundo diz, foi, ou é, ou há de ser. Com o fim de evitar abusos constantes, resolvi estampar em todas as minhas obras o meu retrato.

– Alguns violadores dessas regras e do direito autoral tem muitos defensores.

– O autor se reserva o direito de propriedade. Os crimes são descobertos, por mais que sejam escondidos.

– Seria preciso maior rigor da fiscalização?

– Dizem que a culpa condena. É outra história que arreia, porque se assim fosse certo, não precisava cadeia.

– Você que esperava ter uma vida longa, está satisfeito com o que Deus lhe deu?

– É sinal que vive pouco, quem já tem vivido muito. A velhice recorda arrependida, todo erro que fez em sua vida. E murmura: Quem me dera a mocidade...

– Não queria ficar velho então?

– Ao velho a sepultura já diz: Não tarda aquele presunto...

– E a sua vida foi bem vivida ou faltou algo que gostaria de ter feito?

– Eu tive a vida tranquila, como qualquer inocente. Veio o diabo e levou tudo quanto ajuntei.

– E quando a *marvada* chegar para a visita final? Está preparado? A mesa posta, como disse o poeta?

– Preveni a todos lá de casa: por acaso um dia eu falecer, é favor ninguém chorar perto de mim, é caipora com zoada se morrer...

Depois dessa conversa, foi impossível reter o poeta. Leandro Gomes de Barros decerto foi vagar com seus espíritos irmãos pelas feiras de Caruaru, do Braz, de Campina, no Mercado São José, esses lugares tais que frequentou em vida – ou qualquer lugar desse vasto mundo, aonde meia-dúzia de cabeças-chatas se reúne trocando verso, cantando prosa, inventando repentes cheios de gracejos, gozando a vida própria e alheia.

Obrigado pela entrevista, querido Poeta Príncipe. Ou Príncipe dos Poetas, coroado por Carlos Drummond de Andrade para governar o reino da poesia de cordel.

Primos-ermãos

Joaquim Itapary

Tenho p'ra mim que a expressão popular *primos-ermãos*, usualmente adotada para qualificar parentes intimamente unidos por sentimento de fraternidade, está meio fora de uso. Talvez, porque as condições objetivas da vida moderna cada vez mais estejam afastando familiares que, dantes, por logo tempo, ou por toda a vida, conviviam praticamente sob mesmo teto, em ambiente de intimidade favorecedor da fusão de espíritos, gostos, sentimentos. Se isso também ocorre hoje com irmãos, se pais e filhos se distanciam, perdem contato pessoal, desconfraternizam, mesmo esses que se sentiam carne da mesma carne, sangue do mesmo sangue, que dizer de tios, primos, sobrinhos e de outros parentes mais distantes?

Contudo, não faz muito, fui descoberto por um primo sequer imaginado que abalou de O Porto - Portugal, onde vivia, e veio visitar-me. Como me disse, queria muito conhecer os parentes, descendentes da Genoveva Hortênsia Bianchi (oriunda dos Bianchi e Straccera do Lago de Como, na Itália, quase no sopé dos Alpes, fronteira com a Suíça), saída, novinha ainda, do Funchal - Madeira, onde se casara com José Joaquim Seguintes de Oliveira, bacharelado em Coimbra, filho dos Oliveiras da Península de Setúbal. Não nos conhecíamos, até então. Mas, seguindo-se a esse encontro uma visita que fiz a ele em O Porto e uma agradável estada em sua casa de veraneio, no Algarves (Portimão), propiciadora de passeio à célebre Fortaleza de Sagres, demos um nó em nossas vidas e firmamos amizade fraterna. Fizemo-nos primos-ermãos. Orientado por ele, pulei o Atlântico para a Madeira, a conhecer mais primos e primas que me receberam com mimos, carinhos, velhos vinhos Sercial e Malmesey de avoengas domas da família, perfeitas companhias de pernas de borrego, postas de peixe-espada negro, indescritíveis pudins de queijo e enormes cerejas pretas, dulcíssimas, perfeitamente sazoadas. É raro o mês sem carta deles. Todos, hoje, preenchem lugares no meu coração antes ocupados por "amigos" de circunstância, que se escafederam para sempre - Queira Deus!

De repente aparece-me outro primo. Só que, este eu já conhecia, daqui mesmo, de São Luís: Jorge Salomão Boabaid Rovedo, filho de irmã

da minha mãe, ainda moleque milagrosamente escapulado das garras com que a ciosa serpente do Ribeirão costuma reter os felizes habitantes desta ilha, faz mais de 40 anos reside no Rio, lá pelas bandas de Cachambi. Sim, senhor, que bela, agradável e prazerosa visita ele me faz, depois de tanto tempo sem nos vermos! Só que ele não veio em sua inteira pessoa, como fez o Orlando Rui de Bianchi, de Portugal, que me apareceu todinho, da cabeça aos pés, sempre inquieto e azafamado, braços dados aos de sua mulher inglesa, a bela Caroline. Este, Salomão, chegou-me selado e carimbado pelos correios, em pacote de imenso conteúdo. E assim foi que, repentinamente, a minha pequena biblioteca se viu enriquecida com nada menos de um bom par de livros da sua autoria! Pois é, um primo poeta trazido por um carteiro! Evidente que eu só posso estar feliz; E sumamente. Porque não é dado a todo mundo poder sair por aí anunciando, com cara que quem ganhou sozinho o prêmio da sena: - Pó, cara, eu tenho um primo que é poeta! Não é bom? E olhe lá que senhor poeta ele se mostra logo nestes primeiros versos de **ÁLBUM**:

*Um pouco de azul não faz mal a ninguém,
nem o verde que se esgueira entre as casas
ou a mesma estrela multicolor que me segue,
cintilando mistérios, prenhe de segredos.
Não faz mal o cheiro de mar aromatizado,
vasa que entranha e fere as narinas da alma,
não faz mal a água que escorre doce nos dedos
enquanto o rio se mexe direito a outros rios.*

Louvado seja para sempre N.S.J.C., a quem devo tanta graça! A partir de hoje, recolho-me nas entrelinhas da prosa, para dela não mais sair. Sim, porque, agora, temos na família um poeta de verdade! Tomara que outros primos assim apareçam. E, especialmente, sejam prosadores. Amém!

e-mail: jitapary@uol.com.br

O poema completo

Álbum

Um pouco de azul não faz mal a ninguém,
nem o verde que se esgueira entre as casas

**ou a mesma estrela multicolor que me segue,
cintilando mistérios, emprenhada de segredos.**

**Faz bem o cristal salinoso que emerge da onda
e penetra entre as frestas das roupas, botões,
a espuma que lambe a epiderme rugosa e sã,
lábios ressecados noutros lábios ressecados.**

**Não faz mal o cheiro de mar aromatizado,
vasa que entranha e fere as narinas da alma,
nem faz mal a água doce que corre nos dedos
enquanto o rio se mexe direito a outros rios.**

**Faz muito bem a luz clara, manhã aventurada
que se debruça em cumprimentos e medidas,
perseguindo o som em partitura emoldurada,
letra de música ministrada às rezas vesperais.**

**Não é mal despertar sobre o corpo dela em duna,
lençol de areia monazítica, amplo de vivacidade,
salgada sebe, glândulas salivares, cuspe, licor,
pudor rouco, gozo em azul, destilado entre coxas.**

Liberdade

– O que é Liberdade? – perguntou meu neto.

Poderia responder: – Liberdade é afeto, mas não é tão simples assim.

Liberdade é o cárcere que não tem grades nem tetos.

Liberdade é a prisão sem muros.

Liberdade são cadeias sem correntes, sem celas.

Liberdade são algemas sem lacres nem chaves.

Liberdade é presídio em campo aberto, sem fronteiras.

Presídio de muros baixos que crianças brincam saltando sobre eles.

Liberdade é a casa de porta e janela.

A mesa posta: pão, manteiga, café, leite, gente se servindo entre risos de alegria.

Liberdade é a cama para dormir, o lençol, o copo d'água fresca.

Liberdade é o suor que escorre na testa enrugada.

É o jornal ao lado da cadeira, da rede que balança, jornal que denuncia atrocidades que se cometem cotidianamente contra a Liberdade.

É o rádio que dá notícias e canta música na noite estrelada.

Liberdade é o sol que queima o solo arado.

Liberdade é o verde que brota do chão queimado.

Liberdade é a salada na mesa, a manga na mesa, o feijão na mesa, a goiaba na mesa, o arroz na mesa, o doce na mesa.

Liberdade é tudo isso e muito mais...

– Para que serve a Liberdade? – perguntou meu neto.

– Liberdade não serve para nada, poderia responder.

Mas com a velhice vieram os desenganos e não dá mais para ocultar:

– A Liberdade só serve aos tiranos.

Rio de Janeiro, Cachambi, 29 de abril de 2019.

Gabriela Mistral

Los Sonetos de la muerte

I

Del nicho helado en que los hombres te pusieron,
te bajaré a la tierra humilde y soleada.
Que he de dormirme en ella los hombres no supieron,
y que hemos de soñar sobre la misma almohada.

Te acostaré en la tierra soleada con una
dulcedumbre de madre para el hijo dormido,
y la tierra ha de hacerse suavidades de cuna
al recibir tu cuerpo de niño dolorido.

Luego iré espolvoreando tierra y polvo de rosas,
y en la azulada y leve polvareda de luna,
los despojos livianos irán quedando presos.

Me alejaré cantando mis venganzas hermosas,
¡porque a ese hondor recóndito la mano de ninguna
bajará a disputarme tu puñado de huesos!

II

Este largo cansancio se hará mayor un día,
y el alma dirá al cuerpo que no quiere seguir
arrastrando su masa por la rosada vía,
por donde van los hombres, contentos de vivir...

Sentirás que a tu lado cavan briosamente,
que otra dormida llega a la quieta ciudad.
Esperaré que me hayan cubierto totalmente...
¡y después hablaremos por una eternidad!

Sólo entonces sabrás el por qué no madura
para las hondas huesas tu carne todavía,

tuviste que bajar, sin fatiga, a dormir.

**Se hará luz en la zona de los sinos, oscura;
sabrás que en nuestra alianza signo de astros había
y, roto el pacto enorme, tenías que morir..**

III

**Malas manos tomaron tu vida desde el día
en que, a una señal de astros, dejara su plantel
nevado de azucenas. En gozo florecía.
Malas manos entraron trágicamente en él..**

**Y yo dije al Señor: -"Por las sendas mortales
le llevan. ¡Sombra amada que no saben guiar!
¡Arráncalo, Señor, a esas manos fatales
o le hundes en el largo sueño que sabes dar!**

**¡No le puedo gritar, no le puedo seguir!
Su barca empuja un negro viento de tempestad.
Retórnalo a mis brazos o le siegas en flor"**

**Se detuvo la barca rosa de su vivir..
¿Que no sé del amor, que no tuve piedad?
¡Tú, que vas a juzgarme, lo comprendes, Señor!**

Gabriela Mistral

Os sonetos da morte

I

**Do nicho gelado em que te puseram
te deitarei na terra húmil e ensolarada.
Que hei de dormir nela eles não sabiam,
e iremos sonhar sobre a mesma almofada.**

**Te deitarei na terra ensolarada com uma
doçura de mãe para o filho adormecido,
e a terra há de fazer-se berço de bruma
ao receber teu pequeno corpo dolorido.**

**Então polvilharei de terra e pétalas de rosas,
e na terra azulada da leve poeira de lua,
os despojos luzidios irão ficando presos.**

**Vou-me cantando vinganças formosas,
que àquele fundo recôndito mão alguma
irá descer para disputar teus ossos!**

II

**Este imenso cansaço será maior um dia,
e a alma dirá ao corpo que não quer seguir
arrastando tanto peso pela rósea via
por onde vai a gente alegre por viver...**

**Sentirás que ao lado cavam briosamente,
e outra morada chega à quieta cidade.
Espero que te tenham coberto totalmente...
E depois falaremos por uma eternidade!**

**Só então saberás o por quê não madura
para os fundos ossos tua carne e, todavia,
tiveste que deitar, sem fadiga, a fenecer.**

**Se fará luz na zona dos sinos, obscura;
verás que signos e astros em nosso pacto havia
e, quebrado o trato imenso, terias que morrer...**

III

**As más mãos tomaram tua vida desde o dia
em que, a um sinal dos astros, ficou seu jardim
nevado de açucenas. Em gozo florescia.
As más mãos entraram tragicamente, enfim...**

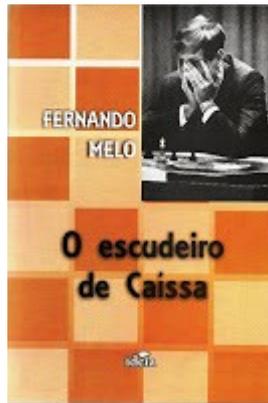
**E eu disse ao Senhor: -"Pelas sendas mortais
o levam. Sombra amada que não sabem guiar!
Arranca-o, Senhor, dessas mãos fatais
ou o afundes no longo sonho que sabes dar!**

**Não posso gritar, não o posso seguir!
Ao barco empurra negro vento de tempestade.
Retorna-o a meus braços ou o leves em flor".**

**Deteve-se o barco rosa de seu viver...
Que não sabe do amor? Que não teve piedade?
Tu, que irás julgar-me, o compreendes, Senhor!**

(Tradução: Salomão Rovedo)

O escudeiro de Caíssa



Fernando Melo - O escudeiro de Caíssa
Editora Ideia - João Pessoa 2017
www.ideiaeditora.com.br

O tempo é aparente, como deve ser o tempo. Numa época em que éramos jovens, a mácula do idealismo nos sujou feio e forte: eu e Fernando Melo amávamos o xadrez. Mesmo distanciados geograficamente, compúnhamos uma equipe coesa, um time desses que se juntam em todos os quadrantes tendo como estatuto o amor pelo simples fazer. Jogávamos, escrevíamos, trocávamos ideias, fazíamos o tempo revirar de cabeça pra baixo, tudo em nome do xadrez. Eis que de repente, sem que algum bólido milagroso avisasse, veio-me a ideia de ir até João Pessoa, cidade que está no meu RG como quadra de nascimento. E também seria tempo da 10ª edição do Torneio Memorial Bobby Fischer, feito memorável de uma pessoa só: Fernando Melo. Se o tempo nos afastou por períodos, agora recompomos nossos conhecimentos, já os cabelos rarearam e trocaram de cor, mas a paixão pelo xadrez continuava correndo em nossas veias. Fui.

O próprio Fernando Melo dá a sua versão do acontecimento:

“Mais de 40 anos – este é o tempo que o conheço sem nunca ter visto – se passaram e finalmente apareceu a oportunidade. Salomão Rovedo veio jogar o Bobby Fischer. Eu sempre admirei o poeta, que vive no Rio de Janeiro, terra de Machado de Assis, e sempre desejei conhecê-lo pessoalmente. Talvez esteja aí um bom exemplo para nunca se perder a esperança. Sabendo, como sei, que a vida é feita de momentos, acredito que essa foi a segunda mais forte alegria que tive nesse final de semana que passou. Conhecer e conversar com Salomão Rovedo é um privilégio. E ter a sua amizade é uma felicidade”.

Devo dizer com a maior sinceridade que a recíproca é verdadeira.

Fosse o encontro um solitário tête-à-tête a coisa poderia se tornar melodramática, mas o evento reuniu centenas de pessoas, diluindo as emoções do encontro. De qualquer modo, foi o maior sucesso. Tanto o meu encontro com Fernando Melo, quanto à 10ª edição do Torneio de Xadrez Memorial Bobby Fischer, que resplendeu os dias e noites de João Pessoa. Entretanto, o que deveria ser comemorado por abraços e louvações pessoais, descambou para o exagero das homenagens: Fernando Melo resolveu me incluir entre os Paladinos do Xadrez que receberiam justos preitos, encabeçados pelo potiguar Luís Macedo, o Paladino do Nordeste, completando a tríade Salomão Rovedo (Sudeste) e Ary Born (Sul). Foi uma grata surpresa tanto para o festejadíssimo nonagenário Macedo, para mim e para o Ary Born.

Torneios de xadrez ocorrem por vários motivos. O primeiro é para lançar a juventude na aventura do xadrez. O iniciante tem oportunidade de enfrentar mestres e testar seus conhecimentos. Aprende também a enfrentar o ritual ético e prático das competições, a conhecer e cumprir as regras, a manter a disciplina, indispensável e necessária para seguir adiante. Os Mestres, que nas primeiras rodadas enfrentam os de menor rating, têm que tomar precauções para não ser surpreendido por um iniciante – coisa que é inevitável ocorrer. Os veteranos consagram a presença nos torneios para cumprir o fado, o destino: seguir jogando. E também para rever e abraçar os amigos que só reencontram nas competições.

Assim foi esse X Memorial Bobby Fischer de 2019. Mas entre tantos regalos e agrados o que mais me tocou foi ter recebido o livro que Fernando Melo escreveu em 2017 “O escudeiro de Caíssa”, no qual o autor refaz – de modo simples e direto – a trajetória de Bobby Fischer rumo ao Campeonato Mundial de Xadrez em 1972. Ele mesmo confessa por que não se enveredou por estradas que não interessam aos admiradores devotados, mas sim a escribas e fofoqueiros: *“Sua ideologia, crença, sua vida particular e principalmente o que aconteceu a partir do dia em que conquistou a coroa mundial, até a sua morte, não são temas para este livro”*.

O livro em si é empolgante. O texto, como todo texto bem escrito, é fluido, escorre manso como os rios interioranos. Peguei para ler no pouco espaço de tempo que intercalava as rodadas do torneio e só larguei na

última página, na esperança de que no vácuo que se formou tivesse mais alguma coisa. Fiquei com gosto de quero mais... Parafraseando o próprio Fernando Melo, direi: *Essa foi a mais forte alegria que tive nesse final de semana que passou.* E agora não escrevo nenhuma palavra a mais! Quem quiser saber de que se trata que escreva ao Fernando Melo e reze para que aconteça o milagre de ele ter algum exemplar na gaveta para oferecer a você.

Rio de Janeiro, Cachambi, 4 de abril de 2019.

José Angel Buesa (Cuba, 1910-1982)

Con la simple palabra

**Com la simple palabra de hablar todos los días,
Que es tan noble que nunca llegara a ser vulgar,
Voy diciendo estas cosas que casi no son mías,
Así como las playas casi no son del mar.**

**Con la simple palabra con que se cuenta un cuento,
Que es la vejez eterna de la eterna niñez,
La ilusión como um árbol que se deshoja al viento,
Muere com la esperanza de nacer otra vez.**

**Yo com simple palabra te ofrezco lo que ofreces,
Amor que apenas llegas cuando te has ido ya:
Quien perfuma una rosa se equivoca dos veces,
Pues la rosa se seca y el perfume se va.**

**Com La simple palabra que arde em su próprio fogo,
Siento que en mi es orgullo lo que em otro es desdén:
Las estrellas no existen en las noches del ciego,
Pero, aunque el no lo sepa, lo iluminan también.**

**Y así como um arroyo que se convierte en río,
Y que en cada cascada se purifica más,
Voy cantando este canto tan ajeno y tan mío,
Com la simple palabra que no muere jamás.**

Com a simples palavra

**Com a simples palavra de falar todos os dias,
Que é tão nobre e nunca chegará a ser vulgar,
Vou dizendo coisas que quase não são minhas,
Assim como as praias quase não são do mar.**

**Com a simples palavra com que se conta o conto,
Que é a velhice eterna da eterna meninice,**

**A ilusão, como a árvore que desfolha ao vento,
Morre com esperança de nascer outra vez.**

**Eu com simples palavras ofereço o que ofereces,
Amor que somente chega quando já tiveres ido:
Quem perfuma a rosa se equivoca duas vezes,
Pois a rosa seca e o perfume é consumido.**

**Com a simples palavra que arde no próprio fogo,
Sinto que em mim orgulho o que noutro é desdém:
As estrelas não existem nas noites de um cego,
Mas, ainda que ele não saiba, o iluminam também.**

**E assim como um riacho se converte em rio,
E que a cada cascata se purifica mais e mais,
Vou cantando este canto tão alheio e tão meu,
Com a simples palavra que não morre jamais.**

(Tradução: Salomão Rovedo)

Diário do Wordpress (excerto)

Quando o Covid-19 se espalhou por toda a Terra em forma de Pandemia, muitos passaram a dar 2020 como um ano perdido. Sim, o ano de 2020 está perdido de muitas maneiras. No entanto, em muitas coisas o melhor (e o pior, infelizmente) da humanidade dirá que 2020 foi um ano profícuo. No alvorecer da vida a humanidade descobriu que deveria se juntar para resistir às forças naturais e selvagens. Formaram tribos e famílias. No ano de 2020 a ciência prega que devemos nos separar para sobreviver ao ataque do vírus. Antes, unidos. Em 2020, separados – o que nem a Oligarquia, a Política, a Opressão, a Guerra, nem mesmo a Religião conseguiu. O perigo é que o Covid-19 abriu caminho a todos os vírus que estão na Terra desde sempre. A Terra está fraca, as forças naturais se revoltam, o meio-ambiente que sempre atuou de forma equilibrada agora reage violento: furacões, secas, incêndios, tremores, tsunamis. A bolha ecológica que protegia o homem explodiu liberando vírus, germes, micróbios, bactérias e outros micro-organismos. Agora se sabe como as Civilizações desaparecem.

-0-

O escritor Quincas Oliveira, que leio sempre e frequenta estas notas com assiduidade, por deferência especial me ofereceu leitura de crônica inédita, que irá publicar na coluna semanal do jornal O Estado do Maranhão. O ato de escrever nasceu nele não como um milagre de São Bento, mas por obra de estudo, anos de jornalismo, prática casuística, do ofício de amanuense. Escrita clara, impecável e de fácil compreensão, como deve ser crônica de jornal. Foi esta opinião que dei ao fim da leitura. Mas em meio ao texto de duas laudas me deparei com a ausência de um artigo – um simples “a” – que não era imprescindível, mas deixava a descrição do enunciado mais fluente. Peguei um lápis, abri uma chave e acomodei lá o “a” solitário. Feito isso devolvi o texto relatando a inserção opcional – como de fato era. Dias depois Joaquim Itapary – meu primo Quincas Oliveira – me mostra o jornal com a crônica. E lá estava escondido ao meio do texto que contava histórias, fazia críticas e elogios à cidade de São Luís, o humilde “a” de minha sugestão, pequenininho, mínimo, mas cheio de garbo.

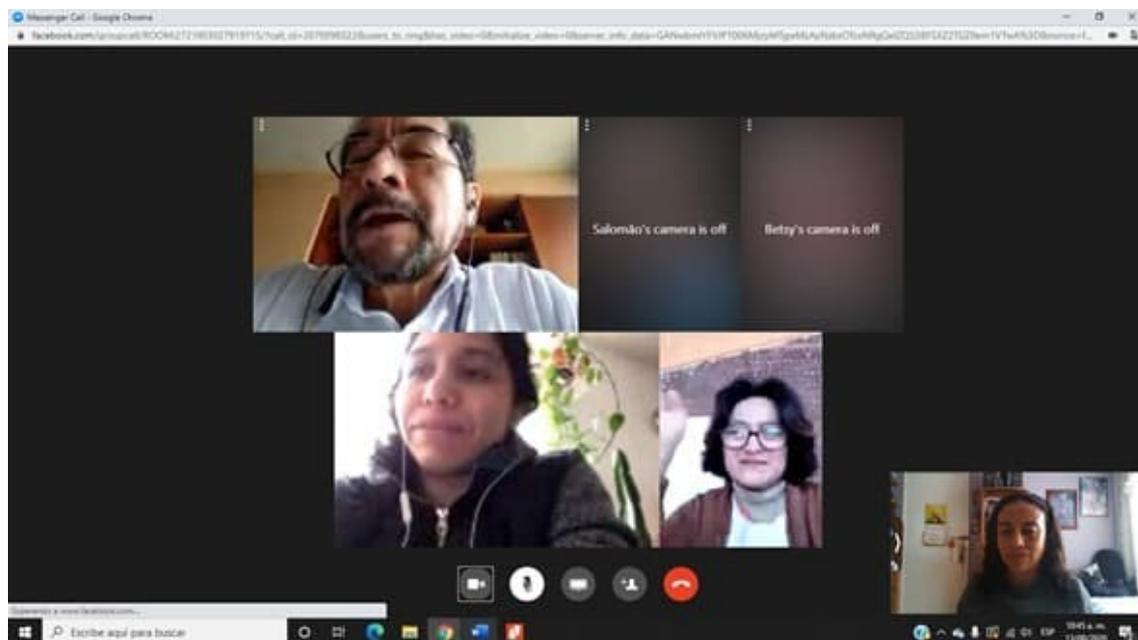
Relendo Jules Verne em “A volta ao mundo em 80 dias” – que já serviu a um montão de interpretações do cinema, teatro, música e outras artes – no Capítulo XIX: “Em que Passepartout se interessa muito mesmo pelo patrão e o que daí se segue”, mostra que o famoso escritor já denunciava o uso de drogas e as consequências funestas que afetam toda a sociedade:

“Uma taverna se abria para o cais. Tinha um aspecto atraente. Entraram. Era uma vasta sala bem decorada, ao fundo da qual se estendia uma cama de campanha, guarnecida de almofadas. Sobre este leito estavam enfileirados um certo número de pessoas dormindo. Uns trinta fregueses ocupavam na sala principal pequenas mesas de junco trançado. Alguns esvaziavam copos de cerveja inglesa, Ale ou Porter, outros sorviam bebidas alcoólicas, Gin ou Brandy. Além disto, a maioria fumava compridos cachimbos de barro vermelho, cheios de bolinhas de ópio misturado com essência de rosa. De tempo em tempo, algum fumador inebriado deslizava para baixo da mesa, e os criados do estabelecimento, tomando-o pelos pés e pela cabeça, colocavam-no sobre a cama de campanha perto de um confrade. Uns vinte estavam já deitados lado a lado, no último grau de embrutecimento. Fix e Passepartout compreenderam que tinham entrado num antro fumacento frequentado por esses miseráveis, abestalhados, emagrecidos, idiotas, aos quais a mercantil Inglaterra vende anualmente duzentos e sessenta milhões de francos dessa droga funesta chamada ópio! Tristes milhões, adquiridos com um dos mais funestos vícios da natureza humana. O governo chinês bem que tentou remediar este abuso com leis severas, mas em vão. Da classe rica, à qual o uso do ópio inicialmente era formalmente reservado, este uso desceu até às classes inferiores, e o turbilhão não pode mais ser detido. Fuma-se ópio em todos os lugares e sempre no Império do Meio. Homens e mulheres dão-se a esta paixão deplorável, e uma vez costumados à inalação, não podem passar sem ela, sem experimentarem horríveis contrações do estômago. Um grande fumador pode fumar oito cachimbos por dia, mas morre em cinco anos”.

“Uma tão extensa amplitude de vida corresponde quase sempre uma profundidade limitada, um pequeno calado intelectual. Para se dançar tão habilmente sobre as vagas, é preciso ter-se uma leveza de cortiça - e é nisso precisamente que consiste toda a arte de viver de Casanova, sem nenhuma virtude singular e sem nenhuma força misteriosa. Não; a sua arte de viver é a consequência de qualquer coisa negativa, uma carência absoluta de todo lastro moral ou tático. Se se lhe dissecasse o espírito, não se encontraria nele um só órgão moral. O coração, os pulmões, o fígado, o sangue, o cérebro, os músculos, e as glândulas sexuais, sobretudo, tem nele um máximo desenvolvimento; mas qualquer um ficaria surpreso ao sentir um vácuo perfeito, isto é, nada, nesse recanto do espírito onde normalmente se abrigam os princípios morais, as convicções que formam o caráter” – escreveu Stefan Zweig sobre Casanova, mas se substituir o nome do memorialista por milhares de outros (inclusive o meu), também terá acertado.

(Giácómo Casanova - Memórias - José Olympio Editora, 1957).

Com alunos do idioma português do México



Eis-me de repente participando de palestra com alunos mexicanos da língua portuguesa, Rigoberto Rodriguez, Betsabe Hernandez, Penélope Fernandez, Elena Crispin e Beatriz Sanchez, que, com a Orientadora Prof^a Fabíola Torruco Pedrero, leram poemas do meu livro “Sete Canções”. Devo dizer que a turma não fez feio, nem na dicção, nem nos questionamentos, fugindo do lugar-comum para exigir depoimento concernente às poesias e ao estudo da língua portuguesa.

Apesar de saber que vários países falam o português – inclusive a Pátria-Mãe Portugal – o grupo escolheu o brasileiro para estudo. Acredito que a eleição se deve a muitos e gloriosos motivos, inclusive porque o brasileiro adquiriu liberdade com relação a Portugal, assim como a língua mexicana derivada do espanhol, mesclada a expressões nativas, ganhou status de falar independente. Parabéns à Prof^a Lola Pedrero e ao animado grupo de “novos brasileiros”...

Fala

Querida Docente e Discentes do curso de língua portuguesa, ministrado pela professora Fabíola Pedrero. Hoje, dia 11 de agosto teríamos

a primeira reunião em vídeo, mas eu não tinha nada preparado ou escrito para a ocasião. Faça-o agora. Primeiro quero agradecer por estar usando as poesias do meu livro “7 Canções” como base de estudo. Depois, dizer que gostei muito das gravações que a Profª Fabíola (com quem já troquei muitas ideias), enviou com um recado, especialmente da leitura que a aluna Penélope fez do poema “Canção das Dunas Estelares”. Ainda há uma longa estrada a percorrer, mas parablenizo a Profª Fabíola, pela técnica de ensino e as alunas, pela aplicação e vontade de aprender.

Aprender uma língua diferente da nossa também deve trazer uma carga de desejo, alegria e prazer. Vocês sentirão como é prazeroso ouvir a língua portuguesa nas ruas, no teatro no cine ou nas conferências e entender, traduzir e decifrar tudo. Conheço um pouco o espanhol e já tive essa experiência. Por isso digo que todas vocês sentirão a mesma alegria e emoção. A emoção, a alegria e o prazer, fazem parte do aprendizado.

Existem dificuldades comuns, para o brasileiro que estuda o espanhol e para os espanhóis que querem aprender o brasileiro. O fato que mais traz dificuldades e o sentimento de que são línguas “parecidas”, irmãs, gêmeas. Essa tendência, inevitável, leva a crer que aprenderemos rápido, mas não é assim. Cada aprendizado depende de intensidade e persistência – mas na hora da colheita tudo será alegria.

A semântica exige sacrifício – mas isso é matéria para a Profª Fabíola. As maiores dificuldades virão da terminação que acabei de repetir atrás em duas palavras: “ão” – “ãe”, mas pensando bem se trata apenas de uma curva sonora. Pronunciem-nas como se estivessem cantando, com a tonalidade grave, fechada: canção!

Tenho uma sugestão: que ao encerrar-se o curso façam a tradução das “7 Canções”, não para o espanhol clássico, mas para o mexicano, nem íntimo, como falado na sua terra. Pensem nisso.

Acompanharei com alegria essa prazerosa jornada na qual todas vocês estão empenhadas a cumprir e alcançar o fim. Profª Fabíola e queridas alunas, recebam o meu abraço distante.

Detetives na TV

Depois de assistir as séries do Detetive belga Hercule Poirot, ambíguo em todas as acepções, das estrepolias do casal Tommy Beresford e Prudence “Tuppence” Cowley, dos pitacos de Miss Marple e as aventuras da própria novelista Agatha Christie, fui explorando as produções detetivescas inglesas e francesas. Passei por “Inspetor-chefe Morse”, homem culto, apreciador de ópera e arte, que largou a faculdade de Oxford para participar da guerra e depois ser policial. O Inspetor, já maduro na idade, gosta de birita e vive cantando as mulheres – que às vezes ganha, às vezes não. A morte de Morse e seu intérprete John Thaw aos 60 anos, gerou mais duas produções: “Endeavour” (o Inspetor quando jovem), exibido em 2012 para celebrar os 25 anos de Morse e “Lewis”, seu sargento-detetive inseparável, finalmente promovido a Inspetor-chefe.

De entremeio assisti a série do Comissário “Maigret”, baseada no texto escrito a partir de 1930 pelo belgo-suíço Georges Simenon, cuja excelência e qualidade fizeram com que fosse adotada por vários países europeus. As últimas aparições de “Maigret” foram recentemente produzidas pela BBC, tendo Rowan Atkinson (Mr. Bean), como intérprete. Tem também “Padre Brown”, sacerdote católico e detetive amador, cujas histórias foram escritas entre 1910 e 1936, pelo romancista inglês G. K. Chesterton. O Padre Brown, bom conhecedor da natureza humana, resolve mistérios e crimes por intuição.

Pois agora jogam na telinha a figura mais antiga ainda do “Frade Cadfael”, baseada em “The Cadfael Chronicles”, novelas de Ellis Peters. Cadfael é um herborista, ex-combatente das Cruzadas que participou da Tomada de Jerusalém. Abalado pela carnificina que presenciou, mesmo sem convicções religiosas, internou-se num convento beneditino, onde cultiva ervas e produz medicamentos naturais. Nos tempos de sobra é convocado, tanto pelo xerife quanto pelas autoridades, para resolver os crimes que ocorrem nos tempos medievais. A produção é de 1994/1998, então, isso dá a entender quanta coisa boa tem guardada por aí que precisa ser jogada no Youtube, Vimeo, etc. Um recado: BBC vê se acelera essas entregas, porque já estou com o pé na cova!

Não sei por quê, mas autores de novelas de detetives escolhem os personagens já na meia-idade e não jovens ambiciosos para crescer na

carreira. É claro que me refiro a livros e filmes que li e assisti. São os coroaos que fazem sucesso. O primeiro deles, claro, é Auguste Dupin, detetive criado por Edgar Allan Poe na famosa novela “Os assassinatos da Rua Morgue”, publicado em abril de 1841. Aliás, Allan Poe é considerado precursor da literatura policial-detetivesca, cuja primeira influência confessa foi Sir Arthur Conan Doyle, criador do Sherlock Holmes. Poe jogou o cenário para a Europa (o detetive mora em Paris) e sua atuação se estende a mais duas obras: “O mistério de Marie Rogêt” e “A carta roubada”. Dupin fuma muito, gosta de uísque (às vezes do vinho borgonha), joga duro nas investigações e sempre chega ao suspeito. Morto aos 40 anos, Poe não pôde concluir sua obra literária, que também abrange jornalismo, poesia e teatro.

Já o famoso Sherlock Holmes, investigador particular de fins do Séc. 19 e início do Séc. 20, aparece pela primeira vez em 1887 na novela “Um estudo em vermelho”. Holmes ficou famoso por usar métodos científicos, lógica dedutiva, aliados às pesquisas do companheiro Dr. Watson. As marcas particulares são o cachimbo com a piteira quase vertical em curva, a capa xadrez que ninguém em Santa Maria tem coragem de usar e o violino desafinado onde mal toca algumas notas. Um dos maiores personagens do romance policial, Holmes também gostava de dar uma cheiradinha. Como curiosidade: em 1874, o emigrante alemão Frederick Kapp mudou a fábrica de cachimbos de Londres para Dublin (Irlanda). Um ano depois, Fred empregou o jovem marceneiro letão Charles Peterson para ajudá-lo no fabrico e reparos de cachimbos. Anos depois Peterson assumiu a fábrica e lançou a coleção Sherlock Holmes, que existe até hoje.

Hercule Poirot é o mais célebre dos muitos personagens criados por Agatha Christie. O detetive belga mora na Inglaterra, onde chegou como refugiado da I Guerra Mundial. O vaidoso Poirot se veste elegantemente, tipo janota, vive se gabando do uso que faz das células cinzentas para entender e desvendar a mente criminoso. Nas páginas dos livros, é descrito como de cabeça oval, olhos que brilham quando descobre uma pista e um excêntrico bigode. Poirot apareceu no livro de estreia de Agatha Christie “O misterioso caso de Styles” (1920) e figurou em mais 84 obras (romances e contos). A ideia de Agatha Christie para criar Poirot veio de um refugiado belga que acolheu, com o qual teve um amorico. Dona Agatha não era mole. Em suas obras os casais se diversificam com toda liberdade: bissexuais, lésbicos, homossexuais – em se tratando de amor, era libertária. A primeira

aventura detetivesca de Poirot, “O Misterioso Caso de Styles”, foi publicado em 1921 e a última, “Cai o Pano” (a morte de Poirot), em 1975. No dia 6/8/1975, Poirot mereceu obituário de primeira página no The New York Times. Na autobiografia que deixou, Agatha Christie explica que matou Poirot porque não queria que ninguém escrevesse sobre ele depois que ela morresse. É amor ou não é? Aquele que se tornou o personagem mais famoso da Rainha do Crime, de nacionalidade belga (e não inglês), Poirot é peculiar: se orgulha da forma como usa o cérebro para resolver mistérios, sem usar armas nem violência. Além do belo bigode, tem sempre aparência elegante e vestir impecável. Casos marcantes foram: “Assassinato no Expresso Oriente”, “Morte no Nilo”, “Morte na Mesopotâmia”, “Os crimes A.B.C.”, “Cipreste triste” e “O assassinato de Roger Ackroyd”, considerado por alguns a melhor novela policial de todos os tempos. É de notar que Agatha Christie jamais deixou que Hercule Poirot se enamorasse de outra mulher: jamais namorou, jamais noivou, jamais casou. Nos assédios femininos – havia alguns – dava sempre um jeito de sair pela tangente. Uma má fama para os belgas, mas dona Agatha não gostava de se sentir traída...

O londrino Padre Brown, padre detetive, mais uma produção britânica, foi baseado no livro de G. K. Chesterton “A Inocência do Padre Brown”. Começou bem: o padre é representado pelo célebre ator Alec Guinness. A trama conta a história da dialética relação entre o Padre Brown e Gustav Flambeau, famoso ladrão a quem o padre busca persuadir a abandonar o crime. Brown é padre católico e investiga crimes numa vila, ambiente interiorano, auxiliado por alguns moradores. Hoje quem veste a batina é Mark Williams, conhecido por ter interpretado Arthur Weasley, na série de Harry Potter. Apesar da fama ter vindo do cinema, o ator é veterano na televisão. – A TV é uma chance de viver papéis excelentes, disse numa entrevista. – Também é bem mais rápido trabalhar com séries do que filmes, que levam muito tempo para serem gravados.

É um padre simpático, condescendente, vive em contínuo atrito com as autoridades policiais do local, pois sempre consegue solucionar os crimes e mistérios antes deles. A série é nova e irregular no Brasil, uma sacanagem porque “Padre Brown” é transmitido desde 2013 no mundo todo. Mas aqui não é o mundo, é o cu do mundo. Dizem que essa sacanagem é devido à comparação às aventuras de Sherlock Holmes, de Sir Conan Doyle. Segundo alguns críticos, o conceito é válido, pois Sherlock Holmes reviveu

como “o jovem Sherlock”: em adaptação da BBC o detetive usa métodos modernos, técnicas científicas atuais e mora na movimentada Londres dos dias de hoje. Enquanto isso, Padre Brown está nos anos 1950 redimindo as desventuras no interior da Inglaterra. E eu com isso?

Auguste Dupin, considerado o primeiro detetive da ficção policial, foi criado por Edgar Allan Poe. Pode ser que a visão de Poe ou de seus editores fosse curta demais para acreditar num personagem permanente, mas o fato é que Dupin estrelou somente três episódios: Os Assassinos da Rua Morgue (1841), O Mistério de Marie Rogêt (1843) e A Carta Roubada (1844), considerados ainda hoje as primeiras histórias de detetive da moderna literatura de mistério. Edgar Allan Poe também inaugurou o estilo do policial sem armas, que usam o raciocínio lógico, a intuição, a análise dos fatos, o passo a passo do crime, desenhando cada detalhe, estabelecendo padrões, que levam direto à elucidação do crime.

Nessas três histórias Poe fixou a necessidade da presença do *contraponto*, ou seja, aquele personagem que auxilia o detetive preenchendo os espaços deixados nas investigações, equilibrando as deduções quando se tornam mirabolantes demais, chamando a atenção aos detalhes esquecidos. Neste caso, quem auxilia Auguste Dupin é o amigo com quem divide o apartamento em Paris. É a persona-raiz que viria desembocar na figura do Dr. Watson sherloquiano, responsável nos romances de Conan Doyle pelo registro e publicação das peripécias investigativas da dupla. Outros clichê criado por Edgar Allan Poe é a inusitada reunião num só espaço de todos os suspeitos, na qual o detetive explica em detalhes como chegou ao culpado, descartando as pistas falsas plantadas para atrapalhar a investigação. Esse método foi seguido mais de perto por Agatha Christie, através do indefectível detetive particular belga Hèrcule Poirot.

Dick Trace. O mais durão dos detetives das histórias em quadrinhos foi criado pelo cartunista Chester Gould em 1931. Tracy entrou para a polícia após o assassinato do pai de sua noiva, Tess Trueheart, morto por bandidos. Em sua incansável luta contra o crime, antecipou modernos apetrechos eletrônicos, como o videofone. Com ele, conseguia se comunicar, à distância, com os colegas da polícia. Em 1990, foi interpretado pelo galã Warren Beatty no cinema. Nero Wolfe. Criação do estadunidense Rex Stout, Wolfe é um detetive privado e sua primeira aparição aconteceu no livro *Serpente*, de 1934. O narrador dos livros é sempre Archie Goodwin, o

ativo e intrépido assistente e responsável por buscar as pistas para que Wolfe resolva os intrincados mistérios sem sair de casa. Entre suas tramas mais famosas estão: *A confraria do medo*, *Milionários demais*, *A voz do morto*, *Mulheres demais* e *A caixa vermelha*.

Comissário Jules Maigret. O mais popular entre os personagens criados pelo escritor belga Georges Simenon ficou conhecido por sua incrível capacidade de compreender a natureza de seus investigados. Ele aparece em 75 romances e 28 contos publicados entre 1931 e 1972. Recentemente foram lançados alguns telefilmes, com o protagonista interpretado por Rowan Atkinson, famoso pelo personagem Mr. Bean. Para quem quer conhecer mais do comissário, recomendamos: *Pietr, o Letão* – primeira aparição de Maigret, *A velha senhora* e *Maigret no tribunal*.

A idosa senhorita Jane Marple não é propriamente 'detetive', é mais a observadora que se aproxima sorrateira e inocentemente dos suspeitos e envolvidos para farejar culpas e assim decobre muitas evidências, as quais trata de repassar de modo ambíguo à autoridade policial responsável pelo caso. Miss Marple é solteirona, mas nas mais de 30 histórias em que foi personagem sabe-se que teve o seu grande amor perdido na guerra, cuja fidelidade e lembrança mantém guardadas na memória, nas fotos antigas e em pequenos objetos sentimentais. A senhora solteirona vive no vilarejo de St. Mary Mead, é famosa entre os moradores e temida pelas autoridades policiais que em geral são atropeladas nas investigações: ela desvenda os mais intrincados crimes e mistérios baseando-se apenas no conhecimento psicológico da natureza humana, seus defeitos, suas fraquezas.

O primeiro caso de Miss Marple foi “Assassinato na casa do pastor”, publicado em 1930, livro que foi imediatamente para a lista de best-seller, provocando uma sequência inumerável de casos. Entre a xícara e chá e o tricô, Jane Marple cuida do jardim, lê o jornal, visita vizinhos e desvenda mistérios. O último caso de Miss Marple foi “Um Crime Adormecido”, escrito em 1940 mas só saiu em 1976, após a morte de Agatha Christie. Para o necessário contraponto, o sobrinho Raymond West, que vive subestimando as qualidades detetivescas da tia Jane, ela solta frases enigmáticas e cheias de quebra-cabeças, todas, porém, encaminhando à solução do crime, à confissão e prisão do culpado.

Philip Marlowe. Personagem de oito romances de Raymond Chandler, Marlowe fez sua estreia em O sono eterno, de 1939. O detetive apareceu numa em publicações populares explorando contos ficcionais sobre crimes, surgida nos Estados Unidos em meados dos anos de 1920. Ele é beberrão, tem uma atitude contemplativa e filosófica. Não teme riscos físicos nem de usar violência quando necessário. Moralmente correto, ele encontra em suas aventuras várias “mulheres fatais”. Entre seus romances temos: Adeus, minha adorada, Janela para a morte e O longo adeus.

Escrever e publicar

Ivo Korytowski – tradutor, escritor, youtuber, filósofo, fotógrafo, criador de gatos de rua (entre outros talentos), que vem divulgando seus úteis trabalhos pela internet, palestras e aulas – é dono de universidades e prosas raras. Sempre que possível, trocamos ideias que acabam por enriquecer em muito o baú de conhecimentos deste modesto escriba. A última mensagem que recebi do caro amigo foi para me indicar um editor paulista que, pelo visto, não pensa só no lucro, como fazem todas as editoras do mundo todo: quer dizer, se preocupa também com o lado cultural e educacional dos que leem os livros que produz. Essa indicação, que aceitei tão entusiasmado como o rapaz que visita o editor, orgulhoso com os originais do livro de poesia no sovaco, me remeteu de imediato aos primeiros anos quando cheguei ao Rio de Janeiro nas décadas de 1960, também com a primeira ruma de poesia que consegui juntar, apesar de não ser escritor *full time*: trabalhava, estudava à noite e morava em Todos os Santos, próximo à casa em que viveu Lima Barreto.

Após pesquisar as Páginas Amarelas e Listas Telefônicas, relacionei as editoras cariocas e fui à luta. Na peregrinação que se seguiu conheci Alfredo Machado, que tinha transformado a Distribuidora Record de Serviços de Imprensa na Editora Record. Carioca de Bonsucesso, Alfredo Machado começou a trabalhar ainda estudante, fazendo estágio n’O Globo, editando tiras de super-heróis do encarte juvenil do jornal. Se não me falha a memória, o primeiro escritório da Record era na Av. Erasmo Braga, prédio amarelo, ao lado da também Editora Forense que publicava livros de Direito. O velho Machado me recebeu bem, sincero como poucos: – Já sei: livro de poesia! – e depois de um cafezinho, largou: – Salomão, autor brasileiro não vende. Poesia então... Não precisa dizer que ele tinha razão.

A Editora Record cresceu debaixo de duas premissas: republicar romances estrangeiros populares e vender não só em livrarias, mas também em bancas de jornal. As vendas eram alavancadas por dois ícones: Sidney Sheldon, Morris West, Harold Robbins, verdadeiras máquinas de best-sellers. Entremeavam as estrelas nomes pouco conhecidos, que vendiam igualmente. Para os romances mais picantes e polêmicos, a editora pediu emprestado o nome de Nelson Rodrigues – também autor sob pseudônimo – para ‘assinar’ as traduções. A fórmula era sucesso certo.

O atrevimento ingênuo rendeu condescendência: sempre que estava nas redondezas visitava o velho Machado. Quando o encontrava muito ocupado, dava alô e até logo, sempre depois do cafezinho, claro. Certa vez levei os originais de “Cristo, esse desconhecido” do psiquiatra e escritor gaúcho Ernesto Bono, missão dada por Luiz Carlos Maciel, então o Papa da Contracultura. Era um calhamaço de +- 400 páginas que, depois de avaliado, do empenho de Maciel e outros, foi publicado e mereceu 2ª edição. Hoje – debaixo do nariz corrupto do CADE – a Record, sem ser contestada, praticamente monopoliza a publicação de livros no país. Alguém precisa contar essa história...

Tempos depois, nova missão, novos originais de Ernesto Bono. Era o “Psiquiatria, sexo e contracultura”, logo de cara recusado pela Record. Maciel – que era o prefaciador oficial do conterrâneo gaúcho – me ligou pedindo para pegar a papelada e partir à caça de editor. “Passa aqui e depois seguimos para o Opinião.” Dei uma desculpa no trabalho e parti para encontrar o guru da contracultura. O jornal Opinião era um tabloide como O Pasquim, mas sem as babaquices e canalhices d’O Pasquim. Desde os primeiros números se firmou como formador de opinião político-cultural. Chegamos lá ouvindo em primeira mão a notícia de que o Opinião acabara de entrar no rol de jornais censurados. O jovem Cássio Loredano, debruçado sobre a prancha, transformava um retrato 3x4 em caricatura, tão ácida e crítica como os artigos e editoriais saídos no jornal. Quanto aos originais de Ernesto Bono, com o prefácio de Luiz Carlos Maciel, foi por mim levado à recém-criada Pallas Editora – pequena, mas valente – que publicava temas esotéricos, críticos e marginais. O texto foi analisado e mandado publicar. E assim encerrei a minha carreira de agente literário sem ganhar tostão.

O Governador Carlos Lacerda, dono do jornal Tribuna da Imprensa, viu que o amigo Alfredo Machado estava se dando bem e aproveitando o parque gráfico que possuía, andou imprimindo alguns livros, mais por promoção política que vocação para editor. Foi assim que publicou duas edições do “Fulô do Mato” de Renato Caldas, em repto mendigado pelo autor, quando o então governador da Guanabara, aspirante à Presidência da República, lançou a campanha “Ajuda teu irmão” visando arrecadar fundos para combate à seca do Nordeste: *Seu doutor Carlos Lacerda/que inventou essa merda/de ajuda teu irmão/publique Fulô do Mato/ajude o velho Renato/poeta lá do sertão*. Tempos depois Carlos Lacerda iria fundar a

Editora Nova Fronteira, cujo legado ficou com os filhos e depois foi cair no colo da Editora Record. Também as cestas de lixo da Nova Fronteira receberam originais dos meus Pobres Cantares...

Essa movimentação me transformou de poeta inédito a rato de editoras e livrarias. Passei a frequentar as livrarias Civilização Brasileira, na Rua 7 de setembro; a Livraria Vozes, na Rua Frei Luis (Tabuleiro da Baiana); o Real Gabinete Português de Leitura, na Rua do Teatro; a Livraria São José, na Rua do Carmo; a Livraria Padrão, na Rua Miguel Couto; os sebos da Rua da Carioca, Alfândega, Rosário e arredores da Pç. Tiradentes; se tempo sobrasse uma esticada à Livraria José Olympio, na Rua Marquês de Olinda, em Botafogo; e a insuperável Biblioteca Nacional, na Cinelândia, da qual sou pesquisador de carteirinha. Aliás, a Civilização Brasileira se tornou – junto com a Livraria São José, na Rua do Carmo – ponto de encontro com amigos, escritores, poetas frustrados como eu. Foi isso que nos levou à marginalidade, a produzir livros mimeografados, à venda em bares, boates, praças e praias – mas isso é outra história.

Mais raramente, devido à localização, ia à Editora José Olympio, na Rua Marquês de Olinda, Botafogo. Mesmo quando morei na Voluntários da Pátria, não era muito de ir por lá – achava o local muito elitista, apesar de ser sempre bem recebido. Nunca encontrei nenhum dos figurões que a editora publicava, mas o próprio José Olympio vi uma ou duas vezes. No quarto e último andar da José Olympio tinha um restaurante e cantina, mas os preços não cabiam no meu bolso – dava apenas para um cafezinho, tempo necessário para apreciar os quadros, as xilogravuras e umas talhas enormes assinadas por Poty. Diz-que os almoços, principalmente aos sábados, eram uma tradição, com a presença de diversos escritores, editados ou não. Nunca fui. Mais apetitoso era o vizinho da editora, o Clube Sírio e Libanês, cujos bailes de Carnaval eram famosos, os convites muito disputados, as Colombinas sempre belíssimas e doidivasas.

A minha paixão pela Civilização Brasileira começa pelo fim. Corria o tempo dos governos militares, a direita imperava, a casa da Rua 7 de setembro – sede da livraria e da editora – foi incendiada pela TFP, os bombeiros chegaram e tacaram água para apagar o fogo. Se incendiar livros é um processo que vem desde a história antiga, tentar apagar o fogo com água é o fétetro do livro de papel. A Civilização Brasileira do Rio de Janeiro quase foi ao chão. Ao reabrir das cinzas, além das prateleiras, o

salão ganhara longas fileiras de tabuleiros de madeira simples entulhados de livros: era a liquidação dos salvados do incêndio, tudo vendido a preço de jaca. Foi nessa ocasião que formei a melhor biblioteca que já tive.

Ênio Silveira tinha entusiasmo por autores brasileiros: publicou *O Encontro Marcado*, de Fernando Sabino, *Poema Sujo*, de Ferreira Gullar (trazido em mãos de Buenos Aires por Vinícius de Moraes), *Canto ao Meio*, de Mauro Mota, *Oswald de Andrade (Obra Completa)*, *Millôr Fernandes (Teatro)*, *Aníbal Machado (A morte da porta-estandarte)*, *Guilherme Figueiredo*, *Adonias Filho*, *Álvaro Lins*, *Rachel de Queiroz (O Quinze)*, *Dalton Trevisan (O vampiro de Curitiba)*, *João Antônio (Malagueta, Perus e Bacanaço)*, entre centenas de outros éditos e inéditos... Entre autores estrangeiros, a conta não cabe aqui: *Ulisses*, de James Joyce, *Lolita*, de Vladimir Nabokov, *O Advogado do Diabo*, de Morris West, *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway, *Friedrich Nietzsche*, *Stefan Zweig*, *Graham Greene*, *Ira Levin*, e por aí vai.

A história da *Civilização Brasileira* se confunde com a vida de Ênio Silveira: fundada em 1929 por Getúlio Costa, a editora foi incorporada à Cia. Editora Nacional, de Monteiro Lobato e Octalles Marcondes. Porém, somente sob a direção de Ênio Silveira (genro de Octalles), a *Civilização Brasileira* se distinguiu do caduco mercado editorial brasileiro. Ênio Silveira assumiu a direção e incrementou a casa, tornando-a a principal editora do país. Em 1963, ele ficou com o controle total da editora e no ano seguinte o catálogo ganhou 46 novos títulos. Nos anos 1960, iniciou a coleção *Retratos do Brasil*, com alguns títulos políticos. As publicações de esquerda cresceram, Ênio renovou a imagem da editora, contratou Eugênio Hirsch como produtor, capista e diagramador, iniciando a revolução gráfica que seria imitada por toda a indústria editorial.

Essa liberdade editorial esbarrou no Golpe Militar de 1964: livros foram confiscados, autores foram presos ou proibidos de publicar, livrarias fechadas, saqueadas e depredadas por extremistas de direita, autores foram declarados *persona non grata* pelo regime, livros eram vetados apenas porque tinham capas vermelhas. A *Civilização Brasileira* foi condenada pelo regime, a residência de Ênio Silveira foi invadida pela polícia em busca de livros proibidos. Mesmo assim ele não desistia de lutar: em 1965, a editora lançou a *Revista Civilização Brasileira*, que teve aceitação imediata

do público leitor, mas depois 21 números acabou, era perigosa demais: no segundo número, a publicação chegou a vender mais de 20.000 exemplares.

Também em 1965, Ênio Silveira foi obrigado pelo governo Castelo Branco a deixar a revista e a editora: tinha sido preso várias vezes. Por isso, em 1966, impetrou Mandado de Segurança contra o DFSP, que foi publicado na Revista. No governo Costa e Silva, bancos foram intimados a não conceder crédito, causando queda na produção e estado de falência na editora. Com a edição do AI-5, entre os mais de 200 detidos estava Ênio Silveira e vários autores publicados pela Civilização Brasileira. No início de 1970, Ênio mais uma vez foi preso, em outubro de 1970, voltou a ser encarcerado e ficou até novembro. Entrementes, milhares de livros foram confiscados das suas livrarias e houve aquele misterioso incêndio já referido acima. Por toda essa vida aventurosa (e venturosa), Ênio Silveira merece estátua, série de TV e livros que contem a história da sua heroica defesa da liberdade de expressão. Ênio da Silveira faleceu em 1996. Nem precisa dizer que também o espólio da Editora Civilização Brasileira caiu nas goelas profundas, insaciáveis como um Buraco Negro, do Grupo Editorial Record.

**Rio de Janeiro, Cachambi, 3 de junho de 2022.
Ano do fim da Pandemia do Covid-19.**

O AUTOR

Salomão Rovedo (João Pessoa, 1942), criado em São Luís (MA), mora no Rio de Janeiro.

Livros: Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo, 1975; Tributo, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso, 1981; Chuva Fina (Antologia), Leila Míccolis/Tanussi Cardoso, 1982; Folgedos, c/Xilos de Marcelo Soares, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilos de Marcelo Soares, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia), 1987.

e-Books:

Poesia: Pobres Cantares, Porca elegia, 7 canções, Sentimental, Amaricanto, bluesia, Mel, Espelho de Venus, 4 Quartetos para a amada cidade de São Luis, 6 Rocks Matutos e 1 romance rasgado, Amor a São Luis e ódio, Sonetos de Abgar Renault (antologia), Glosas Escabrosas (c/Xilos de Marcelo Soares), Suite Picasso, Salomão Rovedo & Sigur Ros, Cancioneiro Nordestino, Arte de Trobar, Proseando com a morte.

Contos: O sonhador, Sonja Sonrisal, A apaixonada de Beethoven, Arte de criar periquitos, A estrela ambulante, O breve reinado das donzelas, Contos Remidos, Um dia direi que te amo e outros contos, Duelo de farelos e outros trambolhos (contos).

Outros: Cervantes e Quixote (Artigos), Gardênia (Romance), Stefan Zweig Pensamentos e Perfis (Antologia), Ilha (Romance), Meu caderno de Sylvia Plath (Antologia), Viagem em torno de Dom Quixote (Ensaio), 3 x Gullar (Ficção), Literatura de Cordel (Ensaio), Por onde andou o cordel? (Artigo), Poesia maranhense (Ensaio), Atila de Almeida - Correspondência Mínima, 1942-A misteriosa morte de Stefan Zweig, A saga dos Gudrun (novela), Carlos Drummond de Andrade e a Literatura de Cordel (ensaio), Diários do facebook (I), Nos tempos d'A Confraria (artigos), O bêbado pede desculpas e cai (novela), O doce olhar das baleias (novela), O gato que ouvia Mahler (novela), O pacto dos meninos da Rua Bela (novela), O pianista da Rua da Carioca (novela), ABL-Pertencer ou não, eis a questão (ensaio), Cartas de amor a Jerusa (novela), Diários do facebook (III), Machado de Assis-Fragmentos de um diário (ficção), Mate as cinco (novela), Diários do facebook (IV), Memorial de Aires: Gênese, Apoteose, Réquiem (ensaio), Seu Machado e Dona Hylde (novela), Crônicas Maranhenses, De Ubaíra a Santa Teresa (ensaio biográfico), Messianismo e Evocação nas crônicas de Joaquim Itapary (ensaio), Pasquim dus temps de la pandemie, The facebook diaries, The Pandemic Times, Assassinato no Cachambi (novela), Crônica dos dias da Pandemia, João Bala (memória).

Obras de Sá de João Pessoa: Macunaíma, em versos de cordel, Antologia de cordel #1 - #2 - #3 e #4, Folhetos de cordel.

Todos os e-books estão disponíveis na Internet:

<https://www.academia.edu>

<http://www.dominiopublico.gov.br>



Foto: Priscila Rovedo